

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADEMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARIA AUGUSTA DE SOUSA TORRES

ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA:
um diálogo a partir do Poema Morte e Vida Severina

RECIFE – PE
2012

MARIA AUGUSTA DE SOUSA TORRES

**ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA:
um diálogo a partir do Poema Morte e Vida Severina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião: Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade.

Orientação: Prof. Dr. Drance Elias da Silva

RECIFE – PE
2012

T693e

Torres, Maria Augusta de Sousa

Ensino religioso e literatura: um diálogo a partir do poema morte e vida Severina / Maria Augusta de Sousa; orientador Drance Elias da Silva, 2012.

135f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2012.

1. Literatura. 2. Ensino religioso. 3. Religiosidade popular. 4. Solidariedade. 5. Identidade. I. Título.

CDU 2:398

MARIA AUGUSTA DE SOUSA TORRES

**ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA:
um diálogo a partir do Poema Morte e Vida Severina**

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador Doutor Drance Elias da Silva - UNICAP

Professor Doutor Gilraz de Souza Aragão - UNICAP

Professor Doutor Remí Klein - UNISINOS

RECIFE – PE
2012

Dedico àqueles que me ensinaram a alegria de partilhar a vida: Augusto Sávio e Marcelo Henrique, filhos que me possibilitaram a experiência da transcendência na imanência; a João Sávio, esposo e companheiro, que sempre incentivou meu trabalho e acredita na minha capacidade de ousar; e aos meus pais, Arminda e Júlio, que já se encontram na plenitude da vida, pela herança que me deixaram: a persistência, a esperança e a verdade.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, ao grande poeta, João Cabral de Melo Neto, cujas palavras permearam toda andança da construção deste trabalho.

À Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, na pessoa do Dr. Gilbraz de Souza Aragão, que coordena com muita competência e sabedoria a pós-graduação em Ciências da Religião, que prontamente aceitou participar da qualificação e arguição final desta dissertação.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, onde leciono e aos colegas do curso de Ciências da Religião, especialmente à amiga doutora Aracele Sobreira Benevides, que sempre acreditou no meu trabalho.

Um agradecimento carinhoso à Clara Maciel, que com desvelo e carinho organizou a digitação deste texto.

À minha amiga e mestra em sabedoria, Dra. Josineide Silveira de Oliveira, grande pesquisadora que nos incentivou a cursar esse mestrado.

À Doutora Anísia de Paula Figueiredo, pela grande contribuição em oferecer subsídios bibliográficos para a elaboração do primeiro capítulo.

Quero fazer uma homenagem especial ao meu colega, Dom Jaime Vieira Rocha, Arcebispo de Natal-RN, pela sua presença sábia, amiga e humilde entre nós, o que nos encantou.

Agradeço a todos os colegas, sobretudo, José Roberto e Jocafi pelo companheirismo e amizade durante este período.

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Ciências de Religião da UNICAP e os que vieram de outras universidades.

Meu agradecimento afetuoso, ao Dr Remi Klein, da UNISINOS, por sua amizade que me fortaleceu na caminhada do Ensino Religioso no Brasil, durante mais de vinte anos, e pela gentileza em aceitar o convite para participar da minha Banca.

Um agradecimento especial, ao Doutor Drance Elias da Silva, que com inteligência, sabedoria e cuidado soube conduzir esta orientação, sempre respeitando a pesquisa sem deixar de lado seu caráter científico.

Agradeço com carinho a acolhida, em Recife, de Anabel, Luís Antonio, Felipe, Maria Luiza e Fica, amigos sempre prontos a servir.

Agradeço ao meu sogro, Antonio Bezerra Torres pela confiança incondicional no êxito dos meus estudos.

Agradeço aos meus queridos irmãos: Dodora, Ilda, José Augusto, Vicente, Geraldo e Batista, pela torcida e pelo amor que nos une.

Agradeço a minha família, João Sávio, esposo, a meus filhos Augusto Sávio e Marcelo Henrique que desde cedo caminharam comigo pelas terras de João Cabral de Melo Neto.

“E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
Mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina,
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina”.

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a importância do diálogo do Ensino Religioso com a Literatura, na perspectiva de tornar esta área de conhecimento uma oportunidade do exercício do diálogo com outros saberes, a fim de descobrir formas criadoras de sua operacionalização. Nosso objeto de estudo foi o poema Morte e Vida Severina - Auto de Natal Pernambucano - de João Cabral de Melo Neto. Poema dramático que trata da condição humana do homem do Sertão, conta a história de um retirante que vai para o litoral e em cada parada se depara com a morte anônima e coletiva até a chegar ao seu destino final: a cidade de Recife, onde acontece o nascimento de uma criança, símbolo de esperança. Tem como personagem principal o retirante Severino que é um ser plural, pois representa todos os deserdados que vivem a vida Severina, sem condições de vida digna. O texto possibilita a reflexão sobre a caminhada do sertanejo, que por onde passa faz o registro de toda a situação da vida do povo e da paisagem nordestina, tendo como guia o rio Capibaribe que, como o sertanejo também sofre com a seca, pois no período de estiagem, seca em alguns trechos, dificultando a caminhada pelo Sertão. O objetivo do personagem principal do poema é a busca incessante de vida mais digna do que a morte. A metodologia desta pesquisa foi de caráter bibliográfico e teve como proposição buscar no imaginário do texto literário noções de identidade como necessidade de pertencimento a um grupo social, solidariedade como exercício de vivência ética indispensável na formação do indivíduo e religiosidade como dimensão transcendente do humano para se religar ao sagrado, sob o olhar pluralista das Ciências da Religião, tendo em vista trabalhar essas noções no fazer pedagógico do Ensino Religioso, para contribuir com a formação integral da vida cidadã. Esta dissertação apresenta uma proposta de reflexão para colaborar com a dinamização do Ensino Religioso, a partir do texto poético, a fim de facilitar a compreensão, não só da área de conhecimento desse ensino, mas através de pertinente diálogo com outras áreas, possibilitar alternativas de um novo fazer pedagógico que reencante a educação.

Palavras-chave: Ensino Religioso; Literatura; Identidade; Religiosidade; Solidariedade.

ABSTRACT

This dissertation aims to highlight the importance of dialogue with the religious education literature in view of making this area of knowledge appropriate to exercise a dialogue with other knowledge areas in order to find creative ways of its implementation. Our study object was the poem *Morte e Vida Severina* by João Cabral de Melo Neto, *Auto de Natal Pernambucano*, a dramatic poem which treats of the human condition of the Sertão man, tells the story of a migrant who seeks the coast and in each still faced with the anonymous death and collective death to reach its final destination, the city of Recife, where is the birth of a child, symbol of hope. Its main character who is a migrant Severino be plural, because it represents all the disinherited Severina living life without decent living conditions where there are shortages of everything. The text allows for reflection on the whole backcountry trek, which passes through which makes complete record of the life situation of the people and landscape of the Nordeste, guided by Rio Capibaribe that as the backcountry also suffers from drought, for the period drought drought in some places making it difficult to walk through the wilderness. The purpose of the main character of the poem is a continuous search for better life than death. The methodology of this research was bibliographical and was proposing to seek, in the imagination of the literary text, the notions of identity as a need to belong to a group social solidarity as a vital year of experience in the ethical training of the individual and the transcendent dimension of religiosity as human, which pervades all religions, to allow reconnection with the sacred, from the perspective of pluralist Religious Science, in view of the urgency of working to make these elements in the teaching of Religious Education, to contribute to the integral formation of civic life. This dissertation submitted proposals for consideration to collaborate with the stimulation of this teaching, from the poetic text in order to facilitate understanding, not only this area of expertise, but through dialogue with other relevant areas, enabling a new alternative to reencante pedagogical knowledge area of Religious Education and education.

Key words: Religious; Education; Literature; Identity; Religiosity; Solidarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL	16
1.1 O Ensino Religioso no regime monárquico	16
1.2 O Ensino Religioso no regime republicano	17
1.2.1 Primeira República: 1889 a 1930	17
1.2.2 Segunda República - 1930 a 1937	19
1.2.3 Terceira República - 1945 a 1964	20
1.2.4 Quarto Período Republicano – 1964 a 1985	20
1.2.5 Quinto Período Republicano - 1985 aos dias atuais	21
1.3 O Ensino Religioso nas Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional ...	23
1.3.1 Lei nº 4.024/61	23
1.3.2 Lei nº 5.692/71	24
1.3.3 Lei nº 9.394/96	26
1.3.4 O Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso - FONAPER	28
1.3.5 O Ensino Religioso na Legislação Atual	39
1.3.6 Ensino Religioso no acordo entre o Brasil e a Santa Sé	39
1.4 O Ensino Religioso na Poesia de João Cabral de Melo Neto	41
1.4.1 A formação religiosa de João Cabral de Melo Neto	41
1.4.2 João Cabral de Melo Neto e a sua contribuição ao Ensino Religioso	42
2 DIÁLOGO: ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA	45
2.1 Um interlocutor da literatura para o Ensino Religioso	50
2.2 Ensino Religioso e Literatura	59
2.3 Morte e Vida Severina: Itinerância de um poema e sua Dimensão simbólica	63
3 O HOMEM DO SERTÃO E OUTROS SINAIS DE ESPERANÇA	76
3.1 O Capibaribe – Fio Condutor da Migração Severina	77
3.2 Severino e a Cidade do Recife	82
3.3 Os Reis Magos do Mangue e a Solidariedade	92
3.4 Religiosidade Severina	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104

REFERÊNCIAS	107
ANEXO	111

INTRODUÇÃO

O tema abordado nesta dissertação está relacionado com as preocupações surgidas durante o trabalho dos cursos de capacitação para os professores de Ensino Religioso, da Rede Estadual de Ensino da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, em que foi trabalhado o novo paradigma dessa área de conhecimento a partir dos Eixos Temáticos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso - PCNER: Culturas e tradições Religiosas, Escrituras Sagradas, Teologias, Ritos e Ethos, e como professora do curso de Licenciatura em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Propomos um diálogo pertinente entre Ensino Religioso e Literatura, como exercício da interdisciplinaridade para realizar um trabalho que experiencie o diálogo com outras áreas de conhecimento e outros saberes do universo escolar, com o objetivo de possibilitar abordagens que viabilizem a ampliação desse campo de conhecimento, dentro de outras investidas, para apresentar a dimensão religiosa sem o pressuposto da opção de fé.

Nessa confluência entre Literatura e Ensino Religioso se localizam alguns temas abordados pelos dois campos, tais como: Religiosidade, Solidariedade, Identidade e noções de esperança, presentes no texto escolhido para ser analisado, Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, Auto de Natal Pernambucano, seu poema mais lido, mais longo e o mais estudado, tendo em vista seu rigor formal e sua temática social e participante. O poema conta o roteiro de Severino, um homem do Sertão que vai a demanda do litoral e, nesse caminhar, depara-se constantemente com a morte, presença anônima e coletiva, com a fome e com a falta de tudo; até que, no seu pouso final, a cidade do Recife lhe chega a boa nova do nascimento de um menino, símbolo de que algo resiste à constante negação da existência.

O texto poético é uma obra de arte inacabada, pois oferece inúmeras possibilidades de novas interpretações, fazendo emergir aspectos sempre novos, razão de ser deste trabalho, buscar no poema mais conhecido de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina, a dimensão religiosa que ele nos oferece, através das manifestações de religiosidade que aparecem em todo o percurso do texto,

como princípio transcendente que encontra expressão própria dentro da religião.”(MAGALHÃES, 2000, p. 151)

Há na poesia de João Cabral de Melo Neto, uma desordem fecunda que denota a possibilidade de ordenamento da vida, sujeito as diferentes interpretações, inclusive a interpretação da transcendência como função orientadora do sentido da vida individual, comunitária e social.

Sua produção poética se constitui de imagens e ritos próprios que se interligam para dar claridade a sua mensagem, mostrar a miséria e criar um novo ethos cultural nordestino próprio, autêntico e avesso a qualquer forma de exploração humana. Em *Morte e Vida Severina*, “o real se apresenta mais enquanto evento do que enquanto sistema” (SECCHIN, 1985 p. 117), como se pela palavra fosse possível conquistar a intuição da vida em si mesma como resistência e recuperação da própria existência. João Cabral de Melo Neto se afasta das formas eruditas da escrita e se aproxima das raízes populares da literatura de cordel. *Morte e Vida Severina* é uma obra destinada ao povo simples, como podemos constatar durante o caminho que iremos percorrer nesta dissertação, o verso é semelhante a uma ladainha que se repete constantemente para tecer uma clara e racional construção de imagens, fatos e valores que caracterizam o homem do sertão, com sua religiosidade própria com características do catolicismo popular, sua solidariedade incondicional e sua busca de identidade como sentido de existir.

Para se compreender a poesia de João Cabral de Melo Neto, faz-se necessário conhecer a sua história de vida, seu amor pelo Nordeste e sua preocupação com o homem nordestino, sobretudo, sua profunda identificação com o povo Severino; tendo em vista que toda produção poética, em si já é multidimensional, constituída de imagens, de ritos e pensamentos próprios que se interligam para dar corpo ao poema e a mensagem que essa obra pretende ensinar.

Ao caminhar nos versos de *Morte e Vida Severina*, o leitor depara-se com uma larga jornada que atravessa várias paisagens, a seca, o rio, os sertanejos, a religiosidade, a morte e os mais diversos caminhos que fazem parte da estratégia de sobrevivência humana do sertanejo, sendo o rio o único símbolo de vida, apesar de secar no período de estiagem, que também segue o caminho para o Recife em busca de mais vida.

A metodologia desta pesquisa foi de caráter bibliográfico, na qual percorremos a vida, os lugares e as obras do poeta para a elaboração deste

trabalho, a partir de sua obra que consideramos a mais importante: *Morte e Vida Severina* - Auto de Natal Pernambucano.

Para suporte teórico e conceitual desta dissertação, foram usados os livros de Waldecy Tenório, **A Bailadora Andaluza**, obra que apresenta o diálogo da literatura e a teologia, tendo em vista o fenômeno religioso presente na cultura e o livro, **João Cabral: A poesia do Menos**, de Antonio Carlos Secchin, grande estudioso e pesquisador da obra de João Cabral de Melo Neto.

Nas discursões sobre religiosidade foram usados os livros de Leonardo Boff, **Ética da Vida e Ethos Mundial** e Aldo Natale Terrin com a obra, **Introdução ao Estudo Comparado das Religiões**, para a discursão sobre identidade usamos os livros de Zygmunt Bauman, **Identidade e Modernidade Líquida**. Na fundamentação em Ciências da Região usamos os livros, **As Ciências da Religião no Brasil** de Faustino Teixeira e o livro, **O Espectro Disciplinar das Ciências da Religião Região** de Farnk Usark, além de muitos outros que serviram de fonte de pesquisa para a elaboração desta dissertação.

Esta pesquisa divide-se em três capítulos, que devem ser entendidos como fazendo ponte de todo um projeto composto de palavras, tempos, espaços e memórias, para mostrar um trabalho engenhoso de João Cabral de Melo Neto, através de um poema que é produto da ação criadora no qual apresenta a problemática do real da vida do homem do sertão.

A noção de sertão em *Morte e Vida Severina* ultrapassa a idéia de lugar e torna-se um conhecimento de contradições e ambivalências, onde as dimensões políticas, econômicas, sociais e religiosas, se reúnem formando um todo para dar significação a uma identidade cultural, assinalada pela riqueza de mitos, ritos e manifestações culturais, a fim de vislumbrar as contribuições que esse lugar, chamado, sertão, oferece para a formação cultural do país.

É este o sertão que está presente na poesia de João Cabral de Melo Neto, um lugar mítico e maleável conforme a interpretação que se queira dar ou a posição intelectual que se toma diante dele para torná-lo ao mesmo tempo concreto e imaginário. Sertão é como define João Guimarães Rosa: “é um lugar bom. Tudo é perdido, tudo é achado”. (1986, p. 400)

No primeiro capítulo, foi feita a itinerância do Ensino Religioso na história da educação brasileira, desde a época do Brasil colônia até os dias atuais, registrando seus erros e acertos, conquistas e concessões, dependendo do momento histórico,

em que brotam aspectos-sócio-político-cultural, e conseqüentemente, os desdobramentos filosóficos e jurídicos que influenciaram as conjunturas nos processos de elaboração das leis do referido ensino na história da educação brasileira.

Abordar a visão panorâmica do Ensino Religioso na história do Brasil contribui para seu entendimento como elemento próprio da religião ou das religiões por parte de muitos setores envolvidos em sua legalização, dificultando hoje sua compreensão como área de conhecimento da Base Nacional Comum da Educação, com epistemologia próprio pertencente a grande área das Ciências da Religião.

No segundo capítulo, fizemos uma apresentação sucinta da vida do autor da obra que iremos trabalhar, com o objetivo de ampliar a interpretação do texto para descobrir, nas palavras de João Cabral de Melo Neto, os motivos que o levaram a escrever a peça dramática, *Morte e Vida Severina*, também chamada *Auto de Natal Pernambucano*, de tradição pastoril e a sua identificação com o povo, destacando os valores morais e religiosos, contidos na obra.

Na segunda parte do segundo capítulo, aborda-se a caminhada de Severino, saindo da Serra da Costela, na Paraíba, até a cidade do Recife, em busca de vida mais digna do que aquela do Sertão, cujos símbolos religiosos, do rosário e ladainha são de grande importância para o entendimento da caminhada. Estes representam o roteiro da viagem e a dimensão do sagrado instaurador de sentido.

Esse Componente religioso induz Severino a acreditar que a última conta do rosário deverá ser rezada quando chegar à cidade do Recife e confessa que não julgava ser tão difícil fazer essa ladainha: “Vejo agora, não é fácil seguir essa ladainha”.

Ao chegar à cidade do Recife, fica evidente para Severino as precárias condições dos que emigram do Sertão para a cidade em busca de melhores condições. Severino, que tinha como símbolo a esperança, com um discurso que vinha sendo caracterizado por uma afirmação de vida, apesar dos encontros frequentes com a morte, agora passa a sustentar um discurso de renúncia e mergulha numa conjuntura de saturação, concluindo que sua identidade é de miserável, a sua esperança emudece. Com o aparecimento de Seu José Mestre Carpina, Severino é envolvido num ciclo de pertencimento a um lugar e um grupo social (BAUMAN, 2005, p. 19), e a esperança se renova dando lugar à vida que ele viu negada em todo seu caminhar.

O terceiro capítulo inicia-se com o fio condutor da migração Severina, o Rio Capibaribe, que apesar de secar no verão é a única forma de vida que atravessa todo sertão para chegar à cidade do Recife onde se encontrará com o mar. O Rio também transcende o seco do chão e da vida e vai em busca de plenitude no seu encontro com o oceano.

Neste capítulo, o grande evento é o anúncio do nascimento do filho de Mestre Carpina. O tempo cronológico para, a fim de dar lugar a um acontecimento com narrativa semelhante ao nascimento de Jesus. A criança representa a esperança, em que se instaura um simbolismo de sentido religioso, através da narrativa poética, com uma alternância metodológica de uma teia de significação, que culmina com os ritos celebrativos “*Todo céu e a terra/ lhe cantam louvor. Foi por ele que a maré/ esta noite não baixou.*” estabelecendo o encontro entre a revelação da poesia e a revelação da festa religiosa do Natal.

Morte e Vida Severina refere-se à dialética persistente em toda obra, morte como uma realidade do cotidiano do povo nordestino e vida como busca de superação das condições de pobreza e do resistir, destacando a profunda religiosidade que emana nas dezoito cenas do poema, pois o ser humano não é apenas ser de materialidade, mas também precisa da espiritualidade para suportar a cotidianidade, evidenciamos a profunda solidariedade como compromisso ético inserida na cultura desse povo, como realidade que religa o homem ao seu eu, aos outros, ao transcendente e a busca de identidade como afirmação pessoal e social.

Ao caminhar nos versos de Morte e Vida Severina, o leitor depara-se com uma larga jornada que atravessa várias paisagens, a seca, o rio, os sertanejos, a morte e os mais diversos caminhos que fazem parte da estratégia de sobrevivência humana do sertão.

O propósito desta dissertação é elucidar que é possível fazer o encontro entre Ensino Religioso e Literatura, apresentando textos com linguagem impregnadas de significação que veicule componentes temáticos, a partir dos quais é possível a compreensão da diversidade do mundo em que vivemos. Foi o que realizamos com o poema Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, cujo objetivo é de possibilitar motivações para reencantar a área de conhecimento do Ensino Religioso e a Educação.

1 CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL

1.1 O Ensino Religioso no Regime Monárquico

O ensino religioso no Brasil tem início com a colonização, de modo especial, com a chegada dos Jesuítas, em 1549, que consideramos como primeiros catequizadores e a quem foi confiada a educação. Nos quatro primeiros séculos de sua história, o Brasil foi um país oficialmente católico. O Monarca detinha todos os poderes sobre a Metrópole, sobre a Igreja e esta sobre ensino, em virtude do regime regalista que presidiu todo o regime imperial, da Colônia à Monarquia Constitucional. Nesse sentido, o Projeto colonizador tinha como objetivo, no primeiro momento, além da política de exploração da terra, a conquista dos gentios à fé católica; e, em segundo momento, além dos nativos, a atenção especial aos escravos, submetendo-os à mesma fé. (FIGUEIREDO, 1995, p. 6)

Ambos os grupos deveriam servir aos interesses da Metrópole. No cenário brasileiro, composto pelos mais variados elementos sociopolíticos e culturais, a convivência entre as culturas de diferentes procedências esteve presente em toda a construção do imaginário coletivo do povo brasileiro em relação ao Ensino Religioso (FIGUEIREDO, 1995, p. 6). O regime de padroado¹ que estabelecia o acordo entre a Metrópole Portuguesa e o Sumo Pontífice, tinha como uma de suas funções a concessão de plenos poderes ao Monarca em relação à administração da Igreja Católica na perspectiva da propagação da fé em terras brasileiras. Esse regime se estendeu durante todo o Império, incluindo a Monarquia Constitucional.

É nesse contexto que a Igreja, como instituição aliada ao regime monárquico e por ele administrada, tem um importante papel na organização e implantação da educação e do Ensino Religioso no Brasil. Porém, foi na Monarquia Constitucional, que se falou em Ensino Religioso nas escolas, como matéria dos horários escolares, primeiramente, pelo Decreto nº 2006 de 24/10/1857 que regulamentou os colégios públicos de instrução secundária no município da Corte (CNBB, 2007, p. 60) e,

¹ Regime de Padroado, de conotação regalista, é instituído oficialmente no Brasil, com o juramento do Imperador em manter a Religião Católica Apostólica Romana a "Religião do Império", nos termos do art. 103º da Constituição Política do Império no Brasil, de 25 de março de 1824, reafirmando o já disposto no art. 5º. O direito do Padroado encerra uma contrapartida e uma prestação de serviço. A todo direito corresponde um dever. Aqui, tal direito além de conferir privilégios, encerra o dever de defender e proteger a Igreja Católica.

posteriormente, empregado, pela primeira vez, o termo “Ensino Religioso”, constando no Projeto de Reforma da Instrução Pública de Leôncio de Carvalho, nº 7247 de 19/04/1879, com o seguinte dispositivo: “Art. 4: O Ensino Religioso nas escolas primárias de primeiro grau do município da Corte constará das seguintes disciplinas: instrução moral, instrução religiosa, leitura, escrita [...]” (CNBB, 2007, 61). O Ensino Religioso consistia no ensino da doutrina cristã na escola.

Dessa forma, todo Ensino Religioso tinha caráter doutrinário, com privilégio da confissão cristã católica. Outras confissões religiosas, como as da tradição dos negros e povos indígenas, eram vistas como empecilhos à fé católica.

Durante o regime monárquico, ainda que nas respectivas fases de seu percurso figurem elementos característicos, com maior ou menor influência, o alicerce sobre o qual se construiu o Ensino Religioso foi o da própria cristandade, por quatro séculos consecutivos. A descontinuidade se dará com a Proclamação da República, em 1889. O grande passo para a instalação do novo regime se deu com a extinção do padroado régio, separando o Estado da Igreja. Entra a fase de um “Estado livre”, garantindo uma “Igreja livre”, tendo a liberdade religiosa como princípio do novo regime, sustentado por outro princípio, o da laicidade do Estado.

1. 2 O Ensino Religioso no Regime Republicano

1.2.1 Primeira República: 1889 a 1930

A implantação do regime republicano provoca, desde o início, um aferrado debate sobre o Ensino Religioso no Brasil. Pode-se considerar como sendo a mais polêmica das discussões sobre a inclusão ou exclusão da referida disciplina nas escolas da rede pública oficial. Tal fato vem a acontecer nas sucessivas assembleias constituintes e legislação regulamentar de ensino, durante todo o século em curso, tendo como cerne da questão a compreensão de Estado Laico.

A questão é influenciada pelo princípio da liberdade religiosa, salvaguardado na Carta Magna de 1891. O Ensino Religioso, porém, compreendido como ensino da religião nas escolas públicas, é tomado como objeto de estudo que lhe confere um papel inédito na implantação do novo regime com a expressão “será leigo o ensino ministrado na escola”. Este é um marco divisor de opiniões, ideias e

conceitos, em consequência das diferentes maneiras de interpretar tal princípio, considerado de grande importância na consolidação de um Estado laico. O dispositivo constitucional que estabeleceu o referido princípio é tomado como justificativa para a nova ordem política pretendida pelo regime republicano no Brasil.

O liberalismo² e o positivismo³ haviam fortalecido as tendências republicanas, que influenciaram na mudança de regime, em 15 de novembro de 1889.

A separação entre o Estado e Igreja se deu, portanto, com extinção do regime de Padroado, através do Decreto 119 “A”, de 7 de janeiro de 1890.

A grande discussão daquele momento gira em torno da questão da liberdade religiosa regida pelo princípio de laicidade do Estado, segundo a Constituição Americana que procurou salvaguardar o direito à liberdade religiosa dos cidadãos de toda e qualquer crença, proclamada na Declaração dos Direitos do Homem do Estado da Pensilvânia. Por outro lado, outra corrente de concepção francesa de liberdade religiosa, respalda no artigo 10 da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, entra no palco das mesmas discussões, pois essa Declaração é regida pelas ideias filosóficas do Iluminismo⁴, Agnosticismo⁵ e Historicismo⁶ (FIGUEIREDO, 2010, p. 1511).

O Artigo 72, § 6º da Constituição da República inclui o princípio da laicidade do ensino com o seguinte dispositivo: “Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos”. A Igreja se mantém em posição contrária à sua efetivação, da forma como foi interpretado pela corrente francesa.

² Liberalismo – forma racional e intuitiva de organização social, em que prevalece a vontade da maioria quanto a coisa pública, e que está livre de qualquer fundamento filosófico ou religioso capaz de limitar ou impedir a liberdade individual e a liberdade de direitos. Essa filosofia preconiza que, o desenvolvimento e o bem estar social dependem da divisão do trabalho, do direito a propriedade, da livre concorrência e do sentimento de fraternidade e responsabilidade frente adversidade de aptidões e recurso do indivíduo.

³ Positivismo – Corrente filosófica que surgiu na França no séc. XIX e teve como principal expoente Augusto Comte. O positivismo defendia a idéia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro, essa corrente filosófica se difundiu em toda Europa e influenciou as idéias republicanas no Brasil.

⁴ Iluminismo – Movimento que surgiu na França no século XVII que defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava toda Europa na Idade Média. Segundo os seus pensadores o racionalismo devia suplantar as crenças religiosas e o misticismo.

⁵ Agnosticismo – Crença de que a existência de Deus é impossível de ser conhecida ou provada. O agnosticismo é uma forma mais intelectualmente honesta de afirmar o ateísmo.

⁶ Historicismo – Teoria que enfatiza a importância da história como padrão de valor determinantes dos acontecimentos. O historicismo considera que a história obedece a certas leis e que há uma forma de compreendê-las e prevê-las.

Muitos defensores do Ensino Religioso atuaram pela sua permanência na Carta Magna de 1891, destacando-se setores do Episcopado, Juristas, Parlamentares e outros. Quem mais contribuiu com matéria jurídica para tal fim, foi Mario de Lima com a obra “O Bom Combate”⁷, de sua autoria que retrata a posição dos defensores do direito ao Ensino Religioso nas escolas públicas, no período considerado de sua exclusão do sistema escolar, por força da Lei Maior. (FIGUEIREDO, 2010, p. 1518)

1.2.2 Segunda República: 1930 a 1937

Com a implantação da chamada “Nova República” consolidou-se o segundo período republicano. Nessa mesma época, a Igreja Católica liderou um movimento que resultou no Decreto de 30 de abril de 1931, admitindo a disciplina nas escolas da rede oficial, no horário escolar, de maneira facultativa. Dessa forma, esse componente volta a fazer parte do currículo da escola.

Na Constituição de 1934, ainda sob a influência da Igreja Católica, o Ensino Religioso permaneceu nos termos do Decreto que a precedeu, com as proposições: garantido no currículo, como disciplina obrigatória, porém de matrícula facultativa, de acordo com a confissão do aluno, em todas as etapas do ensino. Assim reza o art. nº 153:

O Ensino Religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, manifestado pelos pais ou responsáveis, e continuará matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais. [...] (BRASIL, 1934).

⁷ Cf. LIMA, Mário de. O bom combate, Belo Horizonte- MG, Imprensa Oficial, 1929. Trata-se de um compilado de subsídios, incluindo a legislação regulamentar do dispositivo constitucional sobre o ensino leigo e ensino religioso nas escolas públicas de MG, educação católica, relatos de atividades relacionadas à questão em pauta, pareceres, comentários, discursos pronunciados em congressos católicos sobre o referido assunto, cartas de personalidades investidas de autoridade religiosa ou política, outros documentos para o acervo histórico dos vinte anos de reação ao parágrafo 6º do art. 72 da 1ª Carta Magna da República, em Minas Gerais. O prefácio da obra é de Dom Joaquim Silvério de Souza, Arcebispo de Diamantina, que relata a situação do Ensino Religioso em alguns dos principais países do mundo (FIGUEIREDO, 2010. p.1518).

No período caracterizado como “Estado Novo” de 1937 a 1945, o Ensino Religioso foi mantido no sistema educacional, como facultativo não só para o aluno como também para os professores. Consta do Artigo 133:

O Ensino Religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores nem de frequência compulsória por parte dos alunos. [...] (BRASIL, 1937).

Na Carta Magna de 1937, a liberdade religiosa não é garantida como na Lei Maior anterior, uma vez que o estado totalitário coloca os direitos do Estado acima dos direitos dos cidadãos.

1.2.3 Terceira República: 1945 a 1964

A Carta Magna de 1946, instrumento voltado para a implantação do regime liberal, é promulgada em 18 de setembro de 1946. Esta evolui no tratamento dado à liberdade religiosa como o direito de crer e expressar publicamente a sua crença, a liberdade de consciência e a liberdade de culto, cf. artigo 168, inciso V. Esta assegura o Ensino Religioso, ao afirmar que:

“O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa, do aluno, manifestado por ele, se for capaz ou pelo seu representante legal ou responsável.” [...] (BRASIL, 1937)

1.2.4 Quarto Período Republicano: 1964 a 1985

O regime autoritário decorrente do golpe militar de 1964 durou vinte e um anos, período em que a educação também sofre retrocessos porque a concepção de liberdade passa pela ótica da segurança nacional. A educação se constitui, também, um dos aparelhos ideológicos do Estado para manter uma política capitalista com base no princípio da segurança nacional. Nesse contexto, o ensino religioso é obrigatório para as escolas de 1º e 2º graus, podendo o aluno optar pela frequência, ou não, no ato da matrícula.

Hoje, a compreensão de Ensino de 1º e 2º graus é denominada Educação Básica, o texto permanece com essa linguagem, pois essa era a compreensão na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional Nº 5692/71, devido ser um documento original que não pode sofrer modificações.

Na Constituição da República Federativa do Brasil, de 24 de janeiro de 1967, com nova redação dada pela Emenda Constitucional nº 01 de 17 de outubro de 1969, o Ensino Religioso é garantido, na primeira, pelo art. 168, inciso IV; e na segunda, pelo artigo 166, inciso V. Ambas com a seguinte redação: “O Ensino Religioso de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus”. [...] (BRASIL, 1964)

1.2.5 Quinto Período Republicano: 1985 aos dias atuais

Com o fim do regime militar, foi realizada a Assembleia Nacional Constituinte e promulgada, em 05 de outubro de 1988, a atual Constituição que garante o Ensino Religioso no artigo 210, § 1º, capítulo III da seção I da Educação. “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental”. (BRASIL, 1988)

A inclusão do Ensino Religioso na Carta Magna de 1988 se deu graças a grande mobilização nacional dos professores, da sociedade em geral, liderados por Entidades e Organismos como a CNBB⁸, ASSINTEC⁹, AEC¹⁰ e outros.

É notável salientar a atuação de diferentes denominações religiosas na defesa do Ensino Religioso; o que antes se fazia somente mediante liderança da Igreja Católica.

Com a abertura política, houve maior participação popular, contribuindo também para a busca de novas alternativas para o Ensino Religioso como disciplina normal do sistema escolar, ou seja, na condição de componente do currículo, deixando para trás a tradicional concepção de um elemento do sistema religioso, metido no espaço do sistema público de ensino. Nasce e persiste o esforço da

⁸ CNBB – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil. Instituição que congrega os bispos da Igreja Católica do Brasil.

⁹ ASSINTEC – Associação Inter-religiosa de Educação de Curitiba.

¹⁰ AEC – Associação de Escolas Católicas.

busca de identidade própria para uma disciplina que, por dezenas de anos, havia sido compreendida como catequese ou ensino da religião na escola.

Nesse ínterim, os interesses foram intensificados: as unidades da federação mantiveram coordenações nas Secretarias de Educação com função específica para o Ensino Religioso, uma vez que também foram admitidos no quadro do magistério público professores com formação pedagógica para essa disciplina; editoras de grande porte ampliaram suas publicações destinadas ao desempenho pedagógico na área; cresce o índice de participação de grande número de professores e pais que reconhecem a importância desse ensino na formação básica do cidadão, como um componente normal do sistema escolar; alguns setores se dedicaram à reflexão em vista de maior clareza da identidade do Ensino Religioso como disciplina, resultando em busca de metodologias adequadas à sua especificidade.

Inúmeros atores sociais e políticos refletiram sobre a importância desse componente curricular na formação integral do cidadão, tanto para o exercício da plena cidadania, como para o desenvolvimento da espiritualidade do educando, independente de qualquer confissão religiosa, crença ou filosofia de vida, como tão bem nos recomenda Morin (2000), ao contribuir para a compreensão desse aspecto inerente à condição humana como possibilidade de inaugurar uma nova ternura e uma espiritualidade que revitalize a vida.

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2000, p. 93)

O citado texto afirma que a educação não é somente a apropriação dos conhecimentos trabalhados na escola, pois os mesmos devem permitir aprender a compreender esses conhecimentos, através das descobertas coletivas que podem suscitar na educação a elaboração de propostas de cuidados que possibilitem à criação de uma nova ordem planetária, incluindo todos os sujeitos no processo de compreensão do humano. Isso permitirá vislumbrar uma nova ética da alteridade, da solidariedade e da espiritualidade.

1.3 O Ensino Religioso nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Ao pretender situar o Ensino Religioso nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, convém considerar que as mesmas refletem os acontecimentos históricos que presidiram a sua elaboração e implantação, em sintonia com as Leis Maiores das quais decorrem, de forma juridicamente correta.

Com o propósito de estabelecer o percurso da legislação seguinte, podemos evidenciar alguns elementos que caracterizam a forma como o Ensino Religioso foi compreendido e inserido no sistema escolar brasileiro, durante três períodos sucessivos, que perfazem quatro décadas.

1.3.1 Lei nº 4.024/61

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de nº 4024/61 regulamentou o Capítulo de Educação da Carta Magna de 1946, considerada uma das mais legítimas Constituições a vigorar no Brasil, até então, trazendo avanços em relação aos ideais democráticos, principalmente no que se refere às garantias das liberdades e outros direitos individuais e sociais. Entretanto, ao ser regulamentada a matéria pelo dispositivo seguinte, constatamos a sua exclusão do sistema escolar, através da expressão “sem ônus para os cofres públicos”. Não era essa a intenção dos Constituintes, ao assegurar o Ensino Religioso na Lei Maior de 1946.

Art. 97 - O Ensino Religioso constitui disciplina dos horários normais das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

§ 1º - A formação de classe para o Ensino Religioso independente de número mínimo de alunos.

§ 2º - O registro dos professores de Ensino Religioso será realizado perante a autoridade religiosa respectiva. (BRASIL, 1946)

O Ensino Religioso, nesse período, continuou sendo ministrado em caráter confessional e a Escola, além de fazer seguidores de uma religião, aproveitava o espaço da escola pública para a catequese de preparação aos sacramentos, sob a orientação da Igreja Católica. Os professores de Ensino Religioso eram

credenciados pelas autoridades religiosas, em sintonia com os sistemas de ensino. Quanto à sua formação, os sistemas de ensino delegavam essa responsabilidade às autoridades religiosas. Nesse período, a religião tinha livre trânsito na escola, com momentos fortes de celebração do calendário litúrgico da Igreja Católica.

Essa Lei possibilitou uma formação aderente aos modos do catolicismo oficial, pois como o Ensino Religioso era oferecido sem ônus para os cofres públicos, uma vez que essa disciplina era ministrada por voluntários, ou por professores dos sistemas de ensino à disposição das instituições religiosas para esse fim. O maior desafio estava na exclusão da disciplina do currículo escolar e na discriminação do professor como profissional da educação.

1.3.2 Lei nº 5.692/71

Na vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educacional Nacional, de nº 5692/71 o princípio que mantém a ideologia do momento é a segurança nacional. A nova Lei introduz o ensino religioso obrigatório para a Escola, concedendo ao aluno o direito de opção, no ato da matrícula, com a seguinte redação: Art. 7º, Parágrafo único – “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus”(LDBN 5692/71).

Contata-se no parágrafo único do artigo 7º da Lei 5692/71, que esse repete o texto constitucional de 1967 e 1969. A opção, no ato da matrícula, com a seguinte redação: Art. 7º, Parágrafo único – O Ensino Religioso é integrante do sistema escolar, garantido no 1º e 2º, porém entendido como ensino da religião na escola, quando permanece o caráter facultativo ao aluno. Isto significa a sua coerência com o princípio da liberdade religiosa garantido pela Lei Maior.

A dificuldade em desligar-se totalmente da sua compreensão como catequese continua presente em todo o Brasil, alimentando a discussão sobre a sua identidade no sistema de ensino; entram no mesmo cenário a questão da pastoral da educação, a definição de conteúdos para a opção, no ato da matrícula, com a redação: Art. 7º, Parágrafo único - O Ensino Religioso, apresenta metodologias, avaliação e formação de professores.

A maior ênfase do período é dada à regulamentação da disciplina nos Estados, uma vez integrante do sistema escolar. Prova disso é o levantamento da

legislação vigente nas Unidades da Federação, resultando na publicação dos Estudos nº 14 da CNBB (CNBB, 1974).

Em consequência, surgem os Encontros Nacionais de Ensino Religioso, promovidos pela mesma Entidade, reunindo Coordenadores das Secretarias de Educação dos Estados e alguns Municípios, representantes de Entidades Religiosas e outros convidados. Durante a vigência da referida Lei, esses encontros aconteceram a cada dois anos, constituindo o único espaço de discussão em âmbito nacional sobre a disciplina até o surgimento do Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso em 1995.

Os Encontros Nacionais de ER – ENERs – [...] atuaram nos momentos de maior debate e participação popular sobre a Educação e o Ensino Religioso no Brasil. Esses debates envolveram Educadores e outros Setores da Sociedade Brasileira em todo o país, no momento alto da Assembleia Nacional Constituinte, das Assembleias Estaduais Constituintes e elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (www.cnbb.org./ensinoreligioso)

Nesse período da história do Ensino Religioso, os sistemas de ensino ainda continuaram adotando o credenciamento de professores para a disciplina, concedido pela autoridade religiosa dos respectivos credos, bem como a elaboração de programas de formação de professores e de propostas pedagógicas para a operacionalização da disciplina nas escolas. Nesse contexto, além da Igreja Católica, havia outras confissões que se apresentavam para assumir tal disciplina, submetendo-se às normas estabelecidas pelas respectivas Secretarias de Educação.

A Igreja Católica adotou, por vários anos, o chamado método VER, JULGAR, AGIR, numa prática dialética que permitia a reflexão sobre realidade, a busca de compreensão dessa realidade à luz da palavra de Deus ou de outros fundamentos, e ações em vista da transformação dessa realidade. As Conclusões da 3ª Conferência Latino-Americana de 1978, em Puebla, influenciaram a adoção do referido método que teve a sua aceitação e prática, também, no Ensino Religioso.

Convém ressaltar que os ventos que sopravam na Igreja da América Latina vinham das conferências episcopais, que ensaiavam um diálogo com outras religiões, tendo em vista uma evangelização de caráter ecumênico. Isso foi

estimulado também pela Conferência de Medellín¹¹, que inclui um capítulo sobre educação, incentivando a abertura ao diálogo, em que o educando é considerado o sujeito da educação.

A educação deve, além disso, afirmar, com sincero apreço, as peculiaridades locais e nacionais e integrá-las na unidade pluralista do continente e do mundo. Finalmente, deve capacitar as novas gerações para a mudança permanente e orgânica que o desenvolvimento supõe (MEDELLÍN, 1968, p. 51).

[...] Consiste em capacitá-los para que, eles próprios, como autores de seu próprio progresso desenvolvam de uma maneira criadora e original, um mundo cultural, em acordo com sua própria riqueza e que seja fruto de seus próprios esforços [...] (MEDELLÍN, 1968, p. 48).

Têm início e prosseguimento novas concepções metodológicas de ensino religioso no Brasil, numa tentativa de integrá-lo no conjunto curricular como disciplina, deixando para trás a antiga prática de tratá-lo como elemento eclesial na escola, sobretudo, na forma confessional. Surgem: o Ensino Religioso Interconfessional, adotando a prática ecumênica; o Ensino Religioso considerado “inter-religioso”, mais abrangente porque permite o diálogo entre as confissões, movimentos religiosos, espiritualidades e filosofias.

1.3.3 Lei nº 9.394/96

A legalização e implantação do ensino religioso no Brasil, como disciplina do currículo, figurou como uma problemática constante. Apesar dos inúmeros esforços envidados por diferentes segmentos da sociedade brasileira, a Igreja Católica permaneceu, como uma das principais interessadas na questão, além de Entidades de grande influência localizadas em alguns Estados, tais como a ASSINTEC¹² - PR, o CIER¹³ - SC, o IRPAMAT¹⁴ - MS, incluindo, a partir de 1995, o Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso (FONAPER).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394/96 foi precedida de grande mobilização nacional, incluindo a questão do Ensino Religioso,

¹¹ Medellín – Cidade da Colômbia onde aconteceu a II Conferência dos Bispos da América Latina, cujo documento traz o nome da cidade.

¹² ASSINTEC – Associação Inter-religiosa de Curitiba/PR.

¹³ CIER – Conselho de Igrejas para Educação Religiosa – Santa Catarina.

¹⁴ IRPAMAT – Instituto Regional Pastoral de Mato Grosso.

com desfecho na sua publicação, em 20 de dezembro de 1996, regulamentando a disciplina, através do art. 33, com redação que incluiu dispositivo não proposto pelo referido movimento, como consta a seguir:

Art. 33 O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I - confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas.

II - interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa”¹⁵. (BRASIL, 1996)

Esse fato provocou outra grande mobilização dos Educadores e das Entidades que propugnaram a sua alteração, pois novamente excluiu a disciplina do currículo escolar, através da expressão “sem ônus para os cofres públicos”.

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso - FONAPER, teve importante relevância nessa mobilização e num período de seis meses, mais uma vez, os mesmos interessados pela causa do Ensino Religioso, como disciplina normal do currículo, buscam fundamentos necessários a fim de alterar o texto publicado de forma a atender aos anseios dos setores envolvidos. Como resultado, consegue-se a alteração esperada com redação dada ao artigo 33 da nova LDB, a seguir:

Lei nº 9475 de 22 de julho de 1997¹⁶

Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

¹⁵ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO . Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Publicada no D.O.U, Brasília, 20/12/1996, Seção I. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 24 de setembro de 2011.

¹⁶ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997: dá nova redação ao artigo 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. In: Diário Oficial da União de 23 de julho de 1997, seção I. Disponível em: <<http://www.eduline.com.br/eduline/legislacao/Lei9475.htm>>. Acesso em: 24 de setembro de 2011.

“Art. 33 O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário. (BRASIL,1997)

A Lei nº 9475/97 estabelece a forma de participação das diferentes denominações religiosas que, organizadas em entidade civil, serão ouvidas para a definição dos conteúdos de ensino religioso. Não traz pormenores sobre o reconhecimento da denominação religiosa como tal, mas estabelece o princípio da sua condição jurídica. O § 2º da citada Lei reflete a dificuldade até mesmo dos defensores do Ensino Religioso em desatrelar a disciplina do sistema religioso, ao delegar a entidade civil o papel de consultora dos conteúdos que devem ser trabalhados na escola. Portanto, permanece no imaginário coletivo do povo brasileiro a ideia de uma disciplina do sistema de ensino, dependente do sistema religioso.

É nesse momento que o Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso exerce um importante papel na discussão sobre a nova situação criada para a compreensão e implantação do ensino religioso na rede oficial de ensino, a partir dos novos elementos contemplados no texto da referida Lei, entre os quais “o respeito à diversidade cultural e religiosa, vedadas quaisquer formas de proselitismo”. Novos paradigmas são vislumbrados para a concepção e prática do Ensino Religioso no Brasil.

1.3.4 O Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso - FONAPER

Durante eventos de Ensino Religioso e Movimentos Nacionais em geral, já se manifestava a necessidade de se criar uma Associação Nacional de Professores de Ensino Religioso, em que se presumia que o projeto da LDBN, poderia ser aprovado

a qualquer momento; e se tornava necessária uma Entidade com maior abertura para compreender o pluralismo emergente e a diversidade cultural do Brasil que congregasse representantes das várias denominações religiosas e outros movimentos dessa natureza, constituindo um espaço aberto para as discussões sobre o Ensino Religioso, com as novas características para o momento.

O Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso¹⁷ foi criado em 26 de setembro de 1995, em Florianópolis, durante a vigésima nona Assembleia Ordinária do Conselho de Igrejas para a Educação Religiosa - CIER de Santa Catarina, que comemorava seus vinte e cinco anos de existência.

Após a abertura, foram apresentadas quinze unidades da federação representadas pelas quarenta e duas entidades educacionais e religiosas com seus respectivos professores. Constituiu-se o Grupo de Trabalho para elaborar a carta de princípios do Fórum, contando com a participação desses representantes.

A referida Carta, aprovada na citada Assembléia do CIER, passou a nortear as ações desenvolvidas pelo Fórum, trazendo a seguinte redação:

Considerando a memória histórica do Ensino Religioso no Brasil, que une os esforços de autoridades religiosas e educacionais, da família e da sociedade em geral, para sua efetivação na Escola; considerando o trabalho das diferentes organizações que acompanham o Ensino Religioso, em todo território nacional, na garantia de educação para o Transcendente; considerando o contexto sócio-político-cultural e pluralista que aponta mudanças de paradigmas; os signatários, representantes de entidades e organismos envolvidos com o Ensino Religioso no Brasil instalaram, no dia 26 de setembro de 1995, em Florianópolis/SC, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso como:

- espaço pedagógico, centrado no atendimento ao direito do educando de ter garantida a educação de sua busca do Transcendente;

- espaço aberto para refletir e propor encaminhamentos pertinentes ao Ensino Religioso, sem discriminação de qualquer natureza.

Esta “Carta de Princípios” contém o contrato moral que todo signatário desse Fórum estabelece consigo mesmo e com seu comprometimento ético com a Educação, contrato que se projeta para além de compromissos jurídicos e institucionais:

1- garantia de que a Escola, seja qual for sua natureza, ofereça o Ensino Religioso ao educando, em todos os níveis de escolaridade, respeitando as diversidades de pensamento e opção religiosa e cultural do educando;

2-definição junto ao Estado do conteúdo programático do Ensino Religioso, integrante e integrado às propostas pedagógicas;

¹⁷ FONAPER: Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso.

3-contribuição para que o Ensino Religioso expresse uma vivência ética pautada pela dignidade humana;
4-exigência de investimento real na qualificação e capacitação de profissionais para o Ensino Religioso, preservando e ampliando as conquistas de todo magistério, bem como lhes garantindo condições de trabalho e aperfeiçoamento necessários¹⁸. (FONAPER, 1995)

Com a criação do documento pautavam-se as linhas de ações do FONAPER. Daí em diante fez-se necessário divulgar sua instalação e propósitos em favor da consolidação do Ensino Religioso, como uma disciplina no Brasil, numa tentativa de lhe conferir novo perfil.

O momento era propício, porém profundamente delicado, diante das diversas concepções de Ensino Religioso, que se descortinavam por todo território, em meio à diversidade religiosa, cada vez mais acentuada, exigindo uma educação que encaminhasse o diálogo entre as partes, em que o espaço da construção do conhecimento religioso fosse a ressignificação dos conhecimentos produzidos e acumulados ao longo da história.

Nessa mesma Assembleia, elegeu-se uma Comissão Provisória para preparar a Primeira Sessão do Fórum, ocorrida em Brasília-DF, nos dias 24 a 26 de março de 1996, assim constituída: composta pelos participantes dos Estados: Paraná, professora Lizete Carmem Viesser - Coordenadora; Santa Catarina, professor Raul Wagner – Secretário; Brasília - DF, professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro – tesoureiro; e as vogais, Brasília -DF - professora Lourdes Caron; Rio Grande do Norte - professora Maria Augusta de Sousa; Minas Gerais - professora Maria Vasconcelos de Paula Gomes – e Rio de Janeiro - professor Vicente Egon Bohne.

A 1ª Sessão do FONAPER teve como objetivos: a adesão ao Fórum e a criação de um Regimento Interno, o estudo sobre Parâmetros Curriculares Nacionais e o estudo do Currículo Básico do Ensino Religioso. Foi estabelecido um contato com os Deputados Federais e a entrega da Carta Aberta da 1ª Sessão, com a seguinte redação:

¹⁸ A Carta de Princípios foi divulgada através dos participantes da Assembleia Ordinária do Conselho das Igrejas para Educação Religiosa, mimeografada, como em todas as sessões seguintes do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso e publicada na revista DIÁLOGO - Revista de Ensino Religioso, março/1996, p. 63s.

Os signatários, professores e coordenadores estaduais de Ensino Religioso, representantes de Igrejas, entidades e organismos ecumênicos envolvidos com o Ensino Religioso, em Brasília, nos dias 24 a 26 de março de 1996, vêm a público reafirmar as seguintes posições:

-que o Ensino Religioso, assegurado pelo Art. 210 § 1º da Constituição Federal, tenha o mesmo tratamento dispensado às demais disciplinas, o que implica em:

a- INCLUSÃO da proposta curricular do Ensino Religioso, nos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC, como disciplina. Proposta essa ora em processo de elaboração coletiva pelos segmentos da sociedade que reivindicam e obtiveram ensino;

b- QUALIFICAÇÃO RECONHECIDA pelo MEC para o exercício da função em Ensino Religioso, garantindo, assim, os dignos direitos do profissional;

c- ÔNUS para os cofres públicos na nova LDBEN, com investimento do Estado, salvaguardando o direito constitucional do cidadão a uma educação integral para o exercício pleno da cidadania.

Reiteramos, também, a Carta de Princípios estabelecida durante a Instalação deste Fórum, em Florianópolis-SC, em 26 de setembro de 1995¹⁹. (FONAPER, 1995)

Essa Comissão assumiu a responsabilidade de coordenar as atividades promovidas pelo FONAPER em âmbito nacional e atuar junto a entidades de educação, professores e coordenadores de Ensino Religioso, formando um grande mutirão em defesa do Ensino Religioso no Brasil. Isso se concretizou com a realização de:

A organização do Fórum facilita a interlocução com outros organismos similares e, em especial, cria uma referência para o diálogo com as frentes governamentais, o que auxilia, inclusive, na formulação das legislações que foram sendo construídas e aprovadas ao longo desses anos. (BORTOLLETO, MENEGHETTI 2010, p. 79)

De 1996 a 2011 foram realizadas dezenove sessões ordinárias, ONZE seminários sobre a capacitação docente, seis congressos nacionais para professores de Ensino Religioso, promovido pelo FONAPER²⁰.

¹⁹ Essa carta mimeografada foi reproduzida e divulgada pelos participantes da 1ª Sessão do Fórum Permanente de Ensino Religioso e publicada na revista DIÁLOGO - Revista de Ensino Religioso, maio/1996, p. 63.

²⁰ As sessões promovidas pelo FONAPER são:

1ª Sessão – Brasília /DF, de 24 a 26/03/96, já descrita no corpo desse trabalho;

2ª Sessão – Brasília /DF, de 17 a 19/08/96, Currículo Mínimo para o Ensino Religioso;

3ª Sessão – Piracicaba /SP, de 12 a 14/03/97, Encaminhamentos dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Religioso; de capacitação de professores de Ensino Religioso e da política do Ensino Religioso na legislação;

4ª Sessão – Brasília /DF – de 04 a 07/08/97 – Ensino Religioso na LDB: histórico e encaminhamentos; Ensino Religioso nos sistemas de ensino (Estaduais e Municipais); processos de habilitação dos professores; política dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso; política de organização da Associação Nacional de Professores de Ensino Religioso (ANPER) e do Conselho Nacional de Ensino Religioso (CONER);

5ª Sessão – Curitiba /PR, de 10 a 12/06/98, Fundamentos Epistemológicos do Ensino Religioso;

6ª Sessão – Várzea Grande, Cuiabá/MT – de 23 a 25/09/99 – Capacitação de Professores para o Ensino Religioso;

7ª Sessão – Curitiba/PR, 08/11/99 – aprovação do Estatuto do Fórum, tornando-o uma entidade jurídica;

8ª Sessão – Serra/ES, 21 de julho de 2000

9ª Sessão – São Paulo/SP, 20 A 21 DE AGOSTO DE 2001 – Competência para o Ensino Religioso;

10ª Sessão – Maceió/AL, 09 de setembro de 2002 – O Ensino Religioso: uma área de conhecimento para a formação do cidadão;

11ª Sessão - Maceió/AL, 25 de setembro de 2003;

12ª Sessão - São Paulo/SP, 25 de setembro de 2004;

13ª Sessão - Florianópolis/SC, 02 de novembro de 2005;

14ª Sessão - São Paulo/SP, 03 de outubro de 2006;

15ª Sessão - Curitiba/PR, 29 de outubro de 2007;

16ª Sessão - Taguatinga/DF, 03 de novembro de 2008;

17ª Sessão - Goiânia/GO, 13 de novembro de 2009;

18ª Sessão - João Pessoa/PB, 24 de setembro de 2010;

19ª Sessão - Canoas/RS, 06 de outubro de 2011.

Os Seminários de Capacitação Docente promovidos pelo FONAPER são:

1º Seminário – São Paulo/SP, 20/05/97 – Formação do Profissional de Ensino Religioso;

2º Seminário – Brasília/DF, 04 a 07/08/97, simultâneo à 4ª Sessão, Ensino Religioso na LDB: histórico e encaminhamentos; Ensino Religioso nos sistemas de ensino (Estaduais e Municipais); processos de habilitação dos professores; política dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso; política de Organização do Ensino Religioso no Brasil;

3º Seminário – Curitiba/PR, de 27 a 29/10/97 – Áreas Temáticas de Capacitação do profissional do Ensino Religioso com os docentes das respectivas disciplinas, nas diferentes instituições de Ensino Superior;

4º Seminário – Blumenau /SC, 10 e 11/11/98 – Implementação das áreas temáticas do Ensino Religioso;

5º Seminário – Teresina/ PI, 16 a 18/03/99 – Área de Conhecimento na Capacitação de Professores: Culturas e Tradições Religiosas;

6º Seminário – Santos/SP, 16 e 17/05/00 –

7º Seminário – Curitiba /PR, 15 e 16/05/01- Política de formação docente para o Ensino Religioso na realidade brasileira;

8º Seminário - Maceió/AL, de 24 a 26/09/03, simultâneo à 10ª Sessão – O Ensino Religioso: uma área de conhecimento para a formação do cidadão;

9º Seminário – São Paulo/SP, de 3 a 4 de outubro de 2006, com o tema Ciência da Religião e Educação Religiosa;

10ª Seminário – Brasília/DF, de 3 a 4 de novembro de 2008, com o tema Diretrizes Curriculares de Formação para professores de Ensino Religioso;

11º Seminário – João Pessoa/PB, 23 a 25 de setembro de 2010, com o tema Diversidade, Direitos Humanos e Ensino Religioso: questionando concepções e práticas.

Os Congressos Nacionais para Professores de Ensino Religioso promovidos pelo FONAPER são:

1º Congresso Brasileiro de Professores de Ensino Religioso – Serra/ES, de 18 a 21/07/2000, Professor de Ensino Religioso aprendendo a ver, a saber, a fazer e a ser;

2º Congresso Brasileiro de Professores de Ensino Religioso – São Leopoldo/ RS, de 11 a 13/09/02- Manifestações religiosas no mundo contemporâneo: interfaces com a educação.

3º Congresso Nacional de Ensino Religioso (III CONERE) - Ocorreu entre os dias 03 a 05 de novembro de 2005, em Florianópolis/SC;

4º Congresso Nacional de Ensino Religioso (IV CONERE) – Ocorreu no dia 29 de outubro de 2007 na PUC/PR;

Na primeira sessão do FONAPER em Brasília, notificou-se a exclusão do Ensino Religioso nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação, divulgados pelo Ministério da Educação e do Desporto²¹.

Após uma séria reflexão, os participantes desta 1ª sessão concluíram que se tornava urgente uma tomada de posição frente ao impasse, propondo inicialmente um contato com a Comissão de Trabalho do MEC, sem resultado favorável no sentido de se admitir o Ensino Religioso no conjunto das demais disciplinas. Constituiu-se um Grupo para elaboração, em regime de urgência, de um texto preliminar, como referencial para essa área do conhecimento, a fim de garantir o espaço do Ensino Religioso, na Programação da Escola, como os demais componentes. O resultado desse trabalho foi a construção provisória dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso – PCNER, como proposta para o Ensino Fundamental. Em síntese, o documento traz cinco unidades de ensino denominadas “Eixos Temáticos”, reunindo fundamentos básicos para a construção da proposta pedagógica de Ensino Religioso, a saber:

O currículo proposto para o ER apresentado nos PCNER em eixos temáticos está organizado em blocos de conteúdos tais como: **Culturas e Tradições Religiosas** (filosofia da tradição religiosa; história da tradição religiosa; sociologia da tradição religiosa; psicologia da tradição religiosa); **Textos Sagrados: Oraís e Escritos** (revelação; história das narrativas sagradas; contexto cultural; exegese); **Teologias** (divindades, verdades de fé, vida além da morte); **Ritos** (rituais; símbolos; espiritualidades); **Ethos** (alteridade; valores; limites) (POZZER et al, 2010, p. 53).

Esse estudo reúne o conjunto de conhecimento ligado ao fenômeno religioso, em um número reduzido de princípios que servem de fundamentos e delimita os

5º Congresso Internacional em Ciências da Religião (V CONERE) – Com o tema Docência em Formação e Ensino Religioso: contextos e práticas, ocorreu em Goiás/GO o V Congresso Nacional de Ensino Religioso (V CONERE), realizado entre os dias 12 a 14 de novembro de 2009;

6º Congresso Nacional do Ensino Religioso - CONERE - aconteceu no Centro Universitário La Salle, em Canoas/RS, entre os dias 06 a 08 de outubro de 2011. Cf: MEMÓRIA, www.fonaper.com.br, Acesso em 14 de novembro de 2011.

²¹ Uma das primeiras tarefas assumidas pelo FONAPER se deu com a tentativa de construir um referencial teórico e metodológico para a efetivação do Ensino Religioso nas escolas, uma vez que o Grupo de Trabalho instituído pelo MEC finalizava a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, encaminhados, em 1998 aos sistemas de ensino como marcos orientadores dos componentes curriculares.

seus espaços de compreensão, reconhecendo as diferentes culturas e respeitando as opções de vida de cada sujeito de tais Eixos:

- As Culturas e Tradições Religiosas analisam os princípios teóricos e práticos das concepções de religião, como funções e valores veiculados em cada confissão religiosa, estabelecendo a relação entre tradição religiosa e ética, tradição religiosa natural e revelada, evidenciando o sentido da existência e o destino do ser humano nas diferentes culturas;

- Escritura Sagrada são os textos que transmitem a mensagem do transcendente para seus seguidores, com o objetivo de oferecer orientação para a vida. Essa orientação acontece em um determinado contexto cultural observando-se e respeitando a experiência religiosa das culturas. Nas tradições religiosas que não possuem textos sagrados escritos, isso é feito na oralidade;

- As teologias se constituem o conjunto de afirmação do conhecimento das verdades de fé, elaborado pelas religiões e repassado aos seus seguidores, de modo organizado e sistematizado, cuja finalidade é orientar o sentido da vida.

- Ritos é o estudo da série de práticas celebrativas das tradições religiosas, formando um conjunto de rituais, símbolos e espiritualidade que vão alimentar a vida espiritual e atualizar as práticas. O Rito segundo Croatto (2010, p. 330) “aparece como uma norma que guia o desenvolvimento de uma ação sacra”, e tem o objetivo de estabelecer a comunhão do crente com o seu transcendente;

- Ethos é a forma interior da moral humana em que se realiza o sentido do ser, é formado por concepções de valores, em que nasce o dever da expressão da consciência e como resposta do eu pessoal (PCNER, 2009, p. 55), o Ethos propõe a vivência da alteridade, como forma de exercício da vivência da ética, sugeridos pelas várias tradições religiosas.

Esses Eixos Temáticos do Ensino Religioso contemplam os conhecimentos que devem ser elaborados na escola, dialogando com outras áreas de ensino e com outros saberes, para se aproximar cada vez mais da ideia de conhecer e construir significados a partir de conhecimentos já existentes nas várias tradições religiosas.

Conforme Junqueira (2003, p. 103), a proposta de ler o fenômeno religioso no mundo requer um entendimento do Ensino Religioso, como parte integrante da formação cidadã, dentro dos sistemas de ensino. Para a efetivação dessa proposta,

os PCNER apresentam além dos Eixos Temáticos, mencionados acima, os objetivos gerais, que devem ser trabalhados no ensino fundamental, respeitando a pluralidade cultural, visando à formação integral dos educandos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso encontram-se divididos em três capítulos. O primeiro contempla os elementos históricos do Ensino Religioso, desde o período colonial até o século XX, uma explanação do conhecimento religioso e os objetivos gerais que devem orientar os conteúdos no Ensino Fundamental que são:

- proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando;
- subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informada;
- analisar o papel das tradições religiosas na estrutura e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais;
- facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas;
- refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano;
- possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável (PCNER, 2009, p. 47).

O segundo capítulo traz os critérios para organização e seleção de conteúdos e seus pressupostos didáticos. Apresenta cada um dos eixos organizadores desses conteúdos, citados acima. Delineia o tratamento didático que subsidia o conhecimento, dentro de uma sequência cognitiva favorecendo a continuidade da aprendizagem considerando:

- A bagagem cultural religiosa do educando, seus conhecimentos anteriores;
- A complexidade dos assuntos religiosos, principalmente devido à pluralidade;
- A possibilidade; de aprofundamento. (PCNER, 2009, p. 58)

Conclui-se o capítulo, destacando a avaliação processual, indicando três etapas: inicial, formativa e final.

O terceiro capítulo trata do Ensino Religioso nos respectivos ciclos, caracterizando-os, estabelecendo os encaminhamentos para avaliação da aprendizagem.

Outro campo significativo de atuação do FONAPER passa a ser o da formação de professores. Em 1998, a coordenação desse Fórum elaborou e sugeriu ao Conselho Nacional de Educação um documento, com proposta de estudo, na forma de Diretrizes Curriculares para Capacitação Docente em Ensino Religioso, incluindo Licenciatura, 'Lato Sensu' e Extensão.

O FONAPER preparou no ano 2000 o curso de Extensão à Distância estabelecendo parcerias, na sua administração, com a Rede Vida de Televisão e a Universidade de São Francisco; e na 2ª etapa, através da Rádio e Televisão Educativa do Paraná, incluindo novamente a Universidade São Francisco.

O curso foi estruturado em 12 módulos compostos por 12 cadernos e 12 vídeos para TV, com carga horária de 120 horas, tendo como objetivo capacitar professores para desenvolver o Ensino Religioso conforme o Artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, modificada pela Lei 9475/97, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso.

Os módulos continham os seguintes temas:

1. Ensino Religioso, disciplina integrante da formação básica do cidadão.
2. Ensino Religioso na diversidade cultural religiosa do Brasil.
3. Ensino Religioso e o conhecimento religioso.
4. Ensino Religioso e a decodificação do fenômeno religioso.
5. Ensino Religioso e o fenômeno religioso nas tradições religiosas de matriz Indígena.
6. Ensino Religioso e o fenômeno religioso nas tradições religiosas de matriz Ocidental.
7. Ensino Religioso e o fenômeno religioso nas tradições religiosas de matriz Africana.
8. Ensino Religioso e o fenômeno nas tradições religiosas de matriz Oriental.
9. Ensino Religioso e o Ethos na vida cidadã.
10. Ensino Religioso e os seus Parâmetros Curriculares Nacionais.
11. Ensino Religioso na proposta pedagógica da escola.

12. Ensino Religioso no cotidiano da sala de aula.

A Capacitação Docente para um Novo Milênio – Curso de Ensino Religioso à Distância – foi bem acolhido e alcançou as mais longínquas regiões do Brasil atendendo grande número de professores em quase todos os Estados.

Convém destacar que o FONAPER, através de suas publicações, deixa claro que o fenômeno religioso é o ponto de partida desse estudo e a ideia central de sua proposta pedagógica, como podemos constatar:

A disciplina Ensino Religioso tem como objeto de estudo o fenômeno religioso (...) como em qualquer área, o Ensino Religioso veicula um conhecimento específico e um objetivo a ser perseguido. Esse conhecimento visa subsidiar o educando no entendimento que ele tem a respeito do fenômeno religioso que experimenta e observa em seu contexto. Por isso, é um conhecimento que gera o “saber de si”, superando as concepções conteudistas de uma escola tradicional, de doutrinação religiosa e/ou ensino de religião. Dessa forma, há uma interação entre educando (sujeito), fenômeno religioso (objeto) e conhecimento (objetivo)²².

A opção é a de um modelo fenomenológico²³ admitindo a compreensão do conceito de religião a partir da etimologia da palavra associada à trajetória da disciplina em leis de ensino:

Durante séculos, ou seja, até a segunda metade do século XX, predominou no Brasil o Ensino Religioso na concepção de reeligere, no entendimento do reescolher, com a finalidade de fazer seguidores. Nesse contexto, ele se caracterizava como evangelização, aula de religião, catequese, ensino bíblico. O conhecimento veiculado era da informação sobre elementos da religião e a LDB nº 4024/61 refletiu bem essa concepção.

A segunda concepção, religare, significando religar as pessoas a si mesmas, aos outros, à natureza e a Deus, visou torná-las mais religiosas. Nesse contexto, o Ensino Religioso caracterizou-se como pastoral, aula de ética e valores, e o conhecimento veiculado foi o da formação antropológica da religiosidade, pelo saber em relação (em

²² FONAPER, **Ensino Religioso**: referencial curricular para a proposta pedagógica da escola. Brasília, s/ed. 2000, p. 16.

Ver, também: FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO - FONAPER, **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. São Paulo, Ave Maria, 1997, p. 30.

FONAPER. **Ensino Religioso**: capacitação para um novo milênio. Brasília, s/ed, 2000, p. 9, caderno 4.

²³ Explicitado no capítulo I, item 1.4 – Modelos de Ensino Religioso, subitem 1.4.3 – Ensino Religioso como estudo do fenômeno religioso.

relação a si próprio, aos outros, ao mundo, à natureza e a Deus). Esta concepção desenvolveu-se a partir dos anos 1980 e está refletida na LDB nº 5692/71.

Desde a instalação do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (1995) está-se fazendo a transição – a passagem para uma nova concepção de Ensino Religioso, a partir do entendimento do relegere – que significa reler – fenômeno religioso no contexto da realidade sociocultural, que a nova redação do art. 33 da LDBEN nº 9394/96 expressa²⁴.

Convém destacar que, entre os anos 1970 e 1980, várias experiências foram desenvolvidas no país em relação ao Ensino Religioso, na tentativa de encontrar uma nova concepção, com um novo enfoque metodológico para a disciplina.

O modelo de Ensino Religioso, que tem como foco o estudo do fenômeno religioso, contém elementos válidos, principalmente, no que concerne ao rompimento com a confessionalidade. Também tem suas limitações, a começar pelos seus pressupostos pedagógicos, pois o fenômeno religioso não esgota a "religiosidade" e nem mesmo a religião; não é aprofundado só pelo saber; há pré-requisitos para se conhecer o próprio fenômeno religioso.

O FONAPER tem contribuído para a formação de profissionais nessa área, propondo projetos de Curso de Extensão, Graduação e Pós-Graduação, com o suporte científico das Ciências da Religião.

Os cursos de Ciências Religião, em nível de graduação, com habilitação para o Ensino Religioso, são os que melhor se adaptam à formação acadêmica dos docentes para o Ensino Religioso, porque apresentam um referencial epistemológico definido e consistente segundo às concepções da comunidade científica. Permitem a formação docente para os fins pretendidos com o Ensino Religioso no ambiente escolar. Têm como base conhecer a religiosidade e a religião com fundamentos antropológicos e culturais, favorecendo o diálogo da referida disciplina com as demais e o fortalecimento dos conteúdos estudados no conjunto de outras áreas de conhecimento, tendo em vista o que recomenda Sena (2006):

A educação geral, fundada em conhecimentos científicos e em valores, assume o dado religioso como um elemento comum as demais áreas que compõe o currículo e como dado histórico cultural

²⁴ FONAPER, **Ensino Religioso**: referencial curricular para a proposta pedagógica da escola. Brasília, 2000, p. 13.

fundamental para as finalidades éticas inerentes à ação educacional (SENA, 2006, p. 32).

A formação do professor nessa visão científica oferece suporte teórico e metodológico que possibilitam a investigação das diversas manifestações do fenômeno religioso na história e nas sociedades, aprofundados pelo estudo das Ciências Humanas às quais integram as Ciências da Religião.

1.3.5 O Ensino Religioso na legislação atual

Na Resolução CNE/CEB Nº 07 de 14 de dezembro de 2010, o Ensino Religioso é regulamentado conforme a redação dos artigos seguintes:

Art. 14 – O currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental deve abranger, obrigatoriamente, conforme o art. 26 da Lei nº 9.394/96, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso.

Art. 15 – Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento:

I – Linguagens:

- a) Língua Portuguesa;
- b) Língua Materna, para populações indígenas;
- c) Língua Estrangeira moderna;
- d) Arte; e
- e) Educação Física;

II – Matemática;

III – Ciências da Natureza;

IV – Ciências Humanas:

- a) História;
- b) Geografia;

V – Ensino Religioso [...]

§ 6º – O Ensino Religioso, de matrícula facultativa ao aluno, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui componente curricular dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil e vedadas quaisquer formas de proselitismo, conforme o art. 33 da Lei nº 9.394/96. (CNE - Resolução nº 07/2010)

1.3.6 O Ensino Religioso no acordo entre o Brasil e a Santa Sé

O Acordo assinado entre o Brasil e a Santa Sé, em 13 de novembro de 2008, entrando em vigor pelo Decreto nº 7.107 de 2010, do Presidente da República, Sr. Luiz Inácio Lula da Silva foi publicado no Diário Oficial da União, em 12-02-2010.

O referido Acordo visa à consolidação da atuação da Igreja Católica no Brasil, autenticando o seu Estatuto Jurídico. Dessa forma, além da liberdade para a realização de seus trabalhos pastorais, reconhece os títulos de estudo, autoriza o Ensino Religioso nas escolas públicas, valida o casamento religioso e as sentenças eclesiásticas acerca do matrimônio, além de definir questões fiscais de interesse da instituição eclesiástica. Outras questões são tratadas, ao longo do texto com vinte artigos.

O Ensino Religioso, no referido Acordo, é assegurado com a seguinte redação:

Art. 11 – A República Federativa do Brasil, em observância ao direito de liberdade religiosa, da diversidade cultural e da pluralidade confessional do País, respeita a importância do Ensino Religioso em vista da formação integral da pessoa.

§ 1º – O Ensino Religioso, católico e de outras confissões religiosas, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, em conformidade com a Constituição e as outras leis vigentes, sem qualquer forma de discriminação. (BRASIL, 2010)

O referido artigo dependerá de regulamentação para a sua aplicação nas escolas da rede pública oficial. Tem sido alvo de debate entre diferentes correntes no Brasil: a primeira mantém o grupo de favoráveis à sua implantação nos termos do art. 11, anteriormente destacado. Outra corrente reúne grupos contrários a essa modalidade de ensino, com iniciativas, de norte ao sul do país, que reaquecem a reflexão sobre as metodologias do Ensino Religioso que julgam mais adequadas às escolas da rede oficial de ensino. E a terceira corrente que não admite a inclusão da referida área na escola pública, como componente curricular. O seu argumento está na concepção de estado laico.

O Ensino Religioso nas escolas deve ser abordado no conjunto das ações escolares, tendo como objeto de estudo o fenômeno religioso das culturas e não o estudo de uma determinada confissão religiosa, essa tarefa é das igrejas, concordando com (GILBRAZ, 2012), “a iniciação de alguém numa tradição espiritual tem o seu espaço propício não na escola, mas nas liturgias da respectiva vivência simbólica”. No universo escolar deve se trabalhar o ensino que permita um diálogo com as ciências humanas, pois as religiões, conforme Bortoleto (2010, p. 67) “são

leituras sobre o mundo” e têm como finalidade exercer as ações mediadoras entre os diversos outros saberes para possibilitar a religação do homem com o sagrado, sem a necessidade de uma profissão de fé. Nesse sentido é possível realizar o estudo do Ensino Religioso, no estado laico (PASSOS, 2006, p. 117), a partir de diferentes leituras propostas pela epistemologia das Ciências da Religião.

1.4 O Ensino Religioso na Poesia de João Cabral de Melo Neto

Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto, sem a pretensão de fazê-lo, oferece à educação um contributo valioso na maneira de entender a natureza da disciplina, enquanto área de conhecimento, desvinculando-a da tradicional concepção de entender a expressão “religioso” como algo próprio de religiões, religião ou uma confissão. Abre perspectivas para a compreensão da sensibilidade inata do ser humano, portador de espiritualidade marcada por um substrato cultural; espiritualidade esta sustentada por sua própria condição humana, em seu desejo de superação, de abertura ao sempre mais; e de equilíbrio entre as polaridades do ser finito, na condição imanente e ao mesmo tempo, na condição transcendente, em busca de infinito. Trata-se do sujeito religioso, independentemente de religião, as religiões podem ou não contribuir para o desenvolvimento desse aspecto da realidade humana. Contudo, as Ciências da Religião, ao se constituírem como uma das bases epistemológicas do Ensino Religioso, contribuem para a compreensão do humano, enquanto ser aberto à transcendência influenciado pela cultura, com o objetivo de possibilitar a compreensão do fenômeno religioso na diversidade cultural

1.4.1 A formação religiosa de João Cabral de Melo Neto

Dos anos passados no Colégio Marista, de tradição católica, o poeta guarda, mais que tudo, um medo avassalador do inferno, dizia ele. “Eu não acredito nem no céu, nem no purgatório, mas acredito no inferno”. (CASTELLO, 2006, p. 40)

Passou por circunstâncias não favoráveis à suas convicções religiosas futuras. Porém, tal fato contribuiu para a sua indiferença em relação à própria religião de origem. Nesse sentido, vem rejeitar teoricamente os ensinamentos

recebidos. Na vida adulta, se declara ateu, mesmo assim, a sua prática contradiz com tal declaração, pois como afirma Waldecy Tenório, em *A Bailadora Andaluza*, a obra está feita, é um depoimento a favor do povo Severino. “Ora dirá Guardini, evocando Dostoiévski, quem não acredita em Deus, também não acredita nesse povo de Deus, mas quem acredita nesse povo de Deus é senhor do mistério, mesmo que até aí não tenha acreditado nele”, portanto, conclui Tenório (1996, p. 140). João Cabral não é só um artista, é um teólogo inconfessável.

A influência de sua família é marcante na sua espiritualidade. Entre as atitudes que conserva em relação ao sagrado estão o respeito e preservação dos bens religiosos de sua família. Prova disso é a retirada da medalha de Nossa Senhora do Carmo do colo de sua mãe, usada por ele como relíquia. A padroeira do Recife era da devoção de sua família, de seu grupo social mais próximo. O símbolo religioso é algo incorporado em quem lhe atribui significado; pelo que este lhe comunica; pelo que lhe transmite em relação à vida e suas razões mais profundas, o mesmo se declarando materialista, conta com o plano da transcendência inclusa nos símbolos e sua expectativa de significação.

O estudo das Ciências da Religião comprova essa descentração do sagrado como fonte de normas (TEIXEIRA, 2001, p. 305), para evidenciá-lo como força transcendente e riqueza original e vital, que alimenta as camadas mais profundas do ser humano e o habilita compreender a religião como uma esfera autônoma do agir social, capaz de influenciar a construção dos processos históricos, sociais e coletivos do sujeito.

1.4.2 João Cabral de Melo Neto e a sua contribuição ao Ensino Religioso

A poesia “cabralina” deixa transparecer a sensibilidade religiosa de seu grupo familiar, ainda que ameaçada por um mesmo substrato religioso presente no imaginário coletivo do povo brasileiro, que perpassou, também, o colégio que frequentara na juventude. Há em todo o poema *Morte e Vida Severina* uma mística poética reveladora de uma teologia da indignação, do respeito para com as diferentes formas de crer, assim como para as manifestações da presença de Deus no mundo criado e recriado. A atitude do poeta é uma atitude de defesa do homem e de povo “Severino”, e por meio de uma metáfora reveladora da indignação, o poeta denuncia a injustiça social do Nordeste.

A literatura do poeta nordestino se nutre de uma realidade instigante e desafiadora que pode ajudar esse trabalho, porque esta interpreta a realidade como tal e a complexidade humana do sertanejo.

João Cabral de Melo Neto, no poema *Morte e Vida Severina*, chamado de cordel ou mesmo no cordel dos folhetos populares, contém aspectos fundamentais sobre o imaginário religioso do povo e as formas de convivência social, que podem ser decisivos para leituras das culturas e tradições religiosas; assim como, para favorecer a recriação de um Ensino Religioso na perspectiva transdisciplinar, com novos enfoques na educação, pois “A obra de arte vem ao mundo para falar do mundo”. (TENÓRIO, 1996, p.110)

Os valores fundamentais, também considerados um dos pilares do Ensino Religioso, são observados pelo poeta com perspicácia “sui generis”, perpassando toda a sua obra. *Morte e Vida Severina* reúne em seu bojo concepção e prática de justiça social; a construção de uma sociedade solidária; as características de uma nova ordem social; os traços marcantes ou indicadores do ser humano realizado pessoal e socialmente, com identidade, religiosidade e solidariedade pautada em parâmetros sociais de justiça. Tudo isso tem relação com uma nova compreensão e prática de Ensino Religioso, centrado no ser humano predisposto a:

Conhecer, pensar, questionar e refazer o diálogo como cidadãos comprometidos com a construção de formas mais humanas de: ver, entender, organizar o conteúdo cultural imprimindo uma nova ordem no espaço em que vivemos. (TENÓRIO, 1996, p.110)

Para suporte teórico e conceitual deste trabalho, usaremos a discussão de identidade de Bauman, a prosa de Leonardo Boff sobre religiosidade e solidariedade, as contribuições de Edgar Morin sobre a complexidade humana, o corpus da literatura, sobretudo, Antônio Carlos Secchin, com o livro *João Cabral de Melo Neto A poesia do menos*; Antônio Carlos Magalhães com o livro *Deus no espelho das palavras – Teologia e Literatura em diálogo* e o livro de Waldecy Tenório, *A Bailadora Andaluza*, os quais apresentam o diálogo da Literatura com a Teologia, com uma linguagem que atualiza, concretiza e interpreta a maneira própria das verdades estabelecidas, destacando a interpretação do fenômeno religioso no contexto e na Literatura.

A análise do poema *Morte e Vida Severina* será respaldada no aporte das Ciências da Religião, porque essa trabalha de modo autônomo e externo a confessionalidade e seus respectivos depósitos de fé, pois:

Trata-se de um conhecimento e de um discurso regrado e coerente, que explicita seus pressupostos e que controla e justifica seus procedimentos, e se aplica, em vários níveis de aproximação, a um fato, experiência ou realidade cultural/espiritual específicos, ou seja, à religião que se manifesta de forma plural na história por meio de vários tipos e apresentando uma estrutura fundamental. (TEIXEIRA, 2001, p. 163)

Portanto, a leitura que fazemos do poema ultrapassa as intenções sociológicas do autor, para buscar no *Auto de Natal Pernambucano* a profunda religiosidade e solidariedade que emana do poema e a noção de identidade. *Morte e Vida Severina* possibilidade se estabelecer o diálogo entre a Literatura e o Ensino Religioso, fundamento dessa interpretação, para oferecer aos educandos reflexões, nessa área de conhecimento, contidos nos textos literários.

2 DIÁLOGO: ENSINO RELIGIOSO E LITERATURA

Atualmente, as diversas áreas de saberes são convidadas e desafiadas a estabelecer diálogo com outros conhecimentos. O diálogo da Religião e a Literatura tem sido esquecido, apesar da enorme pluralidade religiosa presente nas obras literárias.

A emergência do estudo das Ciências da Religião como nova área acadêmica possibilita um olhar mais descentralizado da Religião, o que propicia a dialética do Ensino Religioso e a Literatura, na perspectiva da compreensão do fenômeno religioso, objeto de estudo dessa área de conhecimento. Isso se dá porque toda produção literária está inserida dentro de um contexto histórico cultural marcado pela religião. (MAGALHÃES, 2008, p. 195)

Este estudo pretende refletir sobre a importância do diálogo do Ensino Religioso e arte literária, especificamente no poema *Morte e Vida Severina*²⁵, de João Cabral de Melo Neto, estabelecendo uma reflexão crítica à luz das Ciências da Religião, distinguindo os dois lados da natureza humana: um marcado pela emoção, sensibilidade e espontaneidade e o outro marcado pelo estado da razão que luta pela ordenação lógica como forma de compreensão da vida e do mundo.

As Ciências da Religião como uma área que se caracteriza pela sua pluralidade interna tem a capacidade e a riqueza material relevante para ajudar o intercâmbio entre a Literatura e as manifestações religiosas do texto literário, a fim de contribuir com uma educação que possibilite a religação do homem com sua dimensão transcendente, pois, conforme aponta Teixeira (2005), as Ciências da Religião:

É uma disciplina que busca focar a especificidade da religião e dos fenômenos religiosos, sem cair em reducionismos ou dogmatismos, mas sem, no final das contas, ceder também à terceira tentação, tão própria da abordagem fenomenológica: o descritivismo. (TEIXEIRA, 2005, p.176)

O poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina* é um símbolo que possui uma carga de significados religiosos, sem se afastar da dinâmica da

²⁵ Durante toda a dissertação, utilizar-se-á o poema “Morte e Vida Severina – Auto de Natal Pernambucano” retirado da seguinte obra: *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes / 1.ed especial.* – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

produção literária do autor. O poema nos oferece possibilidades infinitas de interpretação do fenômeno religioso²⁶, as quais ultrapassam a confessionalidade²⁷ de uma religião com seus dogmas e suas teologias.

Nessa paisagem, as Ciências da Religião é vista como um instrumento adequado e utilizável para desempenhar uma tarefa específica nos esquemas interpretativos do dado religioso do poema e da cultura, pois a religião tem a complexidade do lugar, que por sua vez, cria o contexto interpretativo, moldado pelas estruturas ideológicas e religiosas de significado, orientações culturais de valor e regras determinadoras de protocolos sociais (PADEM, 2001, p. 194).

A arte literária pode ser a ponte para que o homem compreenda o lado sensível e possa uni-lo ao lado racional possibilitando uma visão mais integradora da condição humana, incluindo-se a dimensão religiosa, pois a arte trabalha com o deslumbramento e a contemplação, representados na criação artística. A poesia possibilita essa organização através de sua composição métrica e suas diversas associações arquitetônicas.

O poema, *Morte e Vida Severina*, com o qual iremos trabalhar nesta dissertação, é o veículo que possibilita, através de sua arquitetura, pois João Cabral de Melo Neto é conhecido como “o engenheiro das palavras” fazer uma leitura que possa revelar e desvendar ações gestadoras de esperanças e produtoras de existências, noções presentes no poema e tão necessárias a serem trabalhadas no Ensino Religioso, do ensino fundamental, como elementos indispensáveis na formação cidadã do sujeito.

A produção poética de João Cabral de Melo Neto era planejada e ordenada, ele mesmo a define assim, “para mim, a poesia é uma construção, como uma casa.” Isso ele aprendeu com Le Corbusier²⁸, seu grande mestre a lhe mostrar a claridade sem ornamentos e excesso. Em entrevista a Lucas (2003, p. 122) ele afirma:

²⁶ Fenômeno Religioso: o fenômeno religioso pode ser explicado pela existência de um núcleo em que se realizam experiências, vivências, acontecimentos, busca de um sentido, de significado último, que atingem a vida em sua globalidade, em sua radicalidade, com intensidade. É que para muitos se denomina experiência originária, isto é, tão profunda que chega em nível do mistério, escapa do conhecimento racional, está para além das especulações e das justificativas racionais. (Caderno do Fanaper Nº 3).

²⁷ Confessionalidade: tudo que diz respeito a uma confissão, doutrina ou crença religiosa (PCNER, 2006).

²⁸ Le Corbusier: arquiteto de prestígio internacional, foi o grande mestre que inspirou Cabral na construção dos seus poemas. João Cabral de Melo Neto começa ler os trabalhos de Le Corbusier já aos 18 anos, na biblioteca de Willy Lewin, e neles encontra o principal fundamento teórico para pensar sua arte poética (CASTELLO, 2006, p. 52).

A visão de mundo de Le Corbusier exerceu uma grande influência na minha vida. Ele escreveu muitos ensaios sobre arquitetura, e eu aplicava aquilo à literatura. Isto teve sobre mim uma influência muito maior do que o ensaísmo literário.

Em *Morte e Vida Severina*, ele destaca o papel dos coronéis e dos latifundiários na construção da miséria e injustiças sociais. Através do personagem Severino, sabiamente João Cabral usa a arte como uma fada que encanta, cura, denuncia e transforma o horror da existência em representações ilusórias com as quais os homens podem viver. Portanto, ela as transforma em afirmações que ajudam a carregar o peso da existência esmagada pelas estruturas injustas de poder. Sua poesia serve como revolta simbólica contra as atrocidades que se desenvolvem afrontando a vida do ser humano e ao mesmo tempo a eleva ao seu sentido mais profundo da existência. Por essa razão, a obra literária dá uma grande contribuição a todas as áreas de conhecimento, devendo ser aproveitado todo o seu potencial na construção do conhecimento dentro do jogo social de interesses:

No texto literário, a mensagem está em primeiro plano em detrimento até mesmo das regras gramaticais. O artista cria o texto de forma que ele se abra a várias interpretações e sentidos. O uso poético e emotivo da palavra vai além de sua função básica e permite ao leitor descobrir novos caminhos para entender a mensagem. Aí reside toda a força da literatura: em sua capacidade de instigar o leitor e desafiá-lo, como num jogo. (CASTRO, 1998, p. 58)

João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina*, constrói sua forma poética com conteúdo no qual se discutem questões fundamentais da vida humana do homem nordestino. Seu trabalho poético possibilita ao leitor uma visão de mundo, representando simbolicamente a vida e todas as implicações da cotidianidade. O poema representa a secura da vida Severina e a secura do sertão castigados pelas grandes estiagens, mostrando também como o seco aparece na paisagem física e social, assumindo não só a resignação da vida, mas estabelecendo uma teimosia persistente de resistência em busca de vida mais digna para todos. João Cabral de Melo Neto faz parte do período chamado terceiro tempo do modernismo²⁹, que se

²⁹ Modernismo: movimento cultural que marcou o cenário artístico brasileiro, na 1ª metade do século XX, sobretudo, no campo da literatura e das artes plásticas. O maior acontecimento do Modernismo no Brasil foi a Semana de Arte Moderna em 1922.

caracterizou por se preocupar em buscar novas formas de elaboração da linguagem, desprovida de quaisquer sentimentalismos. A poesia chamada geração de quarenta e cinco³⁰, tentou aliar os avanços do país com a tonalidade clássica, em que a ficção se voltava para a preocupação com o ser humano, tentando compreender os conflitos sociais da época. João Cabral foi o principal representante dessa geração com a temática sobre a seca. Sua poesia é extremamente instigante e desafiadora para os poderosos da época e até os dias atuais, pois acentua os aspectos performáticos de linguagem, inclusive a linguagem religiosa do povo simples, a religiosidade tão marcante na cultura popular nordestina.

Na literatura de João Cabral de Melo Neto, encontra-se o lugar por excelência onde a dimensão religiosa está preservada, como também, interpreta a realidade da vida do povo. O cordel³¹ de Cabral traz registrados os aspectos fundamentais sobre o imaginário religioso nordestino e as formas estabelecidas de convivência social. Esse imaginário pode ser decisivo na interpretação de uma releitura da tradição de fé, pois a primeira forma de pensar e de estabelecer o diálogo entre as Ciências da Religião e a Literatura é pensar o papel do homem dentro de sua experiência religiosa, perceber as riquezas das formas de expressões dos mitos e dos ritos, para possibilitar uma visão norteadora de sua missão no mundo.

A linguagem metafórica presente na dinâmica da estrutura do poema possui uma pluralidade de significados dentro de um espaço histórico da narrativa; sendo que, o que iremos dissertar é a necessidade da religião do homem com sua identidade³², sua solidariedade irrestrita e sua religiosidade como necessidade de sentido para sua caminhada pelo sertão seco.

³⁰ Geração de 45: os escritores dessa geração buscavam uma renovação literária cuja preocupação principal era a linguagem sintética, precisa, concreta e racional. João Cabral de Melo Neto é o maior destaque dessa época (BOSI, 2006, p. 465).

³¹ Cordel: poemas do gosto popular expostos em cordas, barbantes; daí o nome cordel. Tem origem na tradição medieval em que a atividade de contar história era uma constante nas comunidades (BRANDÃO, 2009, p. 119).

³² Identidade. Para (BAUMAN, 2005, p. 19) requer a ideia de pertencimento, ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto” o pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. O anseio de identidade vem do desejo de segurança. A identidade é uma tarefa e um objetivo do trabalho de toda uma vida.

Esses aspectos constituem um dilema para a sua vida e uma oportunidade fundamental para se compreender a importância das Ciências da Religião nesse estudo, porque esta aponta a compreensão da dimensão religiosa do ser humano, sua percepção e o seu modo de compreender o fenômeno religioso dentro da pluralidade religiosa do texto.

Essa dinâmica apregoa as formas de religiosidade que aparecem no texto *Morte e Vida Severina*, aponta para os possíveis caminhos do fazer Ciência da Religião nos Eixos Temáticos do Ensino Religioso³³. Desse modo, é possível estabelecer um diálogo entre Ciências da Religião e Literatura, objetivando apresentar alternativas de parâmetros que ajudem a dinâmica do Ensino Religioso em sua prática pedagógica, considerando a emergência das transformações sociais e o imaginário religioso presente nas narrativas literárias. Segundo Terrin (2003, p. 32) “a religião já existe antes de qualquer reflexão sobre a própria religião”. Dessa forma, o poema aponta possibilidades para a sistematização das formas simbólicas da religião, entendida não como pressuposto de fé, mas como religação com o sentido último; como meio de conhecimento das religiões e da fenomenologia religiosa, com o objetivo de interpretar as manifestações religiosas que a literatura oferece, assim,

... a religião deve ser entendida dentro da relação com o imaginário humano, com os desejos mais profundos, não como alienações, mas como forma de estabelecer dignidade da vida humana, defender o amor e procurar por novas maneiras de poder (MAGALHÃES, 2000, p. 145).

A linguagem literária atualiza, concretiza e interpreta as formas próprias das verdades do discurso religioso, tornando sua compreensão mais acessível ao ser humano. A Literatura pode ser porta voz dessa religiosidade no diálogo com as Ciências da Religião, pois apresenta substituições estéticas de um princípio transcendente que encontra seu fundamento na Religião.

Nesse sentido, a Literatura precisa ser aproveitada como uma arte que ajuda a pensar a realidade, posto que, já afirmava Tomás de Aquino, no século XII, que “a arte literária é uma forma de conhecimento da realidade” (CASTRO, 1998, p. 58).

³³ Eixos temáticos do Ensino Religioso: estrutura comum de onde são retirados os critérios para a organização de seleção de conteúdo e objetivos do Ensino Religioso (PCNER, 1997, p. 33-37).

Esse autor apontava, em consonância com os antigos gregos, que as artes literárias auxiliavam no trabalho de formação de homens livres. A educação deveria ser útil aos homens no sentido de libertá-los da ignorância e encaminhá-los a viver conforme os fundamentos da razão que se alimentam também da fé.

O presente estudo propõe uma aproximação entre a Literatura e o Ensino Religioso, como possibilidade de religação dos conhecimentos produzidos no Ensino Fundamental. Trata-se de investigar como tal aproximação pode possibilitar o resgate de um conhecimento pertinente, este entendido como quer Morin (2000, p. 48), adequado ao viver do sujeito consciente, interagindo com o universo cósmico, como realidade viva e histórica, Morin ainda alerta que é preciso integrar “a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...” (MORIN, 2000, p. 48).

Para Tenório (1996. p, 34), percorrer um texto é extrair a sua carga de emoção e seu conteúdo religioso e social para desvendar a linguagem metafórica, é exatamente o que acontece no texto de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina, pois a Literatura apresenta a possibilidade metodológica de se ter instrumentos capazes de encontrar o religioso dentro do texto literário, mesmo quando não estiver muito aparente.

2.1 Um Interlocutor da Literatura para o Ensino Religioso

Apresentar a itinerância literária de João Cabral de Melo Neto, destacando o poema Morte e Vida Severina, objeto dessa dissertação, possibilita ampliar a interpretação do texto e descobrir o mistério das palavras para mostrar o seu indisfarçável sentimento de indignação com a miséria produzida no Nordeste. Conhecendo o percurso do autor e os motivos ideológicos de sua obra, descobrem-se os valores regionais apresentados no texto e outros valores tão necessários à formação da ética, da solidariedade e da espiritualidade, pertinentes na estrutura do poema.

O poeta João Cabral de Melo Neto nutre sua obra de secura e concretude da realidade de modo tão evidente, pois sua obra é o seu mais apurado perfil com seu ceticismo característico, sua amargura e seu medo da morte, não precisamente a morte física, mas a ideia de inferno que ele guardou em suas reminiscências das aulas de religião do Colégio Marista de Recife. Conforme Castello (2006, p. 40):

Dos anos passados no Colégio Marista o poeta guarda, mais que tudo, um medo avassalador do inferno. 'Eu não acredito nem no céu, nem no purgatório,' distingue, já homem feito. Mas acredito no inferno'.

Quem acredita no inferno, acredita na dimensão transcendente da vida, portanto, a religião também insurge na vida do poeta. Certa vez em uma entrevista, Norma Couri lhe pergunta "Você disse que é marxista, mas traz essa medalhinha pendurada". E João Cabral responde: "Porque sou consagrado a Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Recife. A partir daí nunca mais deixei de usar essa medalhinha. Não é a mesma, claro. Não sou religioso, mas tem coisa na vida que não dá para explicar" (LUCAS, 2006, p. 18). Por conseguinte, conclui-se que João Cabral de Melo Neto era um homem religioso e expressou essa dimensão não só na sua poesia como também em sua vida, pois a medalha é o símbolo que representa a chave da experiência religiosa.

Nesse sentido, concordamos com Croatto (2010, p. 81), quando diz: "o símbolo é, na ordem da expressão, a linguagem originária e fundante da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as outras." Assim como experiência de uma realidade sagrada, a medalha é o núcleo ou o mistério do fato religioso.

Suas reminiscências de infância foram de fundamental importância para a construção de sua obra, todo seu trabalho reflete o seu chão, a sua gente, o Nordeste, o Recife, sua paisagem.

O Capibaribe, mesmo sujo, é majestoso. Ao longo de suas águas desfilam areiros, vacarias, olarias, pescadores e catadores de caranguejos; personagens que povoam as primeiras lembranças de nosso viajante, como figuras pinceladas em uma tela virgem. A visão feérica da seca, que dará o tom de sua obra poética, ainda está distante. A natureza, aqui, é razoável. Comedida, mas generosa, ela abre os espaços de que o homem necessita para viver. (CASTELLO, 2006, p. 34)

O objetivo aqui é tecer considerações para mostrar quanto é plausível a poesia e seu autor. O poeta fala para dizer algo ou alguma coisa de sua trajetória de vida, a fim de ajudar a desvendar essa coisa, "o horizonte infinito do questionar humano é experimentado como horizonte que sempre se retira para mais longe

quanto mais respostas o homem é capaz de dar-se” (TENÓRIO, 1996, p. 166). Em *Morte e Vida Severina*, descobre-se que:

- E se somos todos Severinos
Iguais em tudo na vida,
Morremos de morte igual,
mesma morte Severina...

Assim, João Cabral de Melo Neto se lança para o outro e para o mundo, a partir de sua identificação com Severina, através dessa metáfora reveladora da indignação das injustiças do Nordeste, numa atitude de defesa do homem transformando o rigor formal do poema em rigor ético, a formulação estética de sua poesia também serviu para traduzir a representação mais genuína da atmosfera nordestina.

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade de Recife - PE, no dia 09 de janeiro de 1920, na Rua da Jaqueira, tendo o Capibaribe como testemunha, rio que se entranhará em toda sua produção poética (CASTELLO, 2006, p. 33).



Figura 1: João Cabral de Melo Neto olhando o rio Capibaribe, fonte de inspiração de suas obras.
(Fonte: google)

Segundo filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo. Ele nasce na casa do avô materno. Era primo, pelo lado paterno, de Manuel Bandeira e pelo lado materno, de Gilberto Freyre. Passa a infância em engenhos de açúcar. Primeiro no Poço do Aleixo, em São Lourenço da Mata e depois nos engenhos Pacoval e Dois Irmãos, no município de Moreno. Em um dos seus poemas denominado “Autobiografia de um Dia Só, de **A Escola das Facas**, um de seus livros em que mais nitidamente podem ser vistos os alicerces da memória pessoal”. João Cabral de Melo Neto assim descreve seu nascimento: “Em pleno Céu de gesso,/ naquela madrugada mesmo,/ nascemos eu e minha morte,/ contra o ritual daquela Corte” (CASTELLO 2006, p. 33). Como vemos, o poeta já nasce rebelde, misturando suas memórias com o medo da morte, que é uma constante em toda sua trajetória de vida.

Em 1930, com a mudança da família para Recife, inicia o curso primário no Colégio Marista. João Cabral era um amante do futebol, tendo sido campeão juvenil pelo Santa Cruz Futebol Clube em 1935 e, ao sair do estádio de futebol como campeão, ouve os primeiros tiros da Intentona Comunista que ecoam pela noite pernambucana (CASTELLO, 2006, p. 42).

Em 1937 obteve seu primeiro emprego, na Associação Comercial de Pernambuco, tendo depois trabalhado no Departamento de Estatística do Estado. Já com 18 anos, começa a frequentar a roda literária do Café Lafayette e se reúne em volta de Willy Lewin³⁴ e do pintor Vicente do Rego Monteiro³⁵, que regressara de Paris por causa da guerra. Willy Lewin se torna grande amigo de Cabral.

É na biblioteca particular de Willy Lewin que João Cabral lê poesias e ensaios sobre poesias; lê, sobretudo, os versos de Charles Baudelaire³⁶, Stéfane Mallarbarmie³⁷ e os ensaios de Paul Valéry³⁸. Este último teve papel decisivo na formação literária de Cabral (CASTELLO, 2006, p. 47).

³⁴ Willy Lewin: João Cabral conhece, no Recife, a biblioteca de Willy Lewin, intelectual que teria tanta importância na sua formação quanto um curso universitário (CASTELLO. 2006.p, 50).

³⁵ Vicente do Rego Monteiro: pintor e desenhista pernambucano amigo de Willy Lewin. Conheceu João Cabral na biblioteca de Willy Lewin.

³⁶ Charles Baudelaire: poeta e teórico da arte francesa.

³⁷ Stéfane Mallarbarmie: João Cabral lia na Biblioteca de Willy Lewin, as poesias de Mallarbarmie e Baudelaire. (CASTELLO, 2006, p.47)

³⁸ Paul Valéry : nasceu na França em 30/10/1871 e morreu em 20/06/1945, era filósofo, escritor e poeta da Escola Simbolista. João Cabral de Melo Neto lê os ensaios de Valéry, adota os princípios poéticos ditados pelo escritor francês e passa a aplicá-los em sua própria escritura. Deixa sua escrita impregnada pela leitura dos cinco tomos de Variété, obra máxima que reúne prefácios, conferências e

Em 1940, viaja com a família para o Rio de Janeiro e lá conhece Murilo Mendes³⁹. É apresentado a Carlos Drummond de Andrade⁴⁰ e passa a fazer parte do grupo de intelectuais que se reunia no consultório de Jorge de Lima. Em 1941, participa do Congresso de Poesia do Recife, ocasião em que apresenta suas Considerações sobre o poeta Dormindo.

Seu primeiro livro **Pedra do Sono**⁴¹ é publicado em 1942. Em novembro viaja por terra para o Rio de Janeiro e, nesse mesmo ano, é convocado a servir à Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em seguida, é dispensado por motivo de saúde, mas permanece no Rio, sendo aprovado em concurso e nomeado Assistente de Seleção do DASP (Departamento de Administração do Serviço Público). Nesse período, integra o grupo de intelectuais que se reuniam no Café Amarelinho e Café Vermelhinho, no centro do Rio de Janeiro e publica **Os três mal-amados**, na Revista do Brasil.

O Engenheiro é publicado em 1945, em edição custeada por Augusto Frederico Schmidt. A estada de Cabral no Rio de Janeiro possibilita grandes mudanças em sua vida e serve para consolidar o seu gosto por viagens. Procura uma profissão que lhe dê oportunidades de grandes viagens para afrontar seu medo da inércia. Nesse mesmo ano, faz concurso para a carreira diplomática, para a qual é nomeado em dezembro. Começa a trabalhar em 1946, no Departamento Cultural do Itamaraty, depois no Departamento Político e posteriormente na comissão de Organismos Internacionais. Em fevereiro, casa-se com Stella Maria Barbosa de Oliveira, no Rio de Janeiro, com quem teve cinco filhos.

Em 1947, com apenas vinte e sete anos de idade, vai para a Espanha, escalado para o posto de vice-cônsul em Barcelona. Nesse período, a Espanha estava sob o regime autoritário de Franco, que tinha como objetivo, reprimir toda criatividade artística cultural para manter o medo. Barcelona era uma cidade inquieta e habitada por muitos artistas (CASTELLO, 2006, p. 80). Nesse período, conhece os

homenagens assinadas por Paul Valéry, publicados entre 1924 e 1945 pela editora Gallimard (Castello, 2006, p. 51).

³⁹ Murilo Mendes: poeta mineiro de Juiz de Fora que recebe J. C. no Rio de Janeiro com carta de apresentação de Willy Lewin; ainda é recomendado por Drummond: “vai aí um poeta de Pernambuco que tem um poema dedicado a você. Trate-o bem” (Castello, 2006, p. 67).

⁴⁰ Carlos Drummond de Andrade: mineiro de Itabira, foi um poeta que apendeu a refletir poeticamente as inquietações de uma época.

⁴¹ Pedra do Sono: primeiro livro de João Cabral de Melo Neto, lançado em 1942. Nessa edição, foram impressos apenas 340 livros.

catalães Joan Brossa, poeta, e Antoni Tàpies, artista plástico, com quem mantém intenso relacionamento intelectual (SALLES, 2006, p. 15).

Em 1950 é removido para o Consulado Geral em Londres e publica **O cão Sem Plumas**. Dois anos depois, retorna ao Brasil para responder ao inquérito em que é acusado de subversão. Escreve o livro **O Rio**, em 1953, com o qual recebe o Prêmio José de Anchieta do IV Centenário de São Paulo, em 1954. É colocado em disponibilidade pelo Itamaraty, sem rendimentos, enquanto responde ao inquérito, período em que trabalha como secretário de redação do Jornal *A Vanguarda*, dirigido por Joel Silveira. A pedido do promotor público, seu inquérito é arquivado. Ele vai para Pernambuco onde é recebido em sessão solene na Câmara Municipal do Recife.

Ainda em 1954, a Editora Orfeu publica seus **Poemas Reunidos**. Participa do Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo e também do Congresso Brasileiro de Poesia, reunido na mesma época. É reintegrado à carreira diplomática pelo Supremo Tribunal Federal e passa a trabalhar no Departamento Cultural do Itamaraty.

Em 1955 recebe o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. A Editora José Olympio publica, em 1956, **Duas Águas**, volume que reúne seus livros anteriores e os inéditos: *Morte e Vida Severina*, *Paisagens Com Figuras* e *Uma Faca só Lâmina*. É removido para Barcelona, como cônsul adjunto, com a missão de fazer pesquisas históricas no Arquivo das Índias de Sevilha, onde passa a residir nesse período. Cabral começa a escrever sobre o Brasil especificamente sobre Pernambuco.

O poeta pensa que a Espanha e Pernambuco se parecem, e esse paralelo, que simultaneamente aproxima e afasta, esclarece e engana, o estimula a trabalhar. Não precisa da realidade à sua frente para escrever. Ao contrario: a proximidade excessiva, Cabral descobre, cega. “Fazemos literatura com as impressões que recebemos até certa idade”, define mais tarde (CASTELLO, 2006, p. 93).

Em 1958 é removido para o Consulado Geral, em Marselha. Recebe o prêmio de melhor autor no Festival de Teatro do Estudante, realizado no Recife. Publica em Lisboa seu livro **Quaderna**, em 1960. É removido para Madri,

como primeiro secretário da embaixada. Em seguida, publica em Madri, *Dois Paramentos*.

Em 1961 é nomeado chefe de gabinete do Ministro da Agricultura, Romero Cabral da Costa e passa a residir em Brasília. Meses depois, é removido outra vez para a embaixada em Madri. A Editora do Autor de Rubem Braga e Fernando Sabino publica *Terceira Feira*, livro que reúne **Quaderna e Dois Paramentos**, ainda inéditos no Brasil e um novo livro, **Serial**. Em 1962 é transferido para Sevilha. Continuando seu vai-e-vem pelo mundo, em 1964 é nomeado conselheiro para a Delegação do Brasil junto às Nações Unidas, em Genebra, cidade que lhe é muito agradável por sua tranquilidade.

Como Ministro Conselheiro, em 1966, muda-se para Berna. O Teatro da Universidade Católica de São Paulo - PUC monta o auto de *Natal Morte e Vida Severina*, com música de Chico Buarque de Holanda, primeiro encenado em várias cidades brasileiras e depois no Festival de Nancy, no Théâtre des Nations⁴², em Paris e, posteriormente, em Lisboa, Coimbra e Porto. Em Nancy, recebe o prêmio de Melhor Autor Vivo do Festival. Publica **A Educação pela Pedra**, com o qual recebe os prêmios Jabuti, da União de Escritores de São Paulo; Luisa Cláudio de Souza, do Pen Club e o prêmio do Instituto Nacional do Livro. Nesse mesmo ano, é designado pelo Itamaraty para representar o Brasil na Bienal de Knock-le-Zontew, na Bélgica.

Em 1967 volta a Barcelona como Cônsul Geral. No ano seguinte é publicada sua primeira edição de *Poesias Completas* pela Editora Sabiá do Rio de Janeiro. É eleito em 15 de agosto de 1968 para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Assis Chateaubriand, no mesmo ano é recebido em sessão solene pela Assembleia Legislativa de Pernambuco como membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

Toma posse na Academia em 06 de maio de 1969, da cadeira número seis, sendo recebido por José Américo de Almeida. A Companhia Paulo Autran encena *Morte e Vida Severina* em diversas cidades do Brasil. É removido para a embaixada de Assunção, no Paraguai, como Ministro Conselheiro. Torna-se membro da Hispania Society of America e recebe a Comenda da Ordem do Mérito Pernambucano.

⁴² Théâtre des Nations: Teatro das Nações de Paris.

Após três anos em Assunção, em 1972 é nomeado embaixador em Dacar, no Senegal, cargo que exerce cumulativamente com o de embaixador da Mauritânia, no Mali e Guiné. Em 1974 é agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. No ano seguinte, publica **Museu de Tudo**, recebendo por essa obra o Grande Prêmio de Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte. É agraciado com a Medalha de Humanidades do Nordeste.

É condecorado Grande Oficial da Ordem do Mérito do Senegal em 1976, em 1979 como Grande Oficial da Ordem do Leão. É nomeado embaixador em Quito, Equador e publica **A escola das Facas**. No mesmo ano protagoniza o documentário, *Liames, o Mundo Espanhol de João Cabral de Melo Neto*, de Carlos Henrique Maranhão. (Cadernos de Literatura Brasileira)

A convite do governador de Pernambuco, Marco Antonio de Oliveira Maciel, vai a Recife em 1980 para fazer o discurso inaugural da Ordem do Mérito de Guararapes, sendo condecorado com a Grã-Cruz da Ordem. Na ocasião, é inaugurada uma exposição bibliográfica de sua obra, no Palácio do Governo de Pernambuco, organizada por Zila Mamede, e recebe a Comenda do Mérito Aeronáutico e a Grã-Cruz do Equador. No ano seguinte, vai para Honduras como embaixador e publica a antologia **Poesia Crítica**.

Em 1982 recebe o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vai para a cidade do Porto, em Portugal, como Cônsul Geral, recebe o Prêmio Golfinho de Ouro do Estado do Rio de Janeiro. Publica **Auto do Frade** escrito em Tegucigalpa.

Ganha o Prêmio Moinho Recife, em 1984 e, no ano seguinte, publica os poemas de Agrestes. Nesse livro há uma sessão dedicada à morte "A indesejada das gentes". Em 1986 é agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco. Sua esposa Stella Maria falece no Rio de Janeiro. João Cabral reassume o Consulado Geral no Porto, e casa-se, em segundas núpcias com a poetisa Marly de Oliveira que foi sua companheira até morte. Em 1987 publica "**Crime na Calle Relator**" - poemas narrativos - e recebe o prêmio da União Brasileira de Escritores e é removido para o Rio de Janeiro.

Em Recife, no ano de 1988, lança sua antologia **Poemas Pernambucanos**, editado pela Fundação José Mariano e pela Nova Fronteira, ainda por essa editora, publica o segundo volume de poesias completas: **Museu de Tudo** e depois recebe o

Prêmio da Bienal Nestlé de Literatura, pelo conjunto da obra, e o Prêmio Lily de Carvalho da Associação Brasileira de Crítica Literária, no Rio de Janeiro.

Aposenta-se como embaixador em 1990 e lança pela Nova Fronteira **Sevilha Andando**. É eleito para a Academia Pernambucana de Letras, da qual havia recebido, anos antes, a medalha Carneiro Vilela. Recebe os seguintes prêmios: Criadores de Cultura da Prefeitura do Recife, Luís de Camões, concedido conjuntamente pelos governos de Portugal e do Brasil, em Lisboa. É condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Judiciário e do Trabalho. A Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro publica **Primeiros Poemas**.

Outros prêmios: Pedro Nava em 1991, pelo livro **Sevilha Andando**; Casa das Américas, concedido pelo Estado de São Paulo em 1992; e também, nesse ano, o Neustadt International Prize for Literature, da Universidade de Oklahoma. Viaja a Sevilha para representar o Presidente da República Fernando Collor de Mello nas comemorações do dia 7 de Setembro, por ocasião da Exposição do IV Centenário da Descoberta da América. No Pavilhão do Brasil, foi distribuída sua antologia Poemas sevilhanos, em edição especial. No Rio de Janeiro, na Casa da Espanha, recebe do embaixador espanhol a Grã-Cruz da Ordem de Isabel - a Católica, em 1993 recebe o Prêmio Jabuti, instituído pela Câmara Brasileira do Livro. A Editora Nova Aguilar, do Rio de Janeiro publica sua Obra Completa.

João Cabral de Melo Neto era atormentado por uma dor de cabeça crônica e um grande medo da morte, aos setenta e nove anos, no dia 09 de outubro de 1999 cala-se a voz de significação universal, da poesia do Menos como diz Castello, da Poesia do Mais e do Muito Mais, com a singularidade do seu verso, muitas vezes lembrado para o Prêmio Nobel de Literatura.

João Cabral foi um poeta construtor de uma poesia deserta e desprovida de atributos de subjetividade. Para ele, o que interessava era o texto mais que tudo. Porém, o seu texto é obsessivamente apegado ao seu chão e a sua história de vida, a sua gente e a Pernambuco. Vejamos como ele mesmo se define como poeta, na entrevista a Fábio Lucas:

Sou um poeta intelectual, não sou lírico; sou um poeta construtor, construtivista, e não um poeta espontâneo; um poeta artificial e não um poeta de bossa; sou um poeta visual e não auditivo; um poeta não-romântico, que detesta a emoção fácil, a sentimentalidade fácil; um poeta que não se põe em primeiro plano, que não fala de si, de suas dores de cotovelo. (LUCAS, 2003, p. 95)

A rigidez da poesia de João Cabral de Melo Neto não inviabiliza ao leitor, descobrir em sua poesia, uma pluralidade de significados extra estéticos. O poema *Morte e Vida Severina* nos fornece valores existenciais, intelectuais, éticos, religiosos e sociais. Para Tenório, João Cabral de Melo Neto “é um teólogo inconfessável” (1996, p. 46). Essa afirmação se justifica porque o poeta acredita no homem e na sua força criadora. *Morte e Vida Severina*, nos conduz a uma esperança quase escatológica. Todo o poema é um depoimento a favor do povo Severino, portanto, a favor de vida mais digna do que a morte, e quem acredita no povo de Deus, crê, mesmo sem ter consciência, em Deus.

2.2 Ensino Religioso e Literatura

É oportuno retomar a questão fé e razão, ampliando para necessidade da educação contemplar a dimensão da espiritualidade, que vai além das religiões institucionalizadas e inscreve-se como prerrogativa da natureza religiosa intrínseca a todos os humanos. A obra de João Cabral de Melo Neto permite identificar uma religiosidade que ultrapassa a confessionalidade. A Literatura faz das palavras uma câmera que capta os paradoxos humanos, razão/dessa razão, prosa/poesia, e coloca-os como uma fotografia pela qual se pode mirar a própria humanidade.

Morte e Vida Severina, apresenta fortes imagens visuais e auditivas com uma linguagem simples. Porém, com um realismo que prende a atenção do leitor para situá-lo dentro de uma realidade social que ultrapassa as fronteiras do Nordeste e se estende além das fronteiras do país, com o objetivo de fazer ecoar um grito profético contra a miséria do mundo que é fabricada para alimentar as riquezas de uma minoria que concentra renda e poder. A questão da seca tem mais a ver com a forma de organização da sociedade do que com as condições do clima, embora as grandes estiagens sejam um problema sério para a agricultura de subsistência. Nesse sentido é importante sinalizar o que afirma a CNBB:

Considerando que a propriedade da terra é, na Região, um dos principais meios de poder e de acesso a outras formas de riqueza, a extensão das áreas possuídas pode ser um indicador aproximativo do poder econômico, político e social dos grandes latifundiários em relação aos pequenos produtores (1984, p.16)⁴³.

⁴³ CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, criada em 1952.

O Nordeste foi produzido para expulsar de suas terras milhares de lavradores, na maioria dos casos, desrespeitando os direitos a uma justa indenização de suas terras e de suas casas. A questão nordestina sobre a terra é milenar e vem se agravando através de políticas públicas que só beneficiam os grandes proprietários, às vezes, com imensas extensões de terras improdutivas.

Conforme Zaidan (2001, p.19), a criação literária dos anos trinta, sobretudo, com o romance **O Quinze**⁴⁴, de Raquel Queiroz, contém uma representação do homem telúrico nordestino, que através da natureza, envolve uma relação de encantamento mágico com a terra e fornece um conjunto de traços psicológicos, tais como: a solidão, o apego a terra, a solidariedade e o fatalismo, dentre outros. **O Quinze** de Raquel de Queiroz e **Vidas Secas**⁴⁵ de Graciliano Ramos são os precursores da temática de Morte e Vida Severina.

Tratar a literatura no âmbito do Ensino Religioso é propiciar o desenvolvimento da imaginação criadora, a reflexão sobre o indivíduo e sociedade e a emergência do prazer estético, atributos imprescindíveis aos homens que buscam a transcendência. Mediante essa realidade, o indivíduo rearticula o social de um modo próprio, constrói sua subjetividade e abre seu caminho dentro de uma trajetória coletiva.

Morte e Vida Severina retrata uma região degradada pelo flagelo da seca e pelas condições socioeconômicas que afligem o corpo e a alma dos nordestinos, revelando a realidade de uma região que a maioria da população desconhecia.

João Cabral de Melo Neto mostra essa realidade através de versos compreensíveis do gosto popular, mas carregado de um realismo que nos faz compreender todo o sofrimento da problemática humana. A figura de Severino tem caráter universal mais que regional e telúrico, afirma Tenório (1996). A poesia de Cabral é desprovida de qualquer sentimentalismo lírico. Ela é uma construção rigorosa de uma realidade com tal clareza que nos faz pensar numa construção perfeita. As palavras são bem trabalhadas que nos faz ver, ouvir e sentir toda a realidade que o poeta quer denunciar e mostrar ao resto do mundo.

⁴⁴ O Quinze: romance de Raquel de Queiroz que trata do problema da seca, do coronelismo e dos impulsos nacionais. No romance, é dado o enfoque psicológico que sobrepõe ao social.

⁴⁵ Vidas Secas: romance de Graciliano Ramos que trata do problema da seca do Nordeste e da miséria produzida. Vidas Secas é considerada obra prima do Regionalismo Nordestino. O título da obra demonstra a aridez de como a obra é narrada (DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA, 1973, p. 546).

O poema retrata as diferenças sociais do Nordeste e coloca o homem como ser pensante que busca, através de sua caminhada pelo sertão, a personificação perfeita de uma metáfora das condições políticas e sociais da região. Severino está inserido em seu contexto social e religioso e segue fazendo o registro de sua caminhada com uma pluralidade de “significados⁴⁶ que convivem com um só significante⁴⁷” (TENÓRIO, 1996, p. 33), permeando o desejo de uma vida mais digna do que a morte.

O Ensino Religioso como área de conhecimento pode auxiliar-se da Literatura para promover o intercâmbio entre seus eixos temáticos: Culturas e Tradições Religiosas, Teologias, Ritos, Escrituras Sagradas e *Ethos*, e ir além, comunicando-se com as demais áreas de conhecimento⁴⁸, através da astúcia literária despertadora da curiosidade e imaginação, pois a arte é a manifestação humana plena de transcendência. “A literatura é uma das artes mais complexas, seu instrumento, a palavra, gera possibilidades infinitas de expressão”. (OLIVEIRA, 1999, p. 9). Ela é parte fundamental da cultura e se constitui do resultado do convívio humano, da interação do homem e de seu universo físico e espiritual.

Aposta-se, neste trabalho, que a obra de João Cabral de Melo Neto, literato que trata das adversidades da condição humana, como um caminhar por um sertão cheio de intempéries, possibilitará o diálogo entre Literatura e Ensino Religioso. O sertão de João Cabral é a realidade viva, concreta e complexa que apresenta seca, fome, exploração, descaso, morte, vida, religiosidade, crenças e, simultaneamente, supõe coragem, decisão, sagacidade e apostas. Dessa forma, João Cabral aponta para a reflexão sobre um sujeito da esperança e da fé, na busca de dias melhores.

Ao tratar da figura de Severino, o autor supera a ideia de singularidade do nordestino, para colocar o personagem na condição de viajante da vida em busca de identidade, reafirmando a necessidade de uma religiosidade como um guia na busca de si mesmo e anuncia a solidariedade como experiência de resgate da dignidade.

- Minha pobreza tal é

⁴⁶ Significado: na terminologia de Saussure, significado aparece como sinônimo de conceito.

⁴⁷ Significante: na terminologia de Saussure, significante representa o caráter específico da sequência de fonemas (DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA, 1973, p. 546).

⁴⁸ Áreas de conhecimento: conjunto de áreas de estudo, criadas pelo Conselho Federal de Educação, que compõe a Base Nacional Comum, como paradigmas curriculares para o Ensino Fundamental.

que não trago presente melhor:
trago papel de jornal
para lhe servir de cobertor:
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.

A solidariedade é uma exigência ética que ultrapassa a divisão material, para possibilitar romper com as condições impostas e ir além, “ser doutor”; é ter autonomia e anseio de aprender a totalidade da vida e do mundo.

Compreende-se que a Literatura e o Ensino Religioso tratam da educação de um sujeito ético e responsável, capaz de assumir sua condição de cidadão planetário, que cuida das necessidades locais, da sua comunidade e de sua cultura, sem esquecer o destino cosmopolita de todo ser humano. O que a obra “Morte e Vida Severina” nos mostra é uma dinâmica intrínseca da condição humana, um anseio de esperança de vida mais forte do que a morte, na perspectiva da superação física da seca e a dos interditos, através de uma ação criadora, mediante os limites impostos pela cultura de morte.

Para Tenório (1996), na poesia de João Cabral de Melo Neto há uma explosão de religiosidade, de espiritualidade, não por professar Deus, mas por vislumbrar o sentido último da existência, “morremos de morte igual, mesma morte Severina”, Assim, ele quer apresentar a finitude humana e a busca do seu sentido último, residindo a dimensão da religião que permite chamar Deus, transcendente, absoluto, laweh, Buda e outros, para religar todas as coisas a sua fonte criadora.

A transcendência se manifesta aos humanos como uma necessidade imperativa para estabelecer solidez à provisoriedade. Essa informação desafia os indivíduos e grupos sociais e exige novas definições da noção de alteridade e esperança, tão necessárias no trabalho com o Ensino Religioso nas escolas.

A transcendência deve fazer parte da origem de todo projeto pedagógico que se proponha a formação da subjetividade do homem, para inseri-los numa teia criadora na coletividade. É o que acontece com “Severino”, ele busca recriar sua trajetória no limite do impossível, como herdeiro de uma promessa que liberta para o risco de viver, pois somos chamados para viver o aqui e agora, o amanhã é uma mera possibilidade, pertence aos deuses. Nessa perspectiva, precisamos recuperar nas formas poéticas a beleza do discurso da transcendência, do inefável, valorizando as culturas e sua pluralidade de manifestações de religiosidade.

2.3 Morte e Vida Severina: Itinerância de um poema e sua dimensão simbólica

João Cabral de Melo Neto, com o texto *Morte e Vida Severina*, inaugura uma nova maneira de fazer poesia em nossa literatura. A sua atividade poética procura mostrar e desvendar os elementos concretos da realidade, sempre guiado por um raciocínio lógico. Os seus poemas evitam o que era comum em sua época, um romantismo melancólico. O próprio João Cabral de Melo Neto afirmava ser poeta intelectual, construtor, um poeta visual.

João Cabral encontrou na sua rija formulação estética o caminho de traduzir e construir o mundo, a arte da palavra serviu-lhe para decifrar/narrar o meio nordestino. É daquela paisagem de pedra, faca e lama que extrai o substrato do seu conteúdo, num regionalismo obsessivo. A correspondente paisagem social da Andaluzia nada mais é que estímulo para seu prosseguimento artesanal. Solidificar seu texto literário, apoiado na planta nordestina, passou a ser seu próprio destino (LUCAS, 2003, p. 124-125).

João Cabral de Melo Neto evita a exposição do seu “eu” e volta-se para uma realidade do seu meio, sobretudo, a situação do povo do Nordeste, especificamente de Pernambuco. Segundo Tenório (1996, p. 111) “João Cabral se lança para o outro, o mundo, a partir de sua identificação com Severino, que é o lavrador, o cassaco, o cortador de cana, o retirante, o morador do mangue, todos esses homens sem plumas pelos quais ele fala”.

Aqui estão todos os elementos e personagens da obra que iremos tomar como base de nossa dissertação, João Cabral de Melo Neto descreve com maestria usando tudo que está em seu entorno para mostrar o povo de Pernambuco, ao Brasil e ao mundo um realismo do nordestino como também nossa paisagem e a permanente condição social dessas lembranças e utopias.

Morte e Vida Severina foi escrito em 1954/1956 por encomenda de Maria Clara Machado, filha de Aníbal Machado, amigo de João Cabral de Melo Neto, a qual dirigia o grupo teatral *O Tablado*. Ela queria um Auto⁴⁹ de Natal para seu grupo

⁴⁹ Auto: remete-nos para a tradição medieval ibérica em que a designação "auto" destinava-se a peças de teatro ao gosto tradicional. Os assuntos podiam ser religiosos ou profanos, sérios ou cômicos. O auto mais antigo é o *Los Reyes Magos* (séc. XIII) e um dos mais famosos é o de Gil Vicente, chamado *Auto da Visitação*.

encenar. João Cabral, então, começa a escrever o poema *Morte e Vida Severina*, poema dramático narrativo que tem como subtítulo *Auto de Natal Pernambucano*, tem o modelo de cordel, poesia popular lida nas feiras do Nordeste. Para fundamento do seu texto, João Cabral de Melo Neto recorre ao livro de Pereira da Costa de 1908, que fala sobre o folclore pernambucano. Pereira da Costa foi o primeiro folclorista brasileiro, sua rica pesquisa etnográfica nas primeiras décadas do século XX se constitui uma seleção sobre os versos, os modos, poesias, canções, brincadeiras, crendices e ditos do povo do Nordeste, toda essa pesquisa serviu de base para a construção de *Morte e Vida Severina* como também a sua experiência de diplomata e suas reminiscências da infância.

Os autos são originários da Península Ibérica e datam do século XV. Eles tem características religiosas ou burlescas e se caracterizam por serem encenados por um único ato. O poema *Morte e Vida Severina* é descrito pelo próprio João Cabral como a coisa mais relaxada que escreveu e narra como aconteceu a sua construção:

“Esse texto não poderia ser mais denso. Era obra para teatro, encomendada por Maria Clara Machado. Foi a coisa mais relaxada que escrevi. Pesquisei num livro sobre o folclore pernambucano, publicado no início do século, de autoria de Pereira da Costa. Eu era consciente de que não tinha tendência para o teatro, não sabia criar diálogos no sentido da polêmica. Meus diálogos vão sempre na mesma direção, são paralelos. Observe o episódio das pessoas defronte do cadáver: todos trazem uma imagem da mesma coisa. A cena do nascimento, com outras palavras está em Pereira da Costa. ‘Compadre, que na relva está deitado’ é transposição do folclorista, pois no Capibaribe há lama, e não grama. ‘Todo céu e terra lhe cantam louvor’ também é literal do antigo pastoril pernambucano. O louvor das belezas do recém-nascido e os presentes que ganha existem no pastoril. As duas ciganas estão em Pereira da Costa, mas uma era otimista e a outra pessimistas. Eu só alterei as belezas e os presentes, e pus as duas ciganas pessimistas. Com *Morte e Vida Severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão. O encontro com os cantores de incêndios é típico do Nordeste. Não me lembro se a mulher da janela é de origem galega ou se está em Pereira da Costa. A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da tenção galega”. (SECCHIN, 1999, p. 330)

João Cabral também buscou o olhar da gente humilde que lhe contava histórias para quem ele lia os cordéis comprados nas feiras livres. Tudo isso ele

guardava em sua memória⁵⁰ de infância. Tudo era morte e destruição. Sua poesia absorve toda essa realidade dramática; seu fazer poético materializa as imagens da miséria e do descaso daqueles que lucram com a seca e o flagelo do Nordeste, no texto de Tenório (1996) estão os elementos que ele guarda na lembrança de seu universo cultural que lhe serve de revolta para apresentar uma literatura racionalista.

Os primeiros anos do poeta transcorrerão entre essa casa no Recife e os engenhos. É natural que o menino guarde na memória o rio, o canavial, o mar, o retirante, a faca, o risco, o cassaco, a cigana, os enterros, a cana, o mangue, as igrejas, o sol, a lama, o eito, o alpendre, o cacto, as frutas, a usina, a moenda, a maré, a pedra, o cordel, o mocambo, a seca, a rezadora, a emboscada, o defunto, a rede, o latifúndio, a fome, o coveiro, a mortalha, a caatinga, a água, a luz, a lâmina, o bagaço, o poço, a pesca, a chuva, a feira, a brisa, Mata, Agreste e Sertão: Pernambuco. Tudo isso deixa a sua marca (TENÓRIO, 1996, p. 50).

Toda essa paisagem serve de retalhos os quais João Cabral de Melo Neto vai juntar para confeccionar sua peça *Morte e Vida Severina*. Esse lugar descrito por Tenório (1996) contém todos os elementos presentes no seu discurso poético. Tudo isso o impressiona e o desperta para mostrar concretamente a tragédia da miséria nordestina. Tal espaço revela os atributos físicos do cenário de *Morte e Vida Severina*.

Ele delinea o sertão com toda sua realidade de fome, latifúndio⁵¹, a vida vivida precariamente e adquirida a cada dia, pois cada dia vivido no Nordeste é lucro, é a abreviação da morte. Vemos que o poeta tem um compromisso social com sua região. Portanto, “o poeta vivia uma experiência e a transmitia ao leitor sem necessidade de um trabalho artístico mais apurado” (TENÓRIO, 1996, p.108). Ele usa o cordel de gosto popular para mandar o seu recado a todos, da verdade do Nordeste, É o próprio poeta quem diz: “trata-se de uma peça destinada ao povo” Daí os versos dos romanceiros. Se ele tivesse escrito de outra forma, certamente não atingiria seus objetivos.

⁵⁰ Memória: no texto de João Cabral significa reminiscência. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. MUNDURUCU, Daniel. **O Banquete dos Deuses**, 2009, p. 28.

⁵¹ Latifúndio: regime de propriedade agrária, que se caracteriza pela concentração de grandes extensões de terras no poder de poucos.

Morte e Vida Severina foi musicada por Chico Buarque de Holanda e levada ao palco do TUCA, Teatro da Pontifícia Universidade Católica – PUC e depois encenada em todo o Brasil. Em 1996, o TUCA vai ao festival de teatro de Nancy, na França e lá a peça é premiada e recebida entusiasticamente por todo o público. Em Nancy, João Cabral de Melo Neto recebeu o prêmio de melhor autor vivo do Festival. Posteriormente, a peça é encenada em Paris no Théâtre des Nations, depois em Lisboa, Coimbra e Porto.

Em Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto transforma toda a sua poesia ontológica, isto é, que tratava dos seres e das coisas, em um grito de denúncia social e de repúdio a toda miséria e desordem social do Nordeste. Ela não tem caráter de política partidária, mas quer dizer ao homem que ele é um ser pensante capaz de mudar os rumos de sua história, portanto, é um ser político.

O poema Morte e Vida Severina inicia-se com o monólogo do personagem Severino, tentando explicar quem é e qual sua origem. Ele busca várias formas de identificação, mas não consegue e termina sendo um tipo comum do Nordeste, um retirante como muitos outros que, “quanto mais se afirma, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens. Querendo distinguir-se, mais e mais revela sua dissolução no anonimato coletivo” (SECCHIM, 1999, p.107).

- O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 Como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.
 Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia [...]

Em sua caminhada, logo no início, Severino se depara com a morte e começa a dialogar com dois homens que carregam um defunto numa rede, sendo essa leitura do poema, também de reporte das Ciências da Religião. A morte recorda nossa origem e o nosso destino como uma “teologia cósmica e universal” (TENÓRIO, 1996, p. 41), para mostrar a nossa dimensão de ser finito que

precisamos de outras vozes para perscrutar a transcendência ou a ideia de infinito no finito do texto.

Esse diálogo também é revelador, mostrando ao retirante a miséria de toda a paisagem e vilas. João Cabral de Melo Neto lança para o mundo, a partir do personagem Severino, “uma história vergonhosa que se passa no cenário da geografia da fome” (TENÓRIO, 1996, p. 113); o que marcará todo o texto do poema até a cidade do Recife, a meta do protagonista era a vida que ele ver negada em todo cenário de sua caminhada.

- A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
- A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.
- E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,
sabeis como ele se chama
ou se chamava?
- Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lava.

Esse trecho revela que a disputa pela terra é uma constante na vida dos Severinos, como também a presença da morte e da impunidade por parte dos grandes latifundiários, pois o Severino Lavrador morreu de morte matada. A banalização da morte é tanta que cria uma cultura de convivência da própria miséria, para mostrar a impunidade do crime; isso porque ele foi morto simplesmente porque tinha um pedaço de terra pequena e improdutiva.

- Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.

Tudo que ele tinha era uma pequena terra, mas como lhe é negado todo direito, inclusive o direito à vida, ele foi eliminado com a “ave bala”.

Severino prossegue sua viagem, mas tem medo de extraviar-se, pois o rio Capibaribe que era o seu guia secara, no verão. Essa etapa da viagem calará o discurso de Severino. Porém, o som de uma cantoria orienta o viajante. Ele pensa que a cantoria é reza que se liga ao mês de Maria. Quando o retirante chega à casa onde está havendo a cantoria, ele se depara novamente com um defunto. As rezas são chamadas incelências para que o defunto possa se defender dos demônios. Incelência⁵² são rezas populares, cantadas, que têm como objetivo enganar os demônios. Porém, eles só enganam a si mesmo, pois o defunto está morto e não aprende mais nada, ele só leva coisas do não para sua caminhada. Essa visão de morte nos chama a atenção para recordar a nossa origem, nossa condição humana e o nosso destino último (TENÓRIO, 1996, p. 40).

- Finado Severino,
quando passares em Jordão e os
demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...
- Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.
- Finado Severino,
etc...
- Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.

Cansado de sua viagem e de só encontrar morte no seu caminho, Severino pensa em interromper sua caminhada e procurar trabalho; é quando acontece “o confronto entre o protagonista e uma mulher, conhecida como rezadeira. É um dos momentos mais fundamental no embate dos dois termos que definem a condição “Severina” (SECCHIN, 1995, p.109), que são a morte e a vida.

Severino trava um diálogo com a rezadeira para descobrir como ela se sustenta naquela região tão inóspita. Ela, que é titular da região, assim responde:

- Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar

⁵² Incelência: ritual fúnebre que também é chamado, no interior do Nordeste, como encomendações da alma. São pequenos cânticos entoados ao redor do morto com o objetivo de ajudá-lo na travessia para a outra vida.

nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.

A mulher, por sua vez, enumera quais as profissões oferecidas no lugar, todas ligadas à morte. Logo ele percebe, através do diálogo, que não tem oportunidade de trabalho; o que ele sabe fazer ali não existe. A fala Severino expõe tudo que ele sabe fazer: Lavrar a terra, tratar de roças, tratar de gado, e outros. Por fim, nada interessa a rezadeira, o econômico do lugar não admite tais profissões todo trabalho do lugar está ligado à morte, como:

Farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no dedo anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar:
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

Cultivar os roçados da morte é a única maneira de sobreviver na região, pois como afirma Secchin (1999, p. 110) “a primeira parte do diálogo, em que a função interrogativa é usada pela rezadeira, elimina implacavelmente qualquer outra hipótese: trabalhos nos engenhos, trabalho agrícola ou pastoril,” descartando a possibilidade de trabalho a mulher explica: aqui só se planta nos roçados da morte, mais uma vez a morte perde seu sentido de religação com a plenitude da vida e se esvazia de seu sentido último, pois o que importa é sobreviver e vencer a condição Severina. O retirante chega à Zona da Mata⁵³, onde pensa em interromper sua

⁵³ Zona da Mata: micro região do Estado de Pernambuco, onde se cultiva a cana para a moenda dos engenhos. Na época, possuía um quadro econômico e socioambiental de grande pobreza e falta de oportunidades, tal qual a zona seca do sertão semiárido.

viagem, e se encanta com o verde, com a paisagem branda, macia o que lhe enche de esperança, e conclui:

[...] agora afinal cheguei
 nessa terra que diziam,
 como ela é uma terra doce
 para os pés e para a vista [...]
 Quem sabe se nesta terra
 não plantarei minha sina?
 Não tenho medo de terra
 (cavai pedra toda vida),
 e para quem lutou a braço
 contra a piçarra caatinga
 será fácil amansar,
 esta aqui tão feminina.

Severino, que até então só tinha presenciado uma ausência completa de otimismo, deslumbra-se com a leveza da Zona da Mata. Ele acha a terra até muito feminina, exatamente uma alusão à leveza da vida mais forte do que a morte. Nessa postura, está presente a dimensão da religiosidade, porque essa perspectiva contém sementes de fecundidade e de dimensão infinita.

Novamente, a presença da morte marca a itinerância de Severino pela Zona da Mata, onde ele pensava encontrar só a vida, avista um cemitério onde está sendo enterrado um trabalhador do eito. Com atenção, ouve o que os amigos dizem do morto. Aqui é denunciado com mais veemência o que vinha sendo denunciado desde o início do texto: a desigualdade social, o extremo das injustiças sociais, o coronelismo, as grandes oligarquias e a posse desonesta da terra, expressa nos versos:

- Essa cova em que estás,
 com palmos medida,
 é a conta menor
 que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,
 nem largo nem fundo,
 é a parte que te cabe
 deste latifúndio.
- Não é a cova grande,
 é cova medida,
 é a terra que querias
 ver dividida.
- É uma cova grande
 para teu pouco defunto,

mas estarás mais ancho
 que estavas no mundo.
 - É uma cova grande para
 teu defunto parco, porém
 mais que no mundo te
 sentirás largo.
 - É uma cova grande
 para tua carne pouca,
 mas a terra dada
 não se abre a boca.

Todas essas imagens identificam que o morto tinha o desejo de cultivar a terra onde ele pensava trabalhar e ganhar o seu sustento, pois o desejo de conseguir um trabalho é que faz Severino prosseguir diante das limitações impostas na sua caminhada; ele apressa os passos para terminar sua ladainha, terminar a reza do rosário e chegar à cidade do Recife, onde rezeará a derradeira Ave Maria do rosário, como também a derradeira invocação da ladainha: ladainha e rosário são metáforas com enorme carga de significado, inclusive religioso, que aprofundaremos no terceiro capítulo desta dissertação.

Aqui termina a primeira parte do poema. Apesar de estar dividido em dezoito partes, ele se subdivide em duas grandes partes, a primeira, a caminhada de Severino, que sai da Serra da Costela limites da Paraíba até a cidade do Recife. Nessa caminhada, Severino faz o registro de todo seu peregrinar pelo sertão seco, registro social, etnográfico, econômico e religioso.

Na chegada ao Recife, Severino descansa encostado em um muro do cemitério e escuta a conversa de dois coveiros e se decepciona mais uma vez, pois na conversa ele descobre, primeiro que a morte o persegue em toda caminhada e segundo ele conclui que sua chegada ao Recife o imerge num espaço saturado, e constata que sua retirada foi inútil, pois a maior discrepância entre os mortos da capital e do interior reside na diferenciação social que separa os homens da vida, contrariando a morte anônima do sertão por onde ele passou. E percebe que o cemitério individualiza o morto, mas socializa a morte. É o que se pode ver nos versos:

As avenidas do centro,
 onde se enterram os ricos,
 são como o porto do mar;
 não é muito ali o serviço:
 no máximo um transatlântico
 chega ali a cada dia,

com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia.
Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.

No diálogo dos coveiros, Severino constata mais uma vez que “a morte se faz ainda mais múltipla” (SECCHIN, 1999, p.112), sobretudo quando eles apresentam uma solução para aqueles que emigram do interior para a capital:

- Na verdade seria rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponto
dentro do rio e da morte.

O discurso de Severino, até então, vinha sendo caracterizado como uma afirmação de vida, apesar de todas as dificuldades que o perseguiram, desde o sertão até agora. Aqui se inaugura uma nova etapa na vida de Severino. Essa tensão por intermédio lhe permite identificar-se como miserável, logo ele que era um símbolo de resistência e esperança.

E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia.

O tempo configura-se como uma imagem do passado para antecipar o futuro como forma de liberdade, decepcionado, Severino procura abreviar a própria vida, não como negação, mas como forma de transcender “a vida Severina”. Essa morte é simbólica, ele quer mudar o percurso inexorável da “condição Severina”, como

desejo de superação da miséria e como porto seguro para ancorar suas esperanças e suas inquietações.

Reafirmamos aqui que Literatura pode dar uma contribuição importante na operacionalização do componente curricular Ensino Religioso porque ela é portadora de mensagem religiosa, e ancorada no diálogo com as Ciências da Religião, deve estabelecer princípios norteadores para a elaboração de propostas pedagógicas pois, em um texto literário podem aparecer elementos religiosos e mesmo proposições teológicas, como simples aspectos da cultura e da linguagem de um povo...” (BARCELLOS, 2001, p. 75). A elaboração de propostas pedagógicas necessitam contemplar o estudo da Literatura, no Ensino Fundamental, para compreender que as narrativas literárias apresentam características importantes da ação do homem no mundo. Nessa visão, é possível uma reflexão sobre a ideia de transcendência, desvinculada ou não dos pressupostos de fé, tendo como objeto de estudo o fenômeno religioso iluminado pelas Ciências da Religião.

Outras obras literárias também apresentam possibilidades de conteúdo para essa área de ensino. Citamos aqui Guimarães Rosa, em Grande Sertão Veredas, obra que também trata da dialética da condição humana e da necessidade da busca de transcendência como experiência mais radical da vivência humana. O fragmento textual, a baixo, convida viver a experiência do fascínio pelo mistério. Guimarães Rosa evoca Deus para que possamos encontrar o sentido profundo e radical da existência humana, noções tão presentes no Ensino Religioso, independente de qualquer religião.

Com Deus existindo tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra...Tendo Deus, é menos grave de se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma. (ROSA, 1967, p. 48)

Assim, o trabalho de Ensino Religioso nas escolas, dialogando com outros saberes, inclusive a literatura, considerada um instrumento de comunicação que cumpre seu papel social de transmitir conhecimento e cultura de determinado grupo, pode ajudar as formas de compreensão do transcendente, proporcionando informações para a captação do fenômeno religioso, a partir das diversas

manifestações culturais, independente de qualquer doutrina ou confissão religiosa. A Literatura, dialogando com o Ensino Religioso, pode ser a interlocutora de tornar a transcendência uma experiência vital, que possibilita ao ser humano uma relação de significado, uma religação consigo mesmo e com o mundo, para resgatar a cada dia a necessidade de tornar a transcendência companheira e ordenadora de suas ações no mundo.

A poesia de João Cabral de Melo Neto aproxima-se da transcendência, sobretudo, quando se considera o sagrado como dimensão real da vida humana. Tenório (1996, p. 140) nos afirma que “quem não acredita em Deus também não acredita nesse povo de Deus, mas quem acredita nesse povo de Deus é senhor do mistério de Deus, mesmo que até aí não tenha acreditado nele.” Portanto, Cabral acredita no povo, então acredita em Deus, embora não tenha professado essa dimensão ao longo da sua vida, professou em sua poesia, demonstrando uma visão sacramental da vida com sua profunda identificação com o povo Severino.

”A obra de arte oferece ao leitor uma nascente inexaurida de experiências que fazem emergir aspectos sempre novos” (TENÓRIO, 1996, p. 33), toda obra de arte pode ser concebida e julgada do ponto de vista de qualquer dos valores que ela contém, a aproximação entre Literatura e Ensino Religioso sob o olhar das Ciências da Religião, foi o que nos incentivou ao uso do recurso original, para interpretar o poema Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, com o objetivo de trabalhar no Ensino Religioso a dimensão do sagrado a partir da Literatura, área tão fecunda para esse diálogo.

Morte e Vida Severina é uma peça de teatro que trata do drama humano do homem do Nordeste e da problemática social dessa Região, em que são apresentadas situações reais por meio de seus personagens mediadores e principal. Conforme Bosi (2006, p, 471):

A poesia ibérica medieval acentuou em João Cabral de Melo Neto a tendência de apertar em versos breves e numa sintaxe incisiva o horizonte da vivência nordestina. Morte e Vida Severina “auto de Natal pernambucano” o seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e temática participante, conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência.

No poema está explícita e implícita uma profunda religiosidade, “que não obedece a nenhum mundo religioso, que não abraça abertamente nenhuma fé” (TERRIN, 2003, p. 342), embora pareça, às vezes, pertencer ao catolicismo popular, apresenta uma função: “anunciar a dimensão transcendente como dimensão da realidade humana concreta e histórica” (BOFF, 2003, p. 34). No poema, emana uma solidariedade irrestrita, que “impõe a ética do diálogo e obriga o ser humano a aprender á medida que convive comunitariamente com os outros” (BOFF, 2003, p. 94); decorre a noção de identidade como ideia de pertencimento, (BAUMAN, 2005, p. 19). Esse autor trabalha a identidade como pertencimento, não como uma coisa definitiva nem sólida, mas como algo negociável e revogável. Tudo vai depender das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age. Ainda destacamos o relato da vida do sertanejo, Severino, que movido pela teimosia da esperança segue o curso do rio Capibaribe, tendo como postulado que todos os rios correm para o mar.

3 O HOMEM DO SERTÃO E OUTROS SINAIS DE ESPERANÇA

No capítulo anterior foram apresentados dados itinerantes da vida do autor, João Cabral de Melo Neto, com o objetivo de facilitar a compreensão e a interpretação do seu poema *Morte e Vida Severina*; ainda foi destacada a caminhada do personagem principal, Severino, que sai do Sertão seco que nega a vida e a carência de tudo, inclusive nega a própria identidade, pois com sua filiação não consegue se individualizar, já que seus pais passaram pelas mesmas dificuldades, quanto mais ele tenta se identificar, mais se torna um ser coletivo. O retirante, na busca da superação da miséria, segue seu calvário pelo Sertão seco, tal espaço revela os atributos físicos de *Morte e Vida* se contrapondo a atividade metafísica do retirante, cujo objetivo é a vida que ele vê negada em todo percurso.

Morte e Vida Severina é embasamento da morte coletiva do Nordeste, seu personagem principal, Severino, é o resumo desse coletivo de imagem dramática do cotidiano de adaptações e desventuras humanas. Nessas condições, o rio é a única presença de vida de tal situação, um rio que no começo da jornada, também se apresenta aparentemente morto, sem água, mas é o único fio condutor de toda narrativa do poema.



FIGURA 2: Rio Capibaribe (Fonte: google)

3.1 O Capibaribe – Fio Condutor da Migração Severina

João Cabral de Melo Neto, ao criar o poema *Morte e Vida Severina*, o fez a partir das reminiscências de sua infância, com maestria e fascínio sobre os mistérios da paisagem nordestina e da cidade do Recife. Ele constrói sua forma poética com conteúdo no qual se discutem questões fundamentais da vida humana. Sua poesia “leva ao extremo o intuito de despir o poema de traços supérfluos e cadência sentimentais” (BOSI, 2006, p. 471) e aproxima o leitor a compreender a ideia do entendimento do homem e do mundo, exibindo simbolicamente as condições materiais da vida com os recursos que a paisagem humana e física oferecem, destacando o seco do chão, o seco da vida e da sociedade que também incide na alma do poeta.

Em concordância com Castello (2006), toda paisagem de *Morte e Vida Severina* está impregnada na alma do poeta, que se vale do concreto para atingir a pureza da abstração, como se fosse uma tela pintada sem excluir nenhum detalhe da realidade do Nordeste, inclusive o Capibaribe que era sua paixão de infância, pois quando criança sentava-se à beira do cais, no Recife, e se punha a olhar o rio. (CASTELLO, 2006, p. 37).

O rio Capibaribe que se arrasta com sua respiração compassada, só atesta sua humanidade acolhedora para narrar uma história vergonhosa, através da poesia, que tece toda migração de Severino, saindo lá da Serra da Costela, na Paraíba, até a cidade do Recife. O rio serve para que Severino consiga rezar seu rosário, sua ladainha até a última petição na luta constante pelo seu destino. Nesse peregrinar, Severino: fala, questiona, duvida, sofre, dialoga consigo mesmo e com outros personagens, demonstra sua paixão pela terra nordestina, pela tradição; mas, sobretudo, Severino é um homem de esperança numa nova vida.

Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
de que a estrada fosse a linha.

No poema, são fecundos os elementos que integram a paisagem nordestina, o rio é uma constante, é o começo, é o caminho, é a morte e a vida, é a esperança e a ponte que ajuda a descrever a trama dessa poética de crítica social da vida do Sertão. O rio denota o registro da religiosidade e ritos de um grupo social e da solidariedade irrestrita do homem nordestino.

O Capibaribe por onde passa, inspira o poeta a tecer a crônica social, política, etnográfica e religiosa de toda a paisagem. Ele é o fio condutor da grande jornada de Severino e tantos outros. É caracterizado como amigo amistoso e confidente, em cujo trajeto Severino tem medo de se perder, porque esse fio, seca no verão e Severino confia, consigo mesmo, que não julgava ser tão difícil seguir esse caminho ou ladainha.

Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pelo
hirsuto desta caatinga.

O rio é um personagem tão importante, no poema, que parece distinguir e refletir as terras por onde passa. Em certos momentos se perde, mas é o sinal que denota a possibilidade do poeta captar o sinal de vida diante da imagem da morte no seu processo social.

O Capibaribe nasce na Serra do Jacarará, no município de Brejo da Madre de Deus, na divisa de Pernambuco com a Paraíba; possui setenta e quatro afluentes e banha trinta e dois municípios pernambucanos, sendo os mais importantes: Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e Recife; compondo o cenário onde se passa a história do migrante Severino que foge da fome e da morte, movido pela coragem e esperança na tentativa de superação da pobreza.

Severino percebe que o fio condutor do seu rosário está sempre em movimento, assim como a vida e o tempo se encontram em constante

movimentação , pois o Capibaribe dirige-se para o mar e, nesse percurso, tem uma missão, ligar o campo à cidade, o rural ao urbano, Severino à vida. Ele representa a esperança como elemento que religa o homem a si mesmo, a natureza e a uma vida mais forte que a morte que rodeia toda a vida e todo o Sertão.

O rio é o caminho de fuga da seca e da miséria, como é também a busca de vida e de esperança, pois Severino ao migrar não deseja abandonar o Sertão. Ele deseja fugir das ameaças de morte e chegar à cidade do Recife, onde terminará sua ladainha. Porém, em sua caminhada faz o registro dos lugares secos de água e secos de vida, lugares onde “o pé se descaminha...; pois até o rio se submerge; ele que é a única forma de vida na região”.

Pensei que seguindo o rio
Eu jamais me perderia:
Ele é o caminho mais certo,
De todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
Que interrompeu a descida?

Severino percebe que sua caminhada vai se tornando mais difícil, pois o próprio rio que era o guia de sua viagem também sofre com a seca e se perde. O Capibaribe também é pobre, como todos os Severinos e procura vida mais abundante do que a vida do Sertão.

João Cabral de Melo Neto, no poema Morte e Vida Severina, enfatiza a morte como a imagem da não identidade do humano no homem que está vivo, como natureza degradada fisicamente, emocionalmente e mentalmente. Esse ciclo de morte e vida, apresentado em todo poema, visto por outro prisma, é o que possibilita a geração de vida, pois a esperança deve ser entendida como o desejo mais profundo de estabelecer a dignidade da vida humana e assim cumprir o destino.

Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
Tenho que saber agora
qual a verdadeira via
entre essas que escancaradas
frente a mim se multiplicam.

Mas não vejo almas aqui,
nem almas mortas nem vivas;
ouço somente à distância
o que parece cantoria.
Será novena de santo,
será algum mês-de-Maria;
quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria?

Entretanto, o rio simboliza a força criadora da natureza e do tempo; e no poema, essa força fertiliza, irriga a terra e cresce de tal maneira que as várias imagens contidas no texto estão ligadas ao fio mais precioso da jornada, o rio, assim como, também, a religiosidade identificada nos ritos celebrados no poema, são imagens que possibilitam religar a imanência a transcendência.

O Capibaribe, além de sua ampla importância histórica e social, também serve de ligação entre as culturas. Suas águas foram de fundamental importância para o transporte de pessoas e de mercadorias, como também, em suas margens vivem muitas pessoas, que sobrevivem do próprio rio, embora as terras produtivas das margens do rio estejam nas mãos de poucos, “considerando que a propriedade da terra é na região, um dos principais meios de poder e de acesso a outras formas de riqueza” (CNBB, 1984, p. 16). A extensão e a qualidade das terras possuídas, pelos latifundiários no Nordeste, podem ser um indicador do poder econômico, político e social dos grandes fazendeiros na região.

O Capibaribe percorre um longo caminho e, por onde passa - nas vilas e cidades - vai registrando simbolicamente todas as diversidades, aventuras e desventuras do povo pernambucano. Em tempos de seca ele é humilde e pobre, assim como o homem do Nordeste. Mas esse rio tem uma sina a cumprir assim como Severino. Ele é o cenário e o guia da jornada de muitos Severinos; ele é o percurso e a paisagem por onde aconteciam as grandes migrações até a cidade do Recife, grande centro, onde as pessoas pensam que encontrarão trabalho e melhores condições de vida.

No caminho, o Capibaribe encontra outros rios que juntos contam suas histórias e unidos caminham para o mar onde a vida se torna abundante e transcende o seco do rio e a seca da vida. Ele é o começo, é o caminho e a esperança que religa o homem à vida; é o grande fio desse drama poético e de crítica social que está na obra de João Cabral de Melo Neto. Sua poesia é o retrato

do drama do Sertão nordestino que precisa ser visto e combatido, e não há nada mais religioso do que essa preocupação em salvar o homem da miséria e da escravidão para oferece-lhe probabilidades de mais vida, através de reflexões que tornem as pessoas mais conscientes e responsáveis do seu valor e de sua missão no mundo, pois conforme aponta Magalhães (2008):

O seco do chão nordestino castigado pelos longos períodos de falta de chuva deve não ser somente tema da poesia, mas determinar seu próprio estilo. Assim como o seco é tão óbvio na sociedade e na paisagem, assim ele deve materialmente incidir a alma e a métrica do poeta. Assim assumindo, o seco da vida não faz parte da resignação dos espíritos, mas da teimosia das resistências. (MAGALHÃES, 2008, p. 71)

Esse cenário suscita o despertar de uma nova consciência para a compreensão da própria ação de Severino no mundo, como também ajuda na discussão de formação cidadã, tão importante no trabalho do Ensino Religioso na escola, através de estudos das formas literárias que têm o poder simbólico de representar e interpretar o mundo e as relações sociais. Dentro dessa perspectiva surgem diversos métodos para a sistematização do diálogo do Ensino Religioso com a literatura e as Ciências da Religião, com o objetivo de apresentar alternativas de discursões existenciais, como propostas orientadoras de vida.

Concordamos com Magalhães (2008, p. 84), quando diz que o “o texto literário é visto como amostra e interpretação da realidade humana.” Isso porque apresenta compreensão de mundo no qual a religião está encarnada.

A caminhada de Severino é simbolicamente guiada pela dimensão do sagrado, a começar pela sua apresentação, filhos de tantas Marias e tantos Zacarias, nomes do universo bíblico e depois “Santo de Romaria” que, de acordo com Terrin (2003),” romaria é a busca do encontro para entrar em contato com o sagrado”; o Rosário, símbolo de repetição de orações do cristão; as excelências que ajudam o morto na travessia para o céu; o cordão de São Francisco, como símbolo de união e sacramento que protege o morto e, por fim, a metáfora do nascimento do menino Jesus, o Cristo. Todos esses símbolos representam formas de diversidade religiosa capaz de religar a imanência a transcendência com o objetivo de dar sentido à atividade criadora do mundo.

3.2 Severino e a Cidade do Recife

Na chegada a Recife, Severino se envolve num processo interno de reinvenção de si mesmo, para ressignificar a própria existência. Ele que buscava a vida, agora só encontra a morte e pretende abreviá-la, pois conclui que estava seguindo seu próprio enterro. Sua chegada à cidade do Recife inaugura uma nova etapa em sua trajetória de vida, pois ele toma consciência de sua condição de miserável; e o seu discurso, que até então se caracterizava por uma afirmação de vida, apesar dos encontros frequentes com a morte em toda sua peregrinação pelo Sertão, agora se torna a negação da própria vida, como afirma Tenório (1996, p. 125), “a angustia cresce na medida em que o poeta percebe que a miséria vai infeccionando toda a paisagem, não só Recife como as vilas, as pequenas cidades a paisagem toda”.

Essa tensão vivida por Severino lhe permite identificar-se. Ele que é símbolo de resistência e esperança, conclui que é miserável, e que essa é a sua identidade. Parece perguntar-se: que destino tem um miserável? Para os que vivem como ele, Severino, a sorte é a mesma: a morte. O personagem, apesar de ainda estar com vida, deseja abreviá-la e espera que o seu fim seja digno daquele rio.

O tempo configura-se como uma imagem do passado para antecipar o futuro como forma de libertação. Nessa configuração, Severino conclui que apenas seguia seu próprio enterro e o descreve inspirado na grandeza do rio que agora é perene.

E chegando, aprendo que,
 nessa viagem que eu fazia,
 sem saber desde o Sertão,
 meu próprio enterro eu seguia.
 Só que devo ter chegado
 adiantado de uns dias;
 o enterro espera na porta:
 o morto ainda está com vida.
 A solução é apressar
 a morte a que se decida
 e pedir a este rio,
 que vem também lá de cima,
 que me faça aquele enterro
 que o coveiro descrevia:
 caixão macio de lama,
 mortalha macia e líquida,
 coroas de baronesa
 junto com flores de aninga,
 e aquele acompanhamento

de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

Nesse momento de renúncia da “vida Severina”, aparece o Mestre Carpina que em diálogo com Severino o envolve num círculo de pertencimento e com isso lhe oferece possibilidade de acolhimento para que ele possa fazer uma opção pela vida, pois o que o emerge em um profundo vazio, conforme Bauman (2005, 46), era sua desterritorialização⁵⁴, sua falta de possibilidades de escolhas, pois, ainda seguindo as ideias do referido autor, “as identidades flutuam no ar; algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas paisagens que se aproximam” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Nesta paisagem descrita por Bauman, aproxima-se de Severino, Seu José “Mestre Carpina”, que apostando na vida, através do diálogo, promove uma mudança na vida do personagem principal do poema, oferecendo-lhe possibilidades de reflexão para que ele se conscientize de que na vida é preciso seguir todas as etapas da caminhada. Essa reflexão propicia o início de um pertencimento que vai alimentar o que Bauman (2001, p. 125), chama de “Nicho seguro, onde todos são parecidos com todos e onde, assim, há pouco sobre o que falar e a fala é fácil”, porque todos falam das mesmas experiências e da mesma cultura e cada um investe no seu próprio significado, na ideia de uma estratégia racional de vida.

Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
sabes me dizer se o rio
a esta altura dá vau? sabe
me dizer se é funda esta
água grossa e carnal?
Severino, retirante,
jamais o cruzei a nado;
quando a maré está cheia
vejo passar muitos barcos,
barcaças, alvarengas,
muitas de grande calado.
Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem

⁵⁴ Desterritorialização – conforme Bauman (2005, p. 46), é a negação dos direitos da presença física das pessoas dentro de um território. As migrações provocam esse fenômeno social. É o que acontece com Severino, personagem principal do poema em estudo. A falta de “tudo” o expulsa da terra em busca de melhores condições de vida.

não é preciso muito água:
 basta que chega o abdome,
 basta que tenha fundura
 igual à de sua fome.
 Severino, retirante
 pois não sei o que lhe conte
 sempre que cruzo este rio
 costume tomar a ponte
 quanto ao vazio do estômago,
 se cruza quando se come...
 [...] Severino, retirante,
 o mar de nossa conversa
 precisa ser combatido,
 sempre, de qualquer maneira,
 porque senão ele alarga
 e devasta a terra inteira.

O diálogo de Seu José “Mestre Carpina” e Severino apregoa possibilidades de inúmeras reconstruções provisórias e imprevisíveis de novas visões de mundo, pois como diz Barcellos (2001, p. 65), “o texto literário está sempre aberto a novas leituras”. O diálogo continua apesar da desesperança, na tentativa de negociação para resistir a uma cultura que pretende tirar e violar os direitos de todos.

Na preocupação de encontrar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade, Seu José, Mestre Carpina faz o convite para que Severino pertença, agora, a um grupo social e isso lhe dá oportunidade de encontrar-se com o seu eu. Ele agora flutua num espaço que, apesar de desconhecido lhe oferece abrigo. Isso muda sua trajetória de vida e suscita um sentimento do “nós” que ajuda na construção da identidade. O “Mestre Carpina” insiste na preservação da vida e faz todos os apelos possíveis ao retirante para que ele opte pela vida.

Severino, retirante,
 muita diferença faz
 entre lutar com as mãos
 e abandoná-las para trás,
 porque ao menos esse mar
 não pode adiantar-se mais.
 Seu José, mestre carpina,
 e que diferença faz
 que esse oceano vazio
 cresça ou não seus cabedais,
 se nenhuma ponte mesmo
 é de vencê-lo capaz?
 Seu José, mestre carpina,
 que lhe pergunte permita:

há muito no lamaçal
 apodrece a sua vida?
 e a vida que tem vivido
 foi sempre comprada à vista?
 Severino, retirante,
 Sou de Nazaré da Mata,
 Mas tanto lá como aqui
 Jamais me fiaram nada:
 A vida de cada dia
 Cada dia hei de comprá-la.

Conforme podemos perceber nos versos acima, esse diálogo propicia a passagem do grande acontecimento, dentro da paisagem nordestina, aqui a arte pode ser a ponte para compreender o todo sensível da vida humana, as rimas ajudam a compreender o humano e suas relações sociais, expressando suas ideologia e suas utopias, isso é, o que proporciona o diálogo entre Severino e Seu José, Mestre Carpina, que diante do desânimo anunciado por Severino, sintetiza: “o que cumpro a retalho, de qualquer forma é vida”. Mestre Carpina deixa claro que a vida vale a pena ser vivida. A esse respeito Boff (2008, p. 82) afirma que:

O ser humano constrói sua existência no tempo. Precisa de tempo para crescer, aprender, madurar, ganhar sabedoria e até para morrer. No tempo vive a tensão entre a utopia que o anima a sempre olhar para cima e para frente e a história real que o obriga a buscar mediações, dar passos concretos e olhar com atenção para o caminho e sua direção, suas bifurcações e empecilhos, suas ciladas e chances.

Com o convite à vida, Seu José Mestre Carpina apresenta vários ângulos de informações proporcionados pela sua paisagem de Nazaré da Mata⁵⁵, também região do sertão, para que Severino conclua qual deve ser a melhor saída e assuma as necessidades de romper com suas incertezas para cultivar as certezas de irrigar a vida.

Seu José, mestre carpina,
 e que interesse, me diga,
 há nessa vida a retalho
 que é cada dia adquirida?
 espera poder um dia
 comprá-la em grandes partidas?

⁵⁵ Nazaré da Mata – município da Zona da Mata de Pernambuco, onde fica a cidade de seu José, Mestre Carpina.

Severino, retirante,
 não sei bem o que lhe diga:
 não é que espere comprar
 em grosso tais partidas,
 mas o que compro a retalho
 é, de qualquer forma, vida.
 - Seu José, mestre Carpina,
 Que diferença faria
 Se em vez de continuar
 Tomasse a melhor saída:
 A de saltar, numa noite,
 Fora da ponte e da vida?

Severino insiste em saltar fora da ponte e da vida, deixando transparecer as tensões vividas em todo seu percurso, tornando-se incapaz de viver a totalidade de sua experiência. Seu José, que é contra toda força negativa, estabelece argumentos para que o retirante faça uma opção melhor, mostrando que a força da utopia não está somente em seu efeito imediato, mas em sua dimensão simbólica e revela, que esta força transformadora não deve se acomodar nunca diante das situações desumanas. Ela deve sim, nos capacitar para viver o provisório, nesse envolvimento existencial e favorecer nossas decisões éticas.

Morte e Vida Severina, apostando na vida, contribui para que Severino se distancie da morte, como idéia de finitude e faça uma opção pela vida, tal como fizera o anjo com São José quando disse: “Levante-se pegue o menino e a mãe dele, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo” (Mt. 2,13).

Em Morte e Vida Severina, o anjo torna-se mulher que anuncia o nascimento da criança usando o mesmo verbo “saltar para dentro da vida” contrariando a proposta de Severino saltar para “fora da vida”, revelando que a existência humana não se reduz a dados exteriores, mas em dados que, são reelaborados continuamente em suas práticas e em seu significado. Os versos a seguir é um convite à vida:

Compadre José, compadre,
 que na relva estais deitado:
 conversais e não sabeis
 que vosso filho é chegado?
 Estais aí conversando
 em vossa prosa entretida:
 não sabeis que vosso filho
 saltou para dentro da vida?

Saltou para dento da vida;
ao dar o primeiro grito;
e estais aí conversando
pois sabeis que ele é nascido.

A humanização do divino se concretiza numa recriação da loa do anjo anunciando as palavras do nascimento do Messias. A partir da manifestação do nascimento como uma presença religiosa, como uma metáfora do nascimento do Menino Jesus, é possível descrever o fenômeno religioso no seu sentido mais profundo. Porém, só poderá ser percebido à luz de uma rede de significados tais como: nascimento, pobreza, humano e o sagrado. Essas ações realizam os ritos e os mitos da manifestação da transcendência no poema.

Assim, mais do que um sistema de crenças, a religião é uma espécie particular do agir coletivo. Depositária de significados culturais, permite interpretar a vida, construir uma identidade e dominar o próprio ambiente, tanto individual quanto coletivamente (USARKI, 2007, p. 107).

Morte e Vida Severina revela uma profunda reflexão sobre a festa cristã do Natal, por intermédio da realidade histórica. O Auto do qual participam Severino e o povo do mangue, além de conferir religiosidade, atribui identidade, pois apesar da pobreza e da miséria, os espaços se abrem para acolher Severino e o menino que acabaram de nascer, com o objetivo de garantir uma experiência de sentido. Portanto, a pesquisa Religião e Literatura permite encontrar a mística da poesia que capta a mensagem do Deus que se faz humano com os humanos. A função sacralizada do Auto confere mais que identidade, confere filiação divina, o Cristo veio para libertar todos os homens, veio trazer a boa nova e irmandade para todos.

O Auto de Natal Pernambucano se instala como o presépio vivo, cuja invenção é atribuída a São Francisco de Assis, no século XIII e trazida para Pernambuco pelos Franciscanos, de Olinda, no ano de 1585, por iniciativa de frei Gaspar de Santo Antônio. Em Pernambuco e em todo o Nordeste, os pastoris são peças teatrais, encenadas nas festas do Natal como celebração dessa religiosidade tão marcante na cultura, em forma de teatro popular.

O presépio inicia a segunda parte do poema; é o encontro com a vida, o momento do nascimento de mais um Severino que renova a vida dos mangues, pois

todo nascimento traz em si o germe da manifestação da vida, apesar da escassez de tudo.

O diálogo do Ensino Religioso com a Literatura, nesse caso com a poesia de João Cabral de Melo Neto, vai para além de uma visão rica de ser humano, inclui também uma visão rica de nossas memórias religiosas e, conseqüentemente, uma visão de Deus, porque é no espaço da linguagem que inúmeras experiências de religiosidade podem ser reconhecidas como tais, para conferir sentido à provisoriedade humana.



Figura 3: A comunidade do mangue recria o grande acontecimento da festa natalina. (Fonte: google)

O texto literário pode se abrir à interlocução de outros debates, outras interpretações, outras possibilidades de engates possíveis que permitem serem trabalhados nas aulas de Ciências da Religião e do Ensino Religioso, tanto na academia como na escola, para oferecer outras possibilidades de escolhas de textos, como: poesia, cordel e prosa, pois sabemos que o valor estético de uma obra é indispensável e devem fazer parte do seu conteúdo, mas sabemos também, que a obra de arte está aberta para outras interpretações artísticas.

Em Morte e Vida Severina são percebidos outros valores que podem ser trabalhados na escola, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. São eles os

valores existenciais, intelectuais, éticos, sociais e religiosos, dentre outros. (TENÓRIO, 1995, p. 34), os quais devem favorecer a formação da cidadania, a vivência da alteridade e o resgate da dimensão transcendente da religiosidade, atributos indispensáveis na formação integral do indivíduo.

Essa abordagem religiosa que emerge nas cenas do presépio, é fator muito importante para favorecer o diálogo da Literatura com o Ensino Religioso e as Ciências da Religião, destacando o fator religioso que aparece nos versos do poema de João Cabral de Melo Neto, com o objetivo de fornecer, perspectivas de interpretações da complexidade de fenômeno religioso a partir do olhar das Ciências da Religião, como afirma Teixeira (2005, p. 43):

Partindo de uma fenomenologia empírica, buscaremos adentrar a experiência existencial interna do homem religioso, afim de aí ver de que forma ele enfrenta vital e objetivamente, por meio da cultura religiosa em questão, seu drama de vida ontológico ou seu terror da contingência.

Essa abordagem determina a cultura onde o texto emerge, apostando nos diversos extratos e aspectos da formação cultural do povo, o que nos convida a uma reflexão que não se direciona somente a uma confissão religiosa, mas direciona para a descoberta do fato religioso, revelando que as representações de forças simbólicas do sagrado podem se tornar forças sociais de sistemas religiosos. É o que acontece com a encenação do Auto de Natal Pernambucano, que se configura na representação simbólica do nascimento do Menino Jesus, que, na literatura religiosa cristã, torna-se humano para salvar os humanos.

Se com o nascimento do filho de Mestre Carpina a vida se renova, apesar de Severina, os versos abaixo apresentam, com grande ênfase, a experiência religiosa do diálogo com a totalidade da vida. Essas representações diversas contribuem com a construção da vida mais digna para as pessoas que vivem à beira do mangue, que a exemplo do anjo, louvam o nascimento do menino em profunda sinergia com a natureza que também participa da celebração de louvor.

Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.
Foi por ele que a maré

Fez parar o motor:
a lama ficou coberta
e o mau-cheiro não voou.
E a alfazema do sargaço,
ácida, desinfetante,
veio varrer nossas ruas
enviada do mar distante.
E a língua seca de esponja
que tem o vento terral
veio enxugar a umidade
do encharcado lamaçal.

Toda natureza se encanta com o nascimento que veio conferir vida nova, revitalizando a vida Severina e “inaugurando uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa” (BOFF, 2008, p. 26), gestadora de esperança do sonho de vida mais digna.

A literatura torna-se uma interlocutora privilegiada de mensagens da vida humana, das contingências e das utopias sociais, ela se presta ao diálogo com a própria natureza física, como uma substituição estética de um princípio transcendente que encontra sua expressão própria no horizonte do sagrado. A Literatura é a voz de vida humana, da natureza e da beleza que emana de Deus. A natureza reverencia a vida em todas as suas formas, instalando uma comunhão perfeita que liberta e encanta a vida, tornando-a mais forte que a morte.

A metáfora formal e imaterial da sinergia cósmica⁵⁶ revela a ordem que o menino veio trazer a comunidade que sofre dos mesmos problemas de todos os “Severinos,” para afirmar que é possível mudar o curso da história e da vida, quando se participa de uma ação humana que ultrapassa os limites da imanência e estabelece a experiência de transcendência, como tão bem afirma Barcellos: “como forma de resgate da condição humana em sua espessura material e densidade simbólica” (BARCELLOS, 2001, p. 57) legitimando, assim, a dimensão religiosa.

A vida que renasce nos mangues, vem trazer vida para todos, é a religião do amor, aquela que vem sempre acompanhada de boas ações e da valorização das diferenças, com o objetivo de acolher a solidariedade e a convergência construída a partir da diversidade das culturas.

55 Sinergia Cósmica – comunhão de toda natureza que no poema significa uma energia vital que revigora o princípio que sustenta todos os seres em sua relacionalidade. (BOFF, 2008, p. 227)

Como vemos, a Literatura enfatiza aspectos fundamentais sobre o imaginário religioso da vida humana, o que pode ser imprescindível para compreensão da fé de um povo.

Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.
E a banda de maruins
que toda noite se ouvia
por causa dele, esta noite,
creio que não irradia.
E este rio de água cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

Na celebração da vida, a natureza apresenta uma profunda religiosidade, a exemplo da estrela que brilhou no nascimento de Cristo para estabelecer o princípio dinâmico de auto-organização, que age em cada uma das partes e do todo. É o mistério contido no texto literário de João Cabral de Melo Neto, portador de uma reflexão autenticamente encarnada nas Ciências da Religião, isso se dar porque as Ciências da Religião é a decodificadora dessa mensagem do discurso religioso.

Barcellos (2001) adverte que, para se descobrir a dimensão religiosa de um texto, é indiferente a fé pessoal do autor. O que analisamos é uma estrutura linguística literária que implica uma reflexão da dimensão religiosa. É o que acontece em João Cabral de Melo Neto; ele se declara ateu, mas sua poesia é portadora de uma profunda religiosidade ao ponto de Tenório (1996, p. 44) afirmar: “João Cabral de Melo Neto é um teólogo inconfessável e completa, a poesia é uma teologia vinda de Deus”, porque fala das formas mais interiorizadas e espiritualizadas da condição humana.

Severino fez a escolha de migrar, que nesse sentido significa esperança de busca de salvação na tentativa de afastar-se de uma vida traçada pela miséria e pela morte. Migrar significa para Severino agarrar o destino na expectativa de suscitar sonhos de libertação, para encontrar sua verdadeira identidade de participante da vida. Conforme Barcellos (2001, p. 67): “a Literatura é sempre o

testemunho de uma realidade humana, pode-se afirmar rigorosamente a possibilidade de uma teologia de qualquer obra literária”. Por isso, pode-se afirmar também, que é possível uma leitura à luz das Ciências da Religião de qualquer obra literária. No poema *Morte e Vida Severina*, que enfoca o drama humano claramente superposto aos mitos de vida e morte, está perpassado de religiosidade, que com o suporte das Ciências da Religião se torna uma via indispensável na tarefa do educador do Ensino Religioso, que pretende contribuir com a formação integral de seus educandos (BARCELLOS, 2001, p. 67).

3.3 Os Reis Magos do Manguê e a Solidariedade

Os reis magos⁵⁷ fazem parte do cenário da festa natalina, que é uma das mais belas festas do Cristianismo. São personagens bíblicos que, guiados por uma estrela, foram ao encontro do Menino Jesus. “Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia no tempo do rei Herodes, eis que vieram os reis magos do Oriente a Jerusalém Mt 2, 1-2”. Os magos, também chamados sábios astrólogos, ofereceram presentes ao menino, ouro simbolizando a realeza, incenso a fé e mirra a imortalidade (BÍBLIA, p. 1839-1840), eles representavam o povo e todas as nações, os ricos e os pobres revelando que todos devem curvar-se diante de Jesus que nasce pobre numa estribaria, rodeados de animais. As pessoas do manguê, participam dessa experiência de sentido, em sua simplicidade, têm a sabedoria dos reis magos e oferecem presentes ao menino que acabara de nascer.

No poema *Morte e Vida Severino*, o presépio confere um ambiente cheio de beleza, simplicidade, despojamento e encantamento espiritual. Os reis magos são representados pelas pessoas que num gesto de solidariedade irrestrita, oferecem os presentes para alimentar as necessidades básicas de sobrevivência do novo pernambucano, cada um oferece o que tem de melhor, com cuidado, veneração e ternura para com a vida.

Minha pobreza tal é

⁵⁷ Os magos eram sábios astrólogos escribas, Lucas 5, 17. Tinham a função de intérpretes das escrituras, particularmente da Lei mosaica para tirar daí as normas de comportamento da vida judaica. Essa função lhes assegurava prestígio e influência no meio do povo. “A adoração dos magos era o cumprimento dos oráculos messiânicos a respeito da homenagem que as nações prestariam ao Deus de Israel.” (BÍBLIA, 1985, p. 1839-1840).

que não trago presente grande:
 trago pra mãe caranguejos
 pescados por esses mangues;
 mamando leite de lama
 conservará osso sangue.
 Minha pobreza tal é
 que coisa não posso ofertar:
 somente o leite que tenho
 para o meu filho alimentar;
 aqui são todos irmãos,
 de leite, de lama, de ar.
 Minha pobreza tal é
 que não tenho presente caro:
 como não posso trazer
 um olho d'água de Lagoa do Cerro,
 trago aqui água de Olinda,
 água da bica do Rosário.
 Minha pobreza tal é
 que grande coisa não trago:
 trago este canário da terra
 que canta sorrindo e de estalo.
 Minha pobreza tal é
 que minha oferta não é rica:
 trago daquela bolacha d'água
 que só em Paudalho se fabrica.
 Minha pobreza tal é
 que melhor presente não tem:
 dou este boneco de barro
 de Severino de Tracunhaém.
 Minha pobreza tal é
 que pouco tenho o que dar:
 dou da pitu que o pintor Monteiro
 fabricava em Gravatá.
 Trago abacaxi de Goiana
 e de todo o Estado rolete de cana.
 Eis ostras chegadas agora,
 apanhadas no cais da Aurora.
 Eis tamarindos da Jaqueira
 e jaca da Tamarineira.
 Mangabas do Cajueiro
 e cajus da Mangabeira.
 Peixe pescado no Passarinho,
 carne de boi dos Peixinhos.
 Siris apanhados no lamaçal
 que já no avesso da rua Imperial.
 Mangas compradas nos quintais ricos
 do Espinheiro e dos Aflitos.
 Goiamuns dados pela gente pobre
 da Avenida Sul e da Avenida Norte.

Todos oferecem o que é peculiar de cada cidade próxima e bairros do Recife, numa demonstração de gestação de um mundo novo, no qual a vida tem mais direito que a morte, como nos afirma Boff (2010, p. 16): “Bem-aventurados os que

buscam novos caminhos para sobrevivência, novas formas de produzir, de distribuir comunitariamente, de consumir em partilha”. Na experiência dessa solidariedade, sem limites surge a esperança, fruto da luta, que ajuda o povo a continuar sonhando e resistindo para gestar uma sociedade mais humana e feliz.

Nesse sentido, as palavras de Boff (1987, p. 87) trazem a reflexão de que: “Devemos propor o cuidado, para que todos possam continuar a existir e não sejam marginalizados ou eliminados em nome dos imperativos e do interesse de grupos ou um tipo de cultura”. É por meio de ações concretas que se pode dar corpo a solidariedade incondicional, descrita nos versos do poema. Essa ação solidária cria uma ética do cuidado, tão recomendada por Boff (2008, p. 26), para que todos possam continuar a viver e não sejam eliminados em nome do interesse de uma cultura de exclusão, que coloca a ambição acima da dignidade humana e gera a desesperança. A solidariedade dos versos ultrapassa a pobreza e neutraliza a ideia de morte para que a vida renasça com a possibilidade de criar algo novo, ou seja, uma visão mais integradora da própria vida, pois a poesia de João Cabral de Melo Neto serve como revolta simbólica do “existir aguado⁵⁸” descrito por (TENÓRIO, 2005, p. 115) da vida Severina.

As lições de solidariedade como exigência ética, indispensável para a convivência humana, estão contidas no poema, em forma de experiência de vida, que é transmitida ao leitor sem necessidade de um trabalho artístico mais apurado. João Cabral de Melo Neto com sua poesia estabelece mediações para que o ser humano compreenda sua realidade e possa se apropriar de relações sociais para expressar suas ideologias e anunciar suas utopias.

3.4 Religiosidade Severina

Uma reflexão da dimensão religiosa a partir da experiência do povo deve ter como objetivo, julgá-la e interpretá-la para levar em conta as narrações feitas por esse povo e a maneira como a Literatura incorporou a religião como fator fundamental para a compreensão do nosso destino histórico. A Literatura se nutre desse tipo de religião como marco de um sistema simbólico que a hermenêutica das Ciências da Religião quer explicar com linguagem própria, pois essa área de estudo

⁵⁸ Existir aguado – existir sem vida digna, sem sentido de pertencimento. Para Bauman, (2000, p. 120), é viver em espaços vazios de significado.

trata de explicitar um conhecimento ou realidade cultural/espiritual específicas, ou seja, a religião, que se manifesta de forma plural na história por meio das várias manifestações do fenômeno religioso, apresentando uma estrutura fundamental de valores projetados e ou codificados da sociedade e da cultura.

A Literatura é, portanto, essa porta de entrada tanto para compreensão da complexidade do humano, como a compreensão da dimensão do sagrado das culturas. O povo é visto dentro daquilo que ele oferece como produção cultural, como criação de concepções de mundo e produção de estruturas que se tornam normativas de vida; é visto também, dentro de um universo ficcional, no caso de *Morte e Vida Severina* de caráter mais realista situacional, configurando seus anseios mais profundos, ao mesmo tempo em que aponta para desejos de realizações.

A Literatura não tem como objetivo explicar o lugar do sujeito no mundo; ela está interessada em compreendê-lo dentro dos grupos sociais para compreender as suas experiências religiosas e reinterpretá-las, a partir da luz das Ciências da Religião, pois essas experiências religiosas podem alterar percursos e modificar caminhos, possibilitando a interpretação dos diversos aspectos da totalidade da vida humana. O poema *Morte e Vida Severina - Auto de Natal Pernambucano* - é portador da vivência coletiva de um grupo que emerge e está presente na realidade social dos mangues do Recife.

A religiosidade está perpassada em todo o poema, a começar pela apresentação do personagem Severino. Ele, ao dizer seu nome, afirma que não tem “outro de pia” revelando sua identidade religiosa de um universo cristão, pois fica claro que foi batizado dentro do catolicismo hegemônico na região.

Severino prossegue com sua apresentação sempre caracterizada pelo aspecto religioso e, não conseguindo se distinguir dos demais Severinos, se apresenta como santo de romaria. Ora, romaria⁵⁹ no Nordeste é um tipo de religiosidade muito presente na cultura, em que os romeiros vão em busca dos lugares sagrados.

⁵⁹ Romaria – Experiência religiosa que pertence à religiosidade popular, entendida como estratégia religiosa de segunda ordem. O romeiro vai em busca de um encontro e não fica satisfeito até não entrar em contato com o sagrado, com aspectos, visíveis, tangíveis do mesmo sagrado”. (TERRIN. 2003, p. 265). As romarias foram trazidas de Portugal para o Brasil no século XVII e cultivam um amor às imagens que leva o romeiro a fazer sacrifícios até atingir seu objetivo, a identificação com o sagrado. Esse culto chama-se “iconofilia”. (TERRIN, 2003, p. 265)

O meu nome é Severino,
 como não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.

Severino não conseguindo sair do coletivo relata, que é filho de Maria do finado Zacarias, mas a filiação não consegue identificá-lo, porque ainda havia seis meninos chamados Severino, cuja mãe se chamava Maria e os pais Zacarias, essa escassez de noções de identidade denuncia a autoridade abusiva do coronel, já falecido que se chamava Zacarias.

Em Morte e vida Severina, pode-se observar que Severino, embora não demonstre direcionamento a divindades, em todo seu percurso migratório, as representações de religiosidade estão inseridas naquelas paragens. Maria e Zacarias são nomes do universo bíblico, Maria é o nome da mãe de Jesus e Zacarias é o nome do pai de São João Batista. Portanto, aparece uma religiosidade de tradição do catolicismo popular cristão.

Ao longo do poema encontram-se outras manifestações de religiosidade, além do nascimento do menino, já descrito em páginas anteriores, aparece a figura do mestre carpina, que tem o mesmo nome e o mesmo ofício de São José, o pai de Jesus. Seu José, Mestre Carpina revela a extraordinária riqueza do simbolismo religioso, inclusive é de Nazaré da Mata. São José também era da cidade de Nazaré, na Judeia. Toda essa exposição se constitui uma metáfora para revelar a religiosidade do Auto de Natal Pernambucano, que João Cabral de Melo Neto escreve para resgatar o sentido original da festa cristã, através da realidade nordestina.

Esse começo do poema indica que a identidade de Severino está condicionada a um grupo sociocultural “iguais em tudo na vida” e está associada às práticas religiosas. É nesse contexto de aprendizado das feições das culturas e tradições religiosas, que Severino busca afirmação para dar sentido à existência.

Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,

lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados , Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.

Essa religiosidade não se vincula diretamente a uma profissão de fé, mas faz parte do catolicismo popular com sua origem laica, seu sentido devocional e seu caráter penitencial. Segundo Oliveira (2000, p. 75), esse catolicismo permite uma reflexão sobre o princípio dinâmico do substrato religioso da diversidade cultural de um povo.

Atenção peço, senhores,
 para esta breve leitura:
 somos ciganas do Egito,
 lemos a sorte futura.
 Vou dizer todas as coisas
 que desde já posso ver
 na vida desse menino
 acabado de nascer:
 aprenderá a engatinhar
 por aí, com aratus,
 aprenderá a caminhar
 na lama, como goiamuns,
 e a correr o ensinarão
 o anfíbios caranguejos,
 pelo que será anfíbio
 como a gente daqui mesmo.

Há, nos versos acima, as profecias das ciganas do Egito, seus vaticínios, que fazem parte da diversidade religiosa, e não indicam a ultrapassagem da condição Severina para uma vida mais digna. A primeira cigana prevê o menino dentro do ciclo da miséria e a segunda associa o futuro do menino a uma realidade, que diverge não em natureza da primeira, mas em grau, pois tanto operário como pescador de manguezais fazem parte do ciclo de pobreza, que gera a exploração e injustiça.

Não o vejo dentro dos mangues,
 vejo-o dentro de uma fábrica:

se está negro não é lama, é
 graxa de sua máquina, coisa
 mais limpa que a lama do
 pescador de maré
 que vemos aqui vestido
 de lama da cara ao pé.

A grande resposta ao pessimismo das previsões das ciganas é dada pela comunidade que se reúne para celebrar a formosura do menino, como símbolo de resistência coletiva ao império da miséria e da morte, como diz Boff (2008, p.78),

Ao romper esse empecilho, o olho capta o que sempre esteve presente: o gracioso advento da divindade e a possibilidade do extasiar humano. Essa percepção está na raiz sã de toda religiosidade. É o que explica a volta vigorosa do religioso e do místico em todas as culturas mundiais: uma nova capacidade de encantamento admiração e magia.

O encantamento da comunidade resgata a grandeza e a beleza da vida, que mesmo sendo Severina, brota como resposta continuamente renovada com a realidade imanente, que é também transcendente, porque rompe os interditos das experiências imediatas e supõe entender a existência enquanto vir-a-ser, pois “a transcendência não permanece presa às situações dadas, mas escolhe e decide, conferindo significações as ações” (ALMEIDA, 2000, p. 32).

De sua formosura
 já venho dizer:
 é um menino magro,
 de muito peso não é,
 mas tem o peso de homem,
 de obra de ventre de mulher [...]
 - Sua formosura
 eis aqui descrita:
 é uma criança pequena,
 enclenque e setemesinha,
 mas as mãos que criam coisas
 nas suas já se adivinha.
 - De sua formosura
 deixai-me que diga:
 é belo como o coqueiro
 que vence a areia marinha.
 - De sua formosura
 deixai-me que diga:
 belo como o avelós
 contra o Agreste de cinza.
 - De sua formosura,
 deixe-me que diga:

belo como a plamatória
 na caatinga sem saliva.
 - De sua formosura
 dei-me que diga:
 é tão belo como o sim
 numa sala negativa. [...]

- Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
- Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova
inaugurando seu dia.
- Ou como o caderno novo
Quando a gente o principia.
- E belo porque com o novo
todo velho contagia.
- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
- Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
- Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.

A comunidade confere a misteriosa capacidade que permite a vida encontrar sentido de existir. Tenório (1996, p. 162) tem razão quando afirma que a poesia de João Cabral de Melo Neto é marcada pela irrupção simultânea de três momentos da consciência: a consciência mítica, a consciência intelectual, e a consciência existencial.

A consciência mítica, conforme Eliade (2000, p. 36) é aquela que o indivíduo evoca a presença do mito e o torna contemporâneo. A narrativa do poema Morte e Vida Severina atualiza a realidade, confirmando marcas de religiosidade da vida do povo, tais como procissões, novenas de santos, rituais de morte; tudo ligado ao mito cristão.

O mito imprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais, garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva. (ELIADE, 2000, p. 23)

A Literatura é um saber que congrega diversos aspectos de vida humana. No poema em estudo, são incorporadas diversas críticas dentro de um padrão estético, uma delas é o cordel, que oferece critérios de julgamento, através de um simbolismo

histórico do Nordeste para propiciar ao leitor um comprometimento com a cultura da justiça e da solidariedade, como exigências éticas indispensáveis nos nossos dias.

No poema, um estudo, destaca-se uma reflexão sobre a religiosidade, a partir da compreensão das Ciências da Religião como decodificadora dessa dimensão, para oferecer possibilidades no fazer pedagógico do Ensino Religioso de criar inúmeras reconstruções do fenômeno religioso a partir das culturas, a fim de possibilitar religação do homem com o sagrado conferindo significações a suas ações. Esse estudo deve ser examinado em sua especificidade histórica, social e cultural, como recomenda Teixeira (2006, p. 36), pois se trata de um fato que “lida com um objeto de estudo extremamente complexo, que exige uma formação adequada multifacetada e que resiste a simplificações”.

Morte e Vida Severina apresenta aspectos fundamentais do imaginário religioso do povo nordestino, que sustenta a vida sociológica, antropológica e religiosa no contexto das crenças vividas e manifestadas por esse povo. O poema, como sistema simbólico, expõe uma carga de significado religioso, que só a hermenêutica das Ciências da Religião será capaz de explicar e dar resposta a essa pluralidade.

Portanto, a poesia não é somente para ser lida, mas para ser estudada a partir da ótica do leitor. Este trabalho tem a finalidade de estabelecer o diálogo da Literatura com a área de conhecimento do Ensino Religioso e as demais áreas, com o objetivo de abordar o concreto da vida e revelar que a existência humana só é possível graças às religações com o sagrado. Sem essa dimensão, instala-se o caos e a vida perde seu sentido. Nessa visão, Eliade (2001, p. 36) afirma: “Não se pode viver sem uma abertura para o transcendente, em outras palavras, não se pode viver no caos. Uma vez perdido o contato com a transcendência, a existência no mundo já não é possível.”

Toda migração de Severino constitui em romper as dificuldades impostas pela seca e pela falta de tudo. Sua migração teve como objetivo a libertação da inércia dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas pré-estabelecidas e das verdades inquestionáveis (BAUMAN, 2004, p. 56). Severino buscou encontrar-se com o seu eu e denota acreditar em suas escolhas.

Nos versos, abaixo, Seu José, Mestre Carpina extasiado pela solidariedade instaurada com a nova vida Severina, aposta na potência criadora da explosão da

vida, assinalando a esperança como resposta a todos os questionamentos da vida Severina.

Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

Lembramos que a Literatura se constitui um importante patrimônio de experiências sociais, religiosas e culturais, evidentes no Auto de Natal Pernambucano, as quais oferecem excelentes contribuições para serem trabalhadas no fazer pedagógico do Ensino Religioso, contribuições tais como: a religiosidade, a identidade a solidariedade, a esperança, a valorização da vida, a espiritualidade, valores tão importantes que, em diálogo com os outros saberes do cotidiano da escola e outras áreas de conhecimento, têm o objetivo de possibilitar o reconhecimento da visualização da miséria que infecciona toda a paisagem e descobrir que “Severino é plural, é um povo” (TENÓRIO, 1996, p. 113), de uma história vergonhosa produzida pela falta de políticas sociais em favor dos pobres do Nordeste.

A poesia de João Cabral de Melo Neto expressa uma consciência existencial profunda porque denuncia a miséria produzida pelas grandes oligarquias e pela divisão injusta de terra. O poema ainda revela ensinamentos de uma cultura que precisa ser vista como herança de um povo que não aceita mais ser discriminado, mas movido pela esperança migra em busca de vida que não seja Severina.

A migração de Severino deve ser compreendida como uma metáfora do drama humano, o drama daqueles que, cheios de perspectivas, lutam por uma vida mais digna, mais plena, apesar das dificuldades. O nascimento da criança é a

grande lição, que reforça o símbolo da comunhão espiritual. Ela é o símbolo da esperança de todos que acreditam na ação criadora do bem.

No poema, há uma espiritualidade latente, que mesmo os mais céticos são capazes de identificar. Essa espiritualidade é o fio que produziu algo parecido com aquilo que Eliade (2001, p. 86) chama de irrupções do sagrado do mundo. O nascimento do menino é um convite para tornar a teimosia da esperança um símbolo de vitória; é a potência que testemunha que a vida pode se tornar um espetáculo, onde possa ser instaurada a justiça, a solidariedade e a espiritualidade como uma veiculação da dimensão transcendente.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é assim uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é uma explosão
de uma vida Severina.

Eis a grande resposta que Severino buscou em todo seu percurso: sentir-se sujeito de suas ações e de sua vida, como ser humano que aprende à medida que convive, relaciona-se e dialoga continuamente com os outros.

Os capítulos anteriores deste trabalho foram desenvolvidos com o objetivo de possibilitar a aproximação do diálogo da Literatura com o Ensino Religioso, fundamentada pela epistemologia das Ciências da Religião, que oferece um olhar no campo religioso dentro de sua complexidade a partir de uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar, proporcionando abertura de espaços de reflexão que encaminham a descobertas de valores indispensáveis à formação cidadã, pois como afirma Passos (2006, p. 36):

A religião não é coisa tão somente do indivíduo que crer e milita em uma igreja ou tão somente das instituições confessionais; ela é um fato antropológico e social, que permeia de maneira ativa todos os âmbitos da vida dos cidadãos que compõem o estado plural e laico.

As Ciências da Religião, por seu caráter não confessional, é a ciência humana, que tem a postura mais adequada para estudar esse campo religioso que se apresenta na sociedade como imperativo do mundo moderno. Ela explica o fato religioso contido no texto literário, não como opção de fé ligada a uma confissão religiosa, mas como uma necessidade de responder aos questionamentos existenciais da vida humana, promovendo descobertas que podem favorecer o estudo do fenômeno religioso a partir da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa caminhada, ideias foram sendo construídas dentro de um horizonte de possibilidades e leituras do texto de João Cabral de Melo Neto, o poema *Morte e Vida Severina*, que fala da realidade do Nordeste, de sua cultura, da sociedade e da vida povo. Nesse caminhar, verificou-se que João Cabral de Melo Neto esteve ativamente inserido em seu contexto histórico e social, assumindo criticamente sua atuação na vida coletiva, através do comprometimento dos problemas do seu tempo. João Cabral de Melo Neto fez de sua vida e de sua obra uma aventura para nos ensinar a conhecer a realidade nordestina e do Recife em suas implicações sociológicas, antropológicas, políticas, sociais e religiosas, para, a partir desse conhecimento, formatar posturas que possibilitem novos procedimentos e o surgimento de novos horizontes, novas preocupações com possibilidades de mudanças dessa realidade. Foi o exemplo ensinado pelo personagem principal do texto que acabamos de estudar.

Nossa jornada de leituras e interpretações do poema narrativo, *Morte e Vida Severina*, teve como objetivo descobrir formas de reencantar a educação com nuances de parceria com a Literatura. Sobretudo, nosso propósito foi oferecer aos envolvidos com a proposta pedagógica do Ensino Religioso trabalhar outros saberes em que se refletem sobre a condição humana, com a esperança de fomentar possibilidades de uma espiritualidade que ofereça uma integração bem sucedida da existência humana.

Este estudo que iniciamos com o poema *Morte e Vida Severina* nos mostrou que há outras possibilidades de trabalhar o fenômeno religioso, sem, contudo, trabalhar as religiões com seus dogmas de fé e suas doutrinas, pois o fato religioso faz parte das culturas e emerge nas produções literárias, oferecendo condições diversas para se trabalhar os Eixos Temáticos do Ensino Religioso a partir da leitura e interpretação de obras literárias. Foi o que apresentamos no estudo do poema *Morte e Vida Severina*.

Nossa preocupação com esta dissertação foi demonstrar que esta parceria tem que se dar a conhecer para desmistificar as dificuldades encontradas no fazer pedagógico desse ensino na escola e avançar nas discussões para operacionalizar aulas a partir de textos literários, não só destacando a presença da manifestação do religioso, mas identificando ao mesmo tempo, os espaços, os lugares e as

condições de vida do povo, com a finalidade de possibilitar fazer o intercâmbio com outras áreas do conhecimento para promover o reencontro com outros componentes curriculares, afim de facilitar uma renovação em nossas práticas pedagógicas, o texto literário é o meio e o veículo que suscitará está prática no universo da escola.

As narrativas literárias ressignificam o mundo, sendo capazes de gerar uma nova visão de vida e um modo de ensinar a partir de uma leitura pré-elaborada para evidenciar no texto literário, sobretudo, o que enfocamos nesta pesquisa, as oportunidades que ele oferece para aplicar a investigação da religião, considerando que o fenômeno religioso se inscreve na linguagem e serve de acesso para fazer a leitura das culturas e tradições religiosas dos vários contextos culturais, além de prover os educandos do conhecimento das culturas. Esta realidade, enfatizamos na obra de João Cabral de Melo Neto que tem como subtítulo Auto de Natal Pernambucano, que além de apresentar o aspecto religioso do Natal, apresenta também uma celebração cultural típica de Pernambuco, o Pastoril.

Da obra poética de João Cabral de Melo Neto, pode-se dizer que, “o poema é sentido como a manifestação particular, em certo tempo e lugar, de um vasto discurso que, globalmente, é uma metáfora dos discursos comuns metidos no bojo do grupo social” (ZUMTHOR, p. 159), para evidenciar a esperança, a solidariedade e a religiosidade vividas por este grupo e descobrir que, nesta cultura, a beleza e as lições de verdade se uniram para buscar o desvelamento do humano da vida que se alimenta da esperança, para revelar que a poesia, como diz Tenório (1996, p. 44) “é uma teologia vinda de Deus”.

Assim, extraindo a dimensão da religião desse texto poético, como noção de transcendência que alimenta a vida humana, a solidariedade como comprometimento de gestar esperança de que em cada “vida explodida” seja o nascimento de uma nova explosão de sentido que alimenta a vida na teimosia de se fabricar, e a identidade sirva para o comprometimento da gestação da justiça no mundo. Desejamos a conquista desses espaços nas propostas pedagógicas das unidades produtoras de ensino com o objetivo de realizar a tarefa de educar para a cidadania e a formação da vida.

Durante a construção desta dissertação, tendo como campo de estudo a poesia de João Cabral de Melo Neto, o qual narra toda realidade nordestina e as várias manifestações do substrato religioso desse povo, pode-se perceber na narrativa, a inesgotável presença da religiosidade contida em todo o poema. Esta

obra, também, nos convida a assumir o compromisso de “encaminhar o mundo para uma maior compreensão mútua, mais sentido de responsabilidade e mais solidariedade na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais” (BELORS, 1999, p. 50).

O Ensino Religioso, ao permitir o intercâmbio com a Literatura, certamente fará uma discussão frutífera para que esse componente seja um meio de religação do homem com o sagrado, na perspectiva da construção de uma educação humanizadora, tendo em vista que “o objetivo do conhecimento (ciência) não é o de descobrir o segredo do mundo numa palavra mestra. É de dar lugar ao mistério do mundo” (MORIN, 2005, p. 89).

Durante esse percurso pela poesia de João Cabral de Melo Neto, pretendeu-se despertar novas interpretações pelo mundo fantástico da Literatura e da Religião como possibilidades de oferecer reflexões aos novos caminhantes por essas paisagens, para que se organizem novos espaços onde brotem a vida. Espera-se que este trabalho favoreça o despertar para o interesse e a necessidade de fazer algo que facilite o reencantamento de educar, “pois o aprender se refere ao desenvolvimento de uma rede de experiências pessoais de conhecimento socialmente validável no conveio humano” (ASSMANN, 2003, p. 192) com o propósito de contribuir para a construção da cidadania, salvaguardando-se a igualdade de direito de todos terem acesso à sistematização dos conhecimentos, inclusive o conhecimento religioso.

O estudo da obra de João Cabral de Melo Neto é sempre desafiador, já que representa a socialização de uma realidade da cultura com seus recortes específicos do Nordeste, seus elementos culturais, sua religiosidade, seus costumes que permitem diferentes posturas, diversos debates e abre possibilidades de análises que irão facilitar a legitimação de construção do social.

Esse caminho nos levou a novos procedimentos para a construção de outros saberes, que admitam efetuar o desenvolvimento da visão crítica do substrato religioso das culturas, levando em consideração que o objeto de estudo do Ensino Religioso abre possibilidades de estabelecer o diálogo com outras áreas, buscando estimular a ação pedagógica, para alcançar uma melhoria participativa e qualitativa, que permita aos sujeitos envolvidos nesse processo de ensino ressignificar sua prática e sua própria vida.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **Fé na Educação: como ensinar Religião?** Disponível em <http://cronicap.blogspot.com/2012/02/fe-na-educacao.html>.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação, epistemologia e didática**. 3 ed. Piracicaba: Unimep, 2001.
- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Espiritualidade**. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. São Paulo: Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.
- BERGER, Peter.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 2004.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- _____. **Civilização Planetária**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- _____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. São Paulo: Record, 2008.
- _____. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- _____. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- _____. **Ética da Vida**. Brasília: Letraviva, 1999.
- _____. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **Saber Cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CASTELLO, José Carlos. **João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma e diário de tudo**. São Cristóvão: Bertrand Brasil, 2006.
- CASTRO, Maria da Conceição. **Língua e Literatura**. São Paulo: SARAIVA, 1998.

CNBB. **Nordeste**: desafio à missão da igreja no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. **Ensino Religioso no Cenário da Educação Brasileira**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

_____. **Conclusões de Medellín**. Brasília: Edições CNBB, 1988.

Conselho Nacional de Educação. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=866&id=14906&option=com_content&view=article.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

DELORS, Jaques (org.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação no século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO/MEC, 1998.

DUBOIS, Jean et. al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo, Cultrix, 1973.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **BRASIL – O Ensino Religioso na Escola**: de 1500 a 1998. In: BELINQUETE, José. História da Catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste. Coimbra. Gráfica Coimbra Ltda, v. 2, 2010.

_____. **O Tema gerador no currículo de Educação Religiosa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

FILORAMO, G e PRANDI C. **As Ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 2007.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO - FONAPER. **Diversidade Religiosa e Ensino Religioso no Brasil**: memórias, propostas e desafios. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

_____. **Ensino Religioso**: referencial curricular para proposta pedagógica da escola. São Paulo: Ave Maria, 2000.

_____. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. São Paulo: Ave Maria, 1997.

_____. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 9 ed. São Paulo: Ave Maria, 2009.

GRESCHAT, Hans Jurgem. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

INSTITUTO MOREIRA SALES. **Cadernos de Literatura Brasileira: João Cabral de Melo Neto.** São Paulo, 1998.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; OLIVEIRA, Lilian Blanck (orgs.). **O Ensino Religioso: memórias e perspectivas.** Curitiba: Campagnat, 2006.

_____. **O Processo de Escolarização do Ensino Religioso no Brasil.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

LIBÂNIO, João Batista; FILHO, Miguel Martins. **A busca do Sagrado.** São Paulo: FTD, 1991.

LUCAS, Fábio. **O poeta e a mídia.** São Paulo: Editora Senac, 2003.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras: Teologia e Literatura em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2000.

MARTIN, Leonardo. **Para entender linguística.** São Paulo: Parábola, 2003.

MARTINI, Antonio et. al. **O Humano, Lugar do Sagrado.** 7 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana.** São Paulo: Cortez, 2003.

MUNDURUCU, Daniel. **O Banquete dos Deuses.** São Paulo: Global, p. 28, 2009.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PADEN, William. **Interpretando o sagrado: Modos de conceber a religião.** São Paulo: Paulinas, 2001.

PASSOS, João Décio. **Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas.** In: SENA, Luzia (org.) **Ensino Religioso e formação docente: Ciências da Religião e Ensino Religioso em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2006.

POZZER, Adecir; CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lilian Blanck de; KLEIN, Remí. **Diversidade religiosa e ensino religioso no Brasil: memórias, propostas e desafios.** Obra comemorativa aos 15 anos do FONAPER. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral: A Poesia do Menos e outros ensaios cabralinos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

SENA, Luzia. **Ensino Religioso formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. **No limiar do mistério**. São Paulo: Paulinas, 2004.

TENÓRIO, Waldecy. **A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral**. São Caetano do Sul: Ateliê, 1996.

TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Paulinas, 2003.

USARKI, Frank. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ZAIDAN, Michel Filho. **O fim do Nordeste & outros mitos**. São Paulo: Cortez, 2001.

ZUNTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: a "Literatura" medieval**. Tradução Amálio Pinheiro (parte I). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ANEXO

MORTE VIDA SEVERINA

O retirante explica ao leitor quem é e a que vai

— O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias. Mais
 isso ainda diz pouco: há
 muitos na freguesia,
 por causa de um coronel
 que se chamou Zacarias e
 que foi o mais antigo senhor
 desta sesmaria. Como então
 dizer quem falo ora a
 Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino filhos
 de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo na vida:
 na mesma cabeça grande que
 a custo é que se equilibra, no
 mesmo ventre crescido sobre
 as mesmas pernas finas
 e iguais também porque o sangue,
 que usamos tem pouca tinta.
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:
 que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte
 de fome um pouco por dia (de
 fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,

e até gente não nascida).
 Somos muitos Severinos
 iguais em tudo e na sina:
 a de abrandar estas pedras
 suando-se muito em cima,
 a de tentar despertar
 terra sempre mais extinta,
 a de querer arrancar
 alguns roçado da cinza.
 Mas, para que me conheçam
 melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,
 passo a ser o Severino
 que em vossa presença emigra.

*Encontra dois homens carregando um defunto numa rede,
 aos gritos de "Ó irmãos das almas!
 Irmãos das almas! Não fui eu quem matei não!"*

- A quem estais carregando,
 irmãos das almas,
 embrulhado nessa rede? dizei
 que eu saiba.
- A um defunto de nada,
 irmão das almas,
 que há muitas horas viaja
 à sua morada.
- E sabeis quem era ele,
 irmãos das almas,
 sabeis como ele se chama
 ou se chamava?
- Severino Lavrador,
 irmão das almas,
 Severino Lavrador,
 mas já não lavra.
- E de onde que o estais trazendo,
 irmãos das almas,
 onde foi que começou
 vossa jornada?
- Onde a caatinga é mais seca,
 irmão das almas,
 onde uma terra que não dá
 nem planta brava.
- E foi morrida essa morte,
 irmãos das almas,
 essa foi morte morrida
 ou foi matada?
- Até que não foi morrida,
 irmão das almas,
 esta foi morte matada,
 numa emboscada.
- E o que guardava a emboscada,
 irmão das almas
 e com que foi que o mataram,

- com faca ou bala?
— Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mas garantido é de bala,
mais longe vara.
- E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
— Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.
- E o que havia ele feito
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
- Ter um hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava.
- Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas
que podia ele plantar
na pedra avara?
- Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
os intervalos das pedras,
plantava palha.
- E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?
- Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.
- Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?
— Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.
- E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?
- Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.
- E onde o levais a enterrar,
irmãos das almas,

com a semente do chumbo
 que tem guardada?
 — Ao cemitério de Torres,
 irmão das almas,
 que hoje se diz Toritama,
 de madrugada.
 — E poderei ajudar,
 irmãos das almas? vou
 passar por Toritama, é
 minha estrada.
 — Bem que poderá ajudar,
 irmão das almas,
 é irmão das almas quem ouve
 nossa chamada.
 — E um de nós pode voltar,
 irmão das almas,
 pode voltar daqui mesmo
 para sua casa.
 — Vou eu que a viagem é longa,
 irmãos das almas,
 é muito longa a viagem
 e a serra é alta.
 — Mais sorte tem o defunto
 irmãos das almas, pois
 já não fará na volta a
 caminhada.
 — Toritama não cai longe,
 irmãos das almas,
 seremos no campo santo
 de madrugada.
 — Partamos enquanto é noite
 irmãos das almas,
 que é o melhor lençol dos mortos
 noite fechada.

*O retirante tem medo de se extraviar por seu guia, o rio
 Capibaribe, cortou com o verão*

— Antes de sair de casa
 aprendi a ladainha
 das vilas que vou passar
 na minha longa descida.
 Sei que há muitas vilas grandes,
 cidades que elas são ditas
 sei que há simples arruados,
 sei que há vilas pequeninas,
 todas formando um rosário
 cujas contas fossem vilas,
 de que a estrada fosse a linha.
 Devo rezar tal rosário até o
 mar onde termina, saltando
 de conta em conta,
 passando de vila em vila.
 Vejo agora: não é fácil
 seguir essa ladainha

entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta, com
pernas que não caminham.
Tenho que saber agora
qual a verdadeira via
entre essas que escancaradas
frente a mim se multiplicam.
Mas não vejo almas aqui,
nem almas mortas nem vivas
ouço somente à distância
o que parece cantoria.
Será novena de santo,
será algum mês-de-Maria
quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria?

*Na casa a que o retirante chega estão cantando
excelências para um defunto, enquanto um homem, do
lado de fora, vai parodiando a palavras dos cantadores*

— Finado Severino,
quando passares em Jordão
e o demônios te atalharem
perguntando o que é que levas..
— Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.
— Finado Severino,
etc..
— Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.
— Finado Severino,
etc..
— Dize que coisas de não,

ocas, leves:
 como o caixão, que ainda deves.
 — Uma excelência
 dizendo que a hora é hora.
 — Ajunta os carregadores
 que o corpo quer ir embora.
 — Duas excelências...
 — ... dizendo é a hora da plantação.
 — Ajunta os carregadores...
 — ... que a terra vai colher a mão.

*Cansado da viagem o retirante pensa interrompê-la
 por uns instantes e procurar trabalho ali onde se encontra*

— Desde que estou retirando
 só a morte vejo ativa,
 só a morte deparei
 e às vezes até festiva
 só a morte tem encontrado
 quem pensava encontrar vida,
 e o pouco que não foi morte
 foi de vida severina
 (aquela vida que é menos
 vivida que defendida,
 e é ainda mais severina
 para o homem que retira).
 Penso agora: mas por que
 parar aqui eu não podia
 e como Capibaribe
 interromper minha linha?
 ao menos até que as águas
 de uma próxima invernia me
 levem direto ao mar
 ao refazer sua rotina?
 Na verdade, por uns tempos,
 parar aqui eu bem podia
 e retomar a viagem quando
 vencesse a fadiga. Ou será
 que aqui cortando agora
 minha descida
 já não poderei seguir nunca
 mais em minha vida?
 (será que a água destes poços
 é toda aqui consumida
 pelas roças, pelos bichos,
 pelo sol com suas línguas?
 será que quando chegar
 o rio da nova invernia
 um resto de água no antigo
 sobrarão nos poços ainda?)
 Mas isso depois verei:
 tempo há para que decida
 primeiro é preciso achar
 um trabalho de que viva.
 Vejo uma mulher na janela,

ali, que se não é rica,
parece remediada
ou dona de sua vida: vou
saber se de trabalho
poderá me dar notícia.

*Dirige-se à mulher na janela que depois, descobre
tratar-se de quem se saberá*

- Muito bom dia senhora,
que nessa janela está sabe
dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,
poucos existe o que lavar mas
diga-me, retirante,
o que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há mas
até a calva da pedra sinto-me
capaz de arar.
- Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar
diga-me ainda, compadre,
que mais fazias por lá?
- Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.
- Esses roçados o banco
já não quer financiar
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia lá?
- Melhor do que eu ninguém
sei combater, quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.
- Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá
diga-me ainda, compadre
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavras
pela seca faça solar.
- Isto aqui não é Vitória
nem é Glória do Goitá

- e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?
- Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.
- Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, Oxalá!
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
- Em qualquer das cinco tachas
de um bangüê sei cozinhar
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.
- Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já nada
mais o retirante
aprendeu a fazer lá?
- Ali ninguém aprendeu
outro ofício, ou aprenderá
mas o sol, de sol a sol,
bem se aprende a suportar.
- Mas isso então será tudo
em que sabe trabalhar?
vamos, diga, retirante, outras
coisas saberá.
- Deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.
- Essa vida por aqui
é coisa familiar
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
- Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.
- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.
- E ainda se me permite

que volte a perguntar:
 é aqui uma profissão
 trabalho tão singular?
 — é, sim, uma profissão,
 e a melhor de quantas há:
 sou de toda a região
 rezadora titular.
 — E ainda se me permite
 mais outra vez indagar:
 é boa essa profissão
 em que a comadre ora está?
 — De um raio de muitas léguas
 vem gente aqui me chamar
 a verdade é que não pude
 queixar-me ainda de azar.
 — E se pela última vez
 me permite perguntar:
 não existe outro trabalho
 para mim nesse lugar?
 — Como aqui a morte é tanta,
 só é possível trabalhar
 nessas profissões que fazem
 da morte ofício ou bazar.
 Imagine que outra gente
 de profissão similar,
 farmacêuticos, coveiros,
 doutor de anel no anular,
 remando contra a corrente
 da gente que baixa ao mar,
 retirantes às avessas,
 sobem do mar para cá.
 Só os roçados da morte
 compensam aqui cultivar,
 e cultivá-los é fácil:
 simples questão de plantar
 não se precisa de limpa, as
 estiagens e as pragas
 fazemos mais prosperar
 e dão lucro imediato
 nem é preciso esperar
 pela colheita: recebe-se
 na hora mesma de semear.

*O retirante chega à zona da mata, que o faz pensar,
 outra vez, em interromper a viagem*

— Bem me diziam que a terra
 se faz mais branda e macia
 quando mais do litoral
 a viagem se aproxima.
 Agora afinal cheguei
 nesta terra que diziam.
 Como ela é uma terra doce
 para os pés e para a vista.
 Os rios que correm aqui

têm água vitalícia. Cacimbas
 por todo lado cavando o
 chão, água mina. Vejo agora
 que é verdade
 o que pensei ser mentira
 Quem sabe se nesta terra
 não plantarei minha sina?
 Não tenho medo de terra
 (cavei pedra toda a vida),
 e para quem lutou a braço
 contra a piçarra da Caatinga
 será fácil amansar
 esta aqui, tão feminina.
 Mas não avisto ninguém,
 só folhas de cana fina
 somente ali à distância
 aquele bueiro de usina
 somente naquela várzea
 um bangüê velho em ruína.
 Por onde andaré a gente
 que tantas canas cultiva?
 Feriando: que nesta terra
 tão fácil, tão doce e rica,
 não é preciso trabalhar
 todas as horas do dia,
 os dias todos do mês, os
 meses todos da vida.
 Decerto a gente daqui
 jamais envelhece aos trinta
 nem sabe da morte em vida,
 vida em morte, severina
 e aquele cemitério ali,
 branco de verde colina,
 decerto pouco funciona
 e poucas covas aninha.

*Assiste ao enterro de um trabalhador de eito e ouve o que
 dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério*

— Essa cova em que estás,
 com palmos medida,
 é a cota menor que
 tiraste em vida.
 — é de bom tamanho,
 nem largo nem fundo,
 é a parte que te cabe
 neste latifúndio.
 — Não é cova grande.
 é cova medida,
 é a terra que querias
 ver dividida.
 — é uma cova grande
 para teu pouco defunto,
 mas estarás mais ancho
 que estavas no mundo.

- é uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
- é uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.
- Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.
- Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.
- Agora trabalharás só
para ti, não a meias, como
antes em terra alheia.
- Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.
- Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.
- Trabalharás numa terra que
também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.
- Será de terra tua
derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.
- Será de terra
e tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.
- Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.
- Como és homem, a
terra te dará chapéu: fosses
mulher, xale ou véu.
- Tua roupa melhor
será de terra e não de fazenda:
não se rasga nem se remenda.
- Tua roupa melhor e te
ficará bem cingida: como
roupa feita à medida.
- Esse chão te é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido).
- Esse chão te é bem conhecido
(bebeu o moço antigo)
- Esse chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido).
- Desse chão és bem conhecido
(através de parentes e amigos).
- Desse chão és bem conhecido
(vive com tua mulher, teus filhos)
- Desse chão és bem conhecido

(te espera de recém-nascido).

— Não tens mais força contigo:
deixa-te semear ao comprido.

— Já não levas semente viva:
teu corpo é a própria maniva.

— Não levas rebolo de cana:
és o rebolo, e não de caiana.

— Não levas semente na mão:
és agora o próprio grão.

— Já não tens força na perna:
deixa-te semear na coveta.

— Já não tens força na mão:
deixa-te semear no leirão.

— Dentro da rede não vinha nada,
só tua espiga debulhada.

— Dentro da rede vinha tudo,
só tua espiga no sabugo.

— Dentro da rede coisa vasqueira,
só a maçaroca banguela.

— Dentro da rede coisa pouca,
tua vida que deu sem soca.

— Na mão direita um rosário,
milho negro e ressecado.

— Na mão direita somente
o rosário, seca semente.

— Na mão direita, de cinza,
o rosário, semente maninha,

— Na mão direita o rosário,
semente inerte e sem salto.

— Despido vieste no caixão,
despido também se enterra o grão.

— De tanto te despiu a privação
que escapou de teu peito à viração.

— Tanta coisa despiste em vida
que fugiu de teu peito a brisa.

— E agora, se abre o chão e te abriga,
lençol que não tiveste em vida.

— Se abre o chão e te fecha,
dando-te agora cama e coberta.

— Se abre o chão e te envolve,
como mulher com que se dorme.

*O retirante resolve apressar os
passos para chegar logo ao Recife*

— Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.

O que me fez retirar
não foi a grande cobiça
o que apenas busquei
foi defender minha vida

de tal velhice que chega
 antes de se inteirar trinta
 se na serra vivi vinte,
 se alcancei lá tal medida,
 o que pensei, retirando,
 foi estendê-la um pouco ainda.
 Mas não senti diferença entre
 o Agreste e a Caatinga,
 e entre a Caatinga e aqui a Mata
 a diferença é a mais mínima.
 Está apenas em que a terra
 é por aqui mais macia
 está apenas no pavio, ou
 melhor, na lamparina: pois
 é igual o querosene que
 em toda parte ilumina, e
 quer nesta terra gorda
 quer na serra, de caliça,
 a vida arde sempre com
 a mesma chama mortiça.
 Agora é que compreendo
 por que em paragens tão ricas
 o rio não corta em poços como
 ele faz na Caatinga: vivi a fugir
 dos remansos
 a que a paisagem o convida,
 com medo de se deter,
 grande que seja a fadiga.
 Sim, o melhor é apressar
 o fim desta ladainha,
 o fim do rosário de nomes
 que a linha do rio enfia
 é chegar logo ao Recife,
 derradeira ave-maria do
 rosário, derradeira
 invocação da ladainha,
 Recife, onde o rio some
 e esta minha viagem se fina.

*Chegando ao Recife o retirante senta-se para descansar
 ao pé de um muro alto e caiado e ouve, sem ser notado,
 a conversa de dois coveiros*

— O dia hoje está difícil
 não sei onde vamos parar.
 Deviam dar um aumento,
 ao menos aos deste setor de cá. As
 avenidas do centro são melhores,
 mas são para os protegidos:
 há sempre menos trabalho
 e gorjetas pelo serviço
 e é mais numeroso o pessoal
 (toma mais tempo enterrar os ricos).
 — pois eu me daria por contente

se me mandassem para cá.
Se trabalhasses no de Casa Amarela
não estarias a reclamar.

De trabalhar no de Santo Amaro
deve alegrar-se o colega porque
parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.

— é que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.

Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei).

As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia. Mas
este setor de cá

é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia chega
o comboio de alguém.

— Mas se teu setor é comparado
à estação central dos trens,
o que dizer de Casa Amarela
onde não para o vaivém?

Pode ser uma estação
mas não estação de trem:
será parada de ônibus,
com filas de mais de cem.

— Então por que não pedes,
já que és de carreira, e antigo,
que te mandem para Santo Amaro
se achas mais leve o serviço?

Não creio que te mandassem
para as belas avenidas onde
estão os endereços
e o bairro da gente fina:
isto é, para o bairro dos usineiros,
dos políticos, dos banqueiros,
e no tempo antigo, dos bangunlezeiros
(hoje estes se enterram em carneiros)
bairro também dos industriais,
dos membros das
associações patronais
e dos que foram mais horizontais
nas profissões liberais. Difícil é
que consigas

aquele bairro, logo de saída.
— Só pedi que me mandasse

para as urbanizações discretas,
com seus quarteirões apertados,
com suas cômodas de pedra.
— Esse é o bairro dos funcionários,
inclusive extranumerários, contratados
e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).
Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais
que não se libertaram jamais.
— Também um bairro dessa gente
temos no de Casa Amarela:
cada um em seu escaninho,
cada um em sua gaveta,
com o nome aberto na lousa
quase sempre em letras pretas.
Raras as letras douradas,
raras também as gorjetas.
— Gorjetas aqui, também,
só dá mesmo a gente rica,
em cujo bairro não se pode
trabalhar em mangas de camisa
onde se exige quepe
e farda engomada e limpa.
— Mas não foi pelas gorjetas, não,
que vim pedir remoção:
é porque tem menos trabalho
que quero vir para Santo Amaro
aqui ao menos há mais gente
para atender a freguesia,
para botar a caixa cheia
dentro da caixa vazia.
— E que disse o Administrador,
se é que te deu ouvido?
— Que quando apareça a ocasião
atenderá meu pedido.
— E do senhor Administrador
isso foi tudo que arrancaste?
— No de Casa Amarela me deixou
mas me mudou de arrabalde.
— E onde vais trabalhar agora,
qual o subúrbio que te cabe?
— Passo para o dos industriários,
que também é o dos ferroviários,
de todos os rodoviários
e praças-de-pré dos comerciários.
— Passas para o dos operário,
deixas o dos pobres vários
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos.

— é, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.
— é a gente sem instituto,
gente de braços devolutos
são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.
— é a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
— é a gente retirante que
vem do Sertão de longe.
— Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
— E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar.
— Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
— Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
— E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
— Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
— Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
— O rio daria a mortalha
e até um macio caixão de água
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.
— E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
— Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia morre
gente que nem vivia.
— E esse povo de lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando

cemitério esperando.
 — Não é viagem o que fazem
 vindo por essas caatingas, vargens
 aí está o seu erro:
 vêm é seguindo seu próprio enterro.

O retirante aproxima-se de um dos cais do Capibaribe

— Nunca esperei muita coisa,
 é preciso que eu repita. Sabia
 que no rosário
 de cidade e de vilas,
 e mesmo aqui no Recife
 ao acabar minha descida,
 não seria diferente
 a vida de cada dia:
 que sempre pás e enxadas
 foices de corte e capina,
 ferros de cova, estrovengas
 o meu braço esperariam.
 Mas que se este não mudasse
 seu uso de toda vida, esperei,
 devo dizer,
 que ao menos aumentaria
 na quartinha, a água pouca,
 dentro da cuia, a farinha,
 o algodãozinho da camisa,
 ao meu aluguel com a vida.
 E chegando, aprendo que,
 nessa viagem que eu fazia,
 sem saber desde o Sertão,
 meu próprio enterro eu seguia.
 Só que devo ter chegado
 adiantado de uns dias
 o enterro espera na porta:
 o morto ainda está com vida.
 A solução é apressar
 a morte a que se decida
 e pedir a este rio,
 que vem também lá de cima,
 que me faça aquele enterro
 que o coveiro descrevia:
 caixão macio de lama,
 mortalha macia e líquida,
 coroas de baronesa
 junto com flores de aninga,
 e aquele acompanhamento
 de água que sempre desfila
 (que o rio, aqui no Recife,
 não seca, vai toda a vida).

*Aproxima-se do retirante o morador de um dos mocambos
 que existem entre o cais e a água do rio*

— Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal, sabes
me dizer se o rio

a esta altura dá vau? sabe
me dizer se é funda esta
água grossa e carnal?

— Severino, retirante,
jamais o cruzei a nado
quando a maré está cheia
vejo passar muitos barcos,
barcaças, alvarengas,
muitas de grande calado.

— Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega o abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.

— Severino, retirante pois
não sei o que lhe conte
sempre que cruzei este rio
costumo tomar a ponte
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.

— Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?

— Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço sei
que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.

— Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar?

— Severino, retirante, o mar
de nossa conversa precisa ser
combatido, sempre, de
qualquer maneira, porque
senão ele alarga
e devasta a terra inteira.

— Seu José, mestre carpina,
e em que nos faz diferença que
como frieira se alastre, ou
como rio na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?

— Severino, retirante,

muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.

— Seu José, mestre carpina,
e que diferença faz
que esse oceano vazio
cresça ou não seus cabedais
se nenhuma ponte mesmo
é de vencê-lo capaz?

— Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?

— Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.

— Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?

— Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.

— Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

*Uma mulher, da porta de onde saiu o homem,
anuncia-lhe o que se verá*

— Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando em
vossa prosa entretida: não
sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito

e estais aí conversando pois
sabeis que ele é nascido.

*Aparecem e se aproximam da casa do
homem vizinhos, amigos, duas ciganas, etc.*

— Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.
— Foi por ele que a maré
fez parar o seu motor:
a lama ficou coberta
e o mau-cheiro não voou.
— E a alfazema do sargaço,
ácida, desinfetante,
veio varrer nossas ruas
enviada do mar distante.
— E a língua seca de esponja
que tem o vento terral
veio enxugar a umidade
do encharcado lamaçal.
— Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
— Cada casebre se torna
no mocambo modelar que
tanto celebram os
sociólogos do lugar.
— E a banda de maruins
que toda noite se ouvia
por causa dele, esta noite,
creio que não irradia.
— E este rio de água, cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

*Começam a chegar pessoas trazendo presentes para
o recém-nascido*

— Minha pobreza tal é que
não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.
— Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho para
meu filho amamentar aqui todos
são irmãos,
de leite, de lama, de ar.

— Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago este papel de jornal para
lhe servir de cobertor
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.

— Minha pobreza tal é
que não tenho presente caro:
como não posso trazer
um olho d'água de Lagoa do Cerro,
trago aqui água de Olinda, água da
bica do Rosário.

— Minha pobreza tal é
que grande coisa não trago:
trago este canário da terra
que canta sorrindo e de estalo.

— Minha pobreza tal é que
minha oferta não é rica: trago
daquela bolacha d'água que só
em Paudalho se fabrica.

— Minha pobreza tal é que
melhor presente não tem:
dou este boneco de barro de
Severino de Tracunhaém.

— Minha pobreza tal é
que pouco tenho o que dar:
dou da pitu que o pintor Monteiro
fabricava em Gravatá.

— Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana.

— Eis ostras chegadas agora,
apanhadas no cais da Aurora.

— Eis tamarindos da Jaqueira
e jaca da Tamarineira.

— Mangabas do Cajueiro
e cajú da Mangabeira.

— Peixe pescado no Passarinho,
carne de boi dos Peixinhos.

— Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.

— Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.

— Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

*Falam as duas ciganas que haviam
aparecido com os vizinhos*

— Atenção peço, senhores,
para esta breve leitura: somos
ciganas do Egito, lemos a
sorte futura.

Vou dizer todas as coisas
 que desde já posso ver
 na vida desse menino
 acabado de nascer:
 aprenderá a engatinhar
 por aí, com aratus,
 aprenderá a caminhar
 na lama, como goiamuns,
 e a correr o ensinarão
 o anfíbios caranguejos,
 pelo que será anfíbio
 como a gente daqui mesmo.
 Cedo aprenderá a caçar:
 primeiro, com as galinhas,
 que é catando pelo chão
 tudo o que cheira a comida
 depois, aprenderá com
 outras espécies de bichos:
 com os porcos nos monturos,
 com os cachorros no lixo.
 Vejo-o, uns anos mais tarde,
 na ilha do Maruim,
 vestido negro de lama,
 voltar de pescar siris
 e vejo-o, ainda maior,
 pelo imenso lamarão
 fazendo dos dedos iscas
 para pescar camarão.

— Atenção peço, senhores,
 também para minha leitura:
 também venho dos Egitos,
 vou completar a figura.
 Outras coisas que estou vendo
 é necessário que eu diga: não
 ficará a pescar
 de jereré toda a vida.
 Minha amiga se esqueceu
 de dizer todas as linhas
 não pensem que a vida dele
 há de ser sempre daninha.
 Enxergo daqui a planura
 que é a vida do homem de ofício,
 bem mais sadia que os mangues,
 tenha embora precipícios.
 Não o vejo dentro dos mangues,
 vejo-o dentro de uma fábrica: se
 está negro não é lama,
 é graxa de sua máquina,
 coisa mais limpa que a lama
 do pescador de maré
 que vemos aqui vestido
 de lama da cara ao pé.
 E mais: para que não pensem
 que em sua vida tudo é triste,

vejo coisa que o trabalho
talvez até lhe conquiste:
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.

*Falam os vizinhos, amigos, pessoas que
vieram com presentes, etc*

— De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,
de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.

— De sua formosura
deixai-me que diga:
é uma criança pálida,
é uma criança franzina, mas
tem a marca de homem,
marca de humana oficina.

— Sua formosura
deixai-me que cante:
é um menino guenzo
como todos os desses mangues,
mas a máquina de homem
já bate nele, incessante.

— Sua formosura
eis aqui descrita:
é uma criança pequena,
enclenque e setemesinha,
mas as mãos que criam coisas
nas suas já se adivinha.

— De sua formosura
deixai-me que diga:
é belo como o coqueiro que
vence a areia marinha.

— De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como o avelós
contra o Agreste de cinza.

— De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.

— De sua formosura
deixai-me que diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa.

— é tão belo como a soca
que o canavial multiplica.

— Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
— Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
— é tão belo como as ondas
em sua adição infinita.

— Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
— Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
— Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
— Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.

— E belo porque o novo
todo o velho contagia.
— Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
— Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
— Com oásis, o deserto,
com ventos, a calma.

*O carpina fala com o retirante que esteve de fora,
sem tomar parte de nada*

— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina

mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(NETO, 2006, p. 49-86)